II Reis

Silvio Dutra

NOV/2015

Sumário:

II Reis 1	3
II Reis 2	11
II Reis 3	26
II Reis 4	34
II Reis 5	47
II Reis 6	58
II Reis 7	68
II Reis 8	74
II Reis 9	86
II Reis 10	94
II Reis 11	103
II Reis 12	108
II Reis 13	113
II Reis 14	119
II Reis 15	127
II Reis 16	135
II Reis 17	140
II Reis 18	148
II Reis 19	157
II Reis 20	163
II Reis 21	168
II Reis 22	175
II Reis 23	182
II Reis 24	191
II Reis 25	194

II Reis 1

Elias, o Profeta do Fogo

Nós vemos no primeiro capítulo do livro de II Reis, que os moabitas e edomitas foram feitos tributários de Israel, desde os dias de Davi, mas agora, em razão da idolatria dos israelitas eles se sentiram fortalecidos para romperem o compromisso ao qual haviam sido sujeitados, quando reinava Acazias, filho de Acabe (II Rs 1.1).

Nós veremos no terceiro capítulo, que nos dias de Jorão, irmão de Acazias, que passou a reinar depois da morte deste, que a rebelião dos moabitas deu ensejo a uma guerra contra eles com uma coalizão de tropas de Judá, Israel e Edom.

Nós veremos no capítulo oitavo, que nos dias do rei de Judá, filho de Josafá, de nome Jeorão, os próprios edomitas também se rebelaram contra Judá, para não serem mais seus tributários (8.22).

O motivo do rompimento com Israel, da parte dos moabitas foi o pecado de idolatria que havia na casa de Acabe, e o rompimento que houve posteriormente, em relação a Judá foi também o pecado da adoração a Baal, que havia sido exportado de Israel para Judá, através do casamento de Jeorão, rei de Judá, filho de Josafá, com Atalia, filha de Acabe com Jezabel.

No caso de Acazias, filho de Acabe, o motivo da rebelião dos moabitas foi devido ao fato de ter dado continuidade ao culto a Baal em Israel, e além disso, ele seguiu os passos de seu pai Acabe, tendo total desconsideração para com o Senhor e com os seus profetas.

Ele reinou apenas dois anos, porque caiu através das grades de um quarto elevado do seu palácio em Samaria, e veio a ficar gravemente enfermo, e morreu desta enfermidade, por causa de um juízo do Senhor proferido contra ele, através do profeta Elias, porque enviou mensageiros a Ecrom, terra dos filisteus, para consultarem a Baal-Zebube, deus deles, se ele sararia daquela doença (II Rs 1.2).

Mas o anjo do Senhor, no original hebraico, malak iehvah, mensageiro de Jeová, ordenou que Elias fosse ter com os mensageiros de Acazias, para que estes retornassem a ele com a seguinte mensagem: "Porventura não há Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? Agora, pois, assim diz o Senhor: Da cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás " (v. 3,4).

Deus conhecia a maldade de Acazias e bem sabia que não se converteria do seu mau caminho, ainda que fosse curado daquela enfermidade por Ele.

Assim, a mensagem não tinha a finalidade de produzir arrependimento, como de fato não produziu, senão juízo sobre a insensatez do rei em mandar consultar um deus de outra terra.

Ele havia desprezado e ignorado o Deus de Israel, a quem ele deveria não apenas consultar, mas servir, na condição de ser um israelita, descendente de Abraão, Isaque e Jacó, povo com o qual o Senhor havia feito uma aliança de ser o Deus deles para sempre.

Por isso, ele seria também desprezado, e não ficaria sem resposta para a consulta que mandara fazer em Ecrom, porque a receberia da parte do próprio Deus de Israel.

Entretanto, quando os mensageiros de Acazias lhe fizeram saber que um profeta do Senhor lhes dissera que morreria daquela enfermidade, e que havia procedido mal em tentar consultar um deus estranho; tendo inquirido seus mensageiros, quanto às características do profeta que lhes havia falado, ficou sabendo que se tratava de Elias, a quem ele bem sabia que era profeta de Deus e o quanto o seu pai o

odiava por tudo o que fizera em Israel, sobretudo aos falsos profetas de sua mãe Jezabel.

Então, não se conformou com a resposta que lhe fora dada e ficou enfurecido a ponto de enviar um pelotão com cinquenta soldados e um capitão sobre eles para trazerem Elias, ainda que à força, à sua presença.

Ele deve ter considerado uma afronta o fato de o profeta ter mandado os seus mensageiros de volta, sem que tivessem cumprido a missão que lhes havia dado.

Ele se sentiu desprezado em sua autoridade de rei, pelo profeta, que na verdade não estava sendo rebelde ao rei agindo por sua própria conta, senão obedecendo ordens superiores às do próprio rei, daquele que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Tanto que para que não houvesse dúvida quanto à procedência da ordem, esta fora dada ao profeta Elias através de um anjo, e não por meio de sonhos ou visões.

Caso o oráculo dos demônios que falavam em nome do falso deus Baal-Zebube tivesse dito a Acazias que ele morreria, nenhum furor teria sido despertado nele, mas como a mensagem lhe veio da parte do Deus único e verdadeiro, ficou extremamente ofendido.

A doença de Acazias não produziu nele nenhuma atitude de humildade perante Deus, e muito menos qualquer tipo de quebrantamento.

Ele recebeu um juízo de morte como consequência daquela enfermidade, mas nem com isto se humilhou, antes, procurou ameaçar o profeta e trazê-lo à força à sua presença, para lhe dar a devida satisfação, que segundo ele o caso requeria.

O endurecimento de Acazias daria ocasião a outros juízos de morte da parte de Deus sobre aqueles que foram enviados por ele a Elias, e que não tiveram o devido respeito ao profeta, senão o único desejo de agradarem o rei.

Uma mensagem poderosa dos céus seria dada não somente àquela geração, mas a todos os homens, de todas as épocas

e lugares, de que aqueles que não temem ao Senhor, e que não dão ouvido à mensagem que Ele proferiu pela boca dos Seus profetas, e que estão registradas para nossa advertência na Sua Palavra, principalmente a que deu pela boca do Grande Profeta nosso Senhor Jesus Cristo, serão igualmente sujeitados a um juízo de morte, e serão queimados eternamente pelas chamas do inferno.

O grupo que foi enviado inicialmente ao profeta, encontrou-o assentado no cume de um monte, provavelmente o Carmelo, e o capitão daquele pelotão com cinquenta homens intimou Elias dizendo-lhe as seguintes palavras:

“Ó homem de Deus, o rei diz: Desce.”.

Pela reação de Elias, e pela resposta e juízo que ele proferiu sobre aqueles homens, inspirado por Deus, nós só podemos entender que o vocativo “Ó homem de Deus” foi feito em tom de desprezo e ironia, porque Elias introduziu a sua resposta antes de ordenar que descesse fogo do céu, com as seguintes palavras: “Se eu, pois, sou homem de Deus”, como que a dizer que caso o capitão ainda tinha alguma dúvida de que ele era homem de Deus, ela seria dissipada com o que o Senhor faria naquela hora atendendo ao seu pedido.

É possível que pelo tempo decorrido, e por não ter sido uma testemunha ocular do dia em que o Senhor fez cair fogo do céu para queimar o holocausto sobre o Seu altar, que fora restaurado por Elias no Carmelo, que o capitão considerasse tal estória como sendo uma fábula e não um fato real.

Mas agora, ele teria a comprovação do fato, mas pagando com sua própria vida, porque o holocausto não seria um animal oferecido sobre o altar, mas o seu próprio corpo e os dos cinquenta homens que se encontravam com ele naquela ocasião (v. 9, 10), não sendo queimados como holocaustos aceitáveis e agradáveis a Deus, mas como merecedores de um juízo de fogo.

Tal era a obstinação e endurecimento de Acazias, que em vez de temer ao Senhor e ao Seu profeta, insistiu em trazer Elias

pelo uso da força à sua presença, e enviou outros cinquenta com o seu respectivo capitão.

Este, além de ter incorrido no mesmo erro do primeiro, ainda ordenou que Elias não apenas descesse, mas que o fizesse apressadamente (v. 11).

E o que o profeta havia dito ao primeiro, disse também a este, de forma que tanto ele quanto os seus cinquenta comandados foram consumidos pelo fogo de Deus, que desceu do céu sobre eles (v. 12).

Foi em face da recusa dos samaritanos em reconhecerem ao Senhor Jesus como o Profeta enviado por Deus ao mundo, que Tiago e João lhe sugeriram que lhes deixasse pedirem a Deus fogo que viesse do céu para consumir os samaritanos, e receberam do Senhor uma firme repreensão (Lc 9.52-56), porque não haviam entendido com que espírito e movido por quais motivos Elias o havia feito no passado em relação àqueles 102 homens que haviam sido consumidos pelo fogo, que veio da parte de Deus, desde o céu, sobre eles. Na verdade, não eram nem sequer os motivos de Elias, mas os motivos de Deus, para cumprir os propósitos por Ele determinados para nos servir de exemplo e ensino quanto ao temor que lhe é devido, e ao profundo acatamento que deve ser dado a tudo o que Ele nos disse pela boca dos Seus profetas.

Todavia os apóstolos de nosso Senhor estavam vivendo numa nova dispensação, a da graça, na qual estes juízos extensos e imediatos como visitação da incredulidade e do pecado, já não existem, porque aqui se ordena que se ame os inimigos e que se ore pelos perseguidores, em vez de se pedir que venha fogo do céu sobre eles.

O próprio Elias, antes e depois deste evento, que encontramos narrado neste primeiro capitulo de II Reis, não vivia a pedir fogo do céu sobre todos que rejeitaram a sua mensagem, porque de outro modo, quase nenhuma carne restaria em Israel em seus dias, salvo os 7.000 que não haviam dobrado seus joelhos a Baal.

Ao contrário, o esforço de Elias era o de conduzir Israel ao arrependimento, tanto que ele desejou até mesmo a sua própria morte, quando pensou que sua missão havia fracassado, pelo fato de pensar que somente ele havia restado como o único profeta que permanecia fiel e leal ao Senhor, expondo sua vida para combater a idolatria, que havia se apoderado dos israelitas.

Realmente, Elias estava agindo debaixo da direção do Senhor, porque quando Acazias lhe enviou ainda um terceiro grupo de cinquenta homens, com o seu respectivo capitão, este não ordenou que Elias descesse, ao contrário subiu até a sua presença e em atitude de reverência colocou-se de joelhos diante dele e lhe rogou por misericórdia tanto para com ele, quanto para com aqueles que se encontravam debaixo do seu comando (v. 13, 14), e o que fez o profeta?

Ordenou que viesse fogo do céu sobre eles assim mesmo?

Não, ao contrário, ele se mostrou favorável a eles porque o anjo do Senhor disse a Elias que descesse com aquele capitão até a presença do rei Acazias, sem nada temer (v. 15).

Aqui nós aprendemos uma segunda lição sobre o caráter de Deus, porque ele não é somente o Deus que julga o pecador, como também é misericordioso para com aqueles que se humilham, e lhes mostra o favor da Sua graça.

Ao chegar à presença do rei, Elias proferiu as mesmas palavras que o anjo do Senhor lhe havia dado, para serem ditas aos mensageiros de Acazias, que ele havia enviado a Ecrom, e que acabaram retornando a ele sem cumprirem a ordem que lhes havia dado, em face do juízo de Deus, que havia sido pronunciado contra ele.

Como Deus havia revelado ao profeta, Acazias veio de fato a morrer daquela enfermidade, pouco tempo depois, porque reinou apenas dois anos, e sequer chegou a gerar filhos que pudessem herdar o seu trono, de modo que este passou para o seu irmão, também filho de Acabe, chamado Jorão.

Este, foi um dos últimos, senão o último serviço prestado por Elias ao Senhor, como Seu profeta para protestar contra o

pecado de Israel, porque no capítulo seguinte nós encontramos a narrativa relativa à sua sucessão por Eliseu, e o seu arrebatamento ao céu.

“1 Depois da morte de Acabe, Moabe se rebelou contra Israel.
2 Ora, Acazias caiu pela grade do seu quarto alto em Samaria, e adoeceu; e enviou mensageiros, dizendo-lhes: Ide, e perguntai a Baal-Zebube, deus de Ecrom, se sararei desta doença.
3 O anjo do Senhor, porém, disse a Elias, o tisbita: Levanta-te, sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura não há Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom?
4 Agora, pois, assim diz o Senhor: Da cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás. E Elias se foi.
5 Os mensageiros voltaram para Acazias, que lhes perguntou: Que há, que voltastes?
6 Responderam-lhe eles: Um homem subiu ao nosso encontro, e nos disse: Ide, voltai para o rei que vos mandou, e dizei-lhe: Assim diz o Senhor: Porventura não há Deus em Israel, para que mandes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? Portanto, da cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás.
7 Pelo que ele lhes indagou: Qual era a aparência do homem que subiu ao vosso encontro e vos falou estas palavras?
8 Responderam-lhe eles: Era um homem vestido de pelos, e com os lombos cingidos dum cinto de couro. Então disse ele: É Elias, o tisbita.
9 Então o rei lhe enviou um chefe de cinquenta, com os seus cinquenta. Este subiu a ter com Elias que estava sentado no cume do monte, e disse-lhe: Ó homem de Deus, o rei diz: Desce.
10 Mas Elias respondeu ao chefe de cinquenta, dizendo-lhe: Se eu, pois, sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então desceu fogo do céu, e consumiu a ele e aos seus cinquenta.

11 Tornou o rei a enviar-lhe outro chefe de cinquenta com os seus cinquenta. Este lhe falou, dizendo: Ó homem de Deus, assim diz o rei: Desce depressa.
12 Também a este respondeu Elias: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então o fogo de Deus desceu do céu, e consumiu a ele e aos seus cinquenta.
13 Ainda tornou o rei a enviar terceira vez um chefe de cinquenta com os seus cinquenta. E o terceiro chefe de cinquenta, subindo, veio e pôs-se de joelhos diante de Elias e suplicou-lhe, dizendo: ó homem de Deus, peço-te que seja preciosa aos teus olhos a minha vida, e a vida destes cinquenta teus servos.
14 Eis que desceu fogo do céu, e consumiu aqueles dois primeiros chefes de cinquenta, com os seus cinquenta; agora, porém, seja preciosa aos teus olhos a minha vida.
15 Então o anjo do Senhor disse a Elias: Desce com este; não tenhas medo dele. Levantou-se, pois, e desceu com ele ao rei.
16 E disse-lhe: Assim diz o Senhor: Por que enviaste mensageiros a consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? Porventura é porque não há Deus em Israel, para consultares a sua palavra? Portanto, desta cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás.
17 Assim, pois, morreu conforme a palavra do Senhor que Elias falara. E Jorão começou a reinar em seu lugar no ano segundo de Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá; porquanto Acazias não tinha filho.
18 Ora, o restante dos feitos de Acazias, porventura não está escrito no livro das crônicas dos reis de Israel?” (II Rs 1.1-18).

II Reis 2

O Arrebatamento do Profeta Elias

Sabendo que o Senhor tem um propósito em tudo o que Ele faz, podemos então refletir sobre os ensinamentos que Ele intentou deixar para nós com o arrebatamento de Elias, relatado no 2º capítulo de II Reis.
Por que somente depois de tanto tempo, desde Enoque (que era da sétima geração depois de Adão – Hb 11.5), que foi o primeiro homem a ser arrebatado sem ter passado pela morte, Deus o faria de novo com Elias?
Por que foi dada a Elias esta honra e não a nenhum outro grande homem de Deus que viveu antes dele, desde Enoque?
O primeiro grande ensinamento do arrebatamento é que Deus é poderoso para intervir na condição de mortalidade a que ficou sujeita a humanidade, com o pecado original, dando e mantendo a vida, de quem Ele quiser, segundo o conselho da Sua própria vontade soberana.
Tendo feito a promessa de vida eterna àqueles que se arrependessem dos seus pecados convertendo-se a Ele de coração, os tais podem ter no exemplo do arrebatamento de Elias a garantia de que ainda que morram, não morrerão no entanto, eternamente, e terão os seus corpos ressuscitados para experimentarem o mesmo tipo de arrebatamento do profeta, quando Cristo vier buscar a Sua Igreja.
Então este não foi um privilégio exclusivo de Elias e Enoque, mas foi antecipado a eles para ser o prenúncio de que será o mesmo privilégio de muitíssimos cristãos que estiverem vivendo sobre a terra por ocasião da volta do Senhor, porque terão os seus corpos transformados, instantaneamente, sem passarem pela morte física, de modo que possam se encontrar com Ele entre nuvens, juntamente com aqueles

que haviam morrido e que serão ressuscitados, no dia do arrebatamento da Igreja.
Entretanto, a grande lição que aprendemos com o arrebatamento destes dois homens é a de que ambos tinham grande comunhão com o Senhor, em razão da santidade em que viviam, e assim há um recado silencioso no seu arrebatamento, de que aqueles que forem considerados dignos desta honra o serão também em razão da evidência de santidade que for achada em suas vidas.
Por isso, a santificação não deve ser negligenciada, porque o Senhor exigirá evidência de santidade nas vidas de todos aqueles que forem arrebatados.
Os cristãos que estiverem vivendo na carnalidade, permitindo-se apostatar da vontade de Deus, por falta do interesse em se santificarem, correrão o grande risco que é ensinado especialmente na parábola das dez virgens, por ocasião da volta do Senhor.
E a evidência desta santificação é atestada pelo testemunho do Espírito Santo, com o nosso espírito, de que tudo vai bem em nossa comunhão com Deus, de modo que tranquilizemos o nosso coração, não somente quanto à certeza da nossa salvação, que é segura para todo genuíno cristão, como também quanto à certeza do nosso arrebatamento por ocasião da volta do Senhor.
Que nenhum cristão autêntico se exponha ao risco de não subir para o encontro com Jesus entre nuvens, e venha por isso a estar neste mundo, debaixo das perseguições da Grande Tribulação, enquanto os cristãos fiéis que se santificaram se encontrarão na perfeita paz do céu com o Seu Senhor nas Bodas do Cordeiro.
Estes que ficarem não perderão a salvação, mas como no dizer do apóstolo, serão também salvos como que através do fogo, o qual poderiam ter evitado, por darem crédito às exortações da Palavra para que os filhos de Deus vivam em santidade de vida.

Deus arrebataria Elias e confirmaria posteriormente, que ele se encontra com Ele no céu, quando deu-lhe também a grande honra de estar juntamente com Moisés, na presença de Jesus no monte da Transfiguração.

Assim como o arrebatamento de Elias foi invisível aos olhos dos homens, exceto para Eliseu, a quem foi permitido vê-lo, por causa de um propósito específico de torná-lo sucessor de Elias, de igual modo, o arrebatamento da Igreja será também invisível aos olhos daqueles que não forem arrebatados.

Deus fez isto com Elias e fará o mesmo com os cristãos no tempo do fim porque é algo muito precioso para Ele e para aqueles que o experimentarem, de modo que se torna algo para ser alcançado somente por fé na Sua promessa.

Isto foi prometido a Elias, de maneira que até mesmo os discípulos de profetas de Betel e de Jericó o souberam, mas não pelo fato de ter sido alardeado o evento, mas por ter sido preanunciado pelo Senhor, antes que o fizesse.

Seria algo grandemente extraordinário, mas Elias creu na promessa, assim como Eliseu.

A fé dos demais profetas não foi tão grande quanto a deles, porque insistiram com Eliseu para procurarem pelo corpo de Elias, depois que este havia desaparecido das suas vistas.

Assim se dá com todos os mistérios e promessas do Reino de Deus, que são concedidos por Ele para serem experimentados e vistos somente por aqueles que se aproximam dEle com um coração fiel, sincero e cheio da verdadeira fé que é dada por Ele como um dom, aos que se aproximam de tal maneira, de modo a poderem se comunicar com Ele e se tornarem canais receptores da Sua infinita graça.

E este testemunho de piedade deve ser dado em meio a uma geração corrompida e má, tal como fizera Elias e os profetas, que se uniram a ele em seu ministério, pois ao que vemos, ele manteve uma de suas escolas de profetas exatamente na cidade em que havia um dos bezerros de ouro, com o culto que havia sido instituído por Jeroboão, isto é, em Betel.

Quando ele soube que estava para ser elevado ao céu, num redemoinho, o Senhor o enviou a Betel (v. 2); e também a Jericó (v. 4, 5), onde havia outra escola de profetas, provavelmente com o propósito de confirmar a fé dos profetas que se encontravam tanto em Betel, quanto em Jericó, e também para por à prova a determinação de Eliseu em ser o seu sucessor, porque não somente quando Elias deixou Gilgal rumo a Betel (v. 1), como também quando foi enviado pelo Senhor de Betel a Jericó (v. 4), e ainda quando partiu de Jericó em direção ao rio Jordão (v. 6), ele disse a Eliseu que ficasse tanto em Gilgal, quanto em Betel e Jericó, mas este não consentiu com o pedido de Elias e o seguiu com a firme determinação de quem espera por uma grande bênção.

Ele sabia que o arrebatamento do profeta ocorreria naquele mesmo dia em que estiveram em Betel, e que lhe cabia estar junto dele quando do arrebatamento, porque ainda que não lhe tivesse sido revelado diretamente pelo Senhor, com antecedência, sabia que algo ocorreria pouco antes daquele evento, de forma que tivesse a convicção de que havia sido escolhido para ser o sucessor de Elias, com o recebimento de uma medida do Espírito Santo ainda maior do que a que fora dada a Elias.

Quando Elias parou junto ao Jordão acompanhado de Eliseu, cinquenta profetas os seguiram e ficaram contemplando os dois de longe (v. 6,7).

Eles sabiam que Elias seria arrebatado, e foram lhes seguindo, certamente para satisfazerem à sua curiosidade, sem saberem que não lhes seria permitido por Deus verem o profeta sendo elevado aos céus.

Eles não testemunhariam o evento em si, mas seriam testemunhas de que o Senhor havia de fato feito com que o profeta desaparecesse debaixo das suas vistas.

Elias dobrou a sua capa, e com ela feriu as águas do rio Jordão, que se dividiram, de modo que tanto ele, quanto Eliseu, atravessaram para o outro lado a pé enxuto (v. 8).

Elias estava coberto com o manto da justiça de Cristo, e foi por meio desta justiça, representada na capa que trazia sobre si, que as águas do Jordão se dividiram, porque é a justiça de Deus o grande divisor de águas deste mundo, pois é por ela que se determina aqueles que são dignos de alcançarem a vida eterna, e de igual modo aqueles que não são, pois é somente com a cobertura da justiça de Jesus, que é recebida pela graça, por meio da fé nEle, que podemos ser aceitos por Deus e fazer as Suas obras.

Assim, a evidência deste primeiro grande milagre operado por Deus através de Elias, e que foi permitido ser visto e testemunhado não somente por Eliseu, quanto por aqueles cinquenta profetas, seria a atestação do segundo, que viria em sequência a este, a saber, o seu arrebatamento.

Assim também os cristãos têm a firme convicção de que serão arrebatados na volta de Jesus, pelas várias evidências da Sua presença abençoadora em suas vidas.

As promessas que Deus tem cumprido presentemente são a firme atestação de que Ele também cumprirá todas as que aguardam cumprimento no futuro.

Elias tinha retornado à terra onde ele nascera, isto é, à Transjordânia, e assim, seria tomado aos céus, a partir do mesmo lugar do qual havia partido no início do seu ministério para entrar em cena em Israel, do outro lado do Jordão, especialmente em Samaria, na tribo de Efraim, cidade em que se encontrava a capital do Reino do Norte.

E debaixo da instrução do Senhor, Elias disse a Eliseu que lhe pedisse o que queria que lhe fizesse, antes que fosse tomado aos céus.

Nós vemos nisto, mais uma vez, Deus provando o coração daqueles que desejam se aproximar dEle para servi-lO no ministério.

Ele faz com que eles próprios possam conhecer o quanto prezam os Seus dons, o quanto realmente desejam se consagrar ao Seu serviço.

Ele já conhece o que se encontra no nosso coração e qual é a condição do nosso espírito, mas Ele quer que nós mesmos possamos conhecer isto.
No caso de Eliseu, ele não pediu nada para si que não fosse relacionado ao desejo do próprio Deus.
Ele não queria fazer a sua própria vontade mas a do Deus de Elias, que era também o seu Deus.
Então ele ousa pedir uma medida maior, dobrada, do espírito de Elias.
Aquilo que Elias havia sido para o Senhor ele desejava ser duas vezes mais. E tudo o que Elias havia feito ele queria fazer duas vezes mais (v. 9).
Não admira portanto que a resposta de Elias para ele tenha sido: “Coisa difícil pediste”, entretanto, como não era impossível mas apenas difícil, foi respondido também: “Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não, não se fará.”.
Não estava na esfera de Elias assegurar um tal pedido, senão somente na do Senhor.
Ele devia estar esperando que Eliseu apenas lhe pedisse para ser o seu sucessor, conforme havia sido ungido anteriormente por ele próprio para que o fosse, mas, pela sua resposta, nós podemos supor que aquilo havia sido algo inesperado para ele, e assim, ele agiu debaixo da direção divina, de modo a que fosse dada uma evidência a Eliseu de que Deus havia atendido ou não o seu pedido de receber uma porção dobrada do Espírito Santo.
Se esta porção na vida de Elias era muito grande e incomum, quanto não seria uma porção dobrada da que ele havia recebido da parte de Deus?
Assim, não seria uma coisa difícil para Deus fazer, senão para ser concedida.
Era de fato um pedido muito ousado e somente estava na esfera do Senhor fazer isto ou não.
A sucessão não dependeria de nenhuma confirmação ou evidência, pois era uma questão que já havia sido fechada

pelo Senhor, mas este pedido precisava de uma evidência, e como estava determinado que o arrebatamento não seria visível a nenhum outro olho humano, senão ao do próprio Elias, então, por inspiração divina, ele disse a Eliseu que caso o visse sendo tomado aos céus é porque Deus lhe concederia o que havia pedido, e em caso contrário, ele deveria se contentar com a medida que Deus tivesse planejado para ele.
E ali estavam os dois caminhando e conversando junto ao rio Jordão, o mestre e o seu discípulo, sob a expectativa da separação que ocorreria, quando um carro de fogo com cavalos de fogo os separou elevando Elias ao céu num redemoinho (v. 11).
É bem provável que este carro de fogo com cavalos de fogo eram anjos seráficos, que haviam tomado aquela forma, para dar ao profeta a honra de ser conduzido ao céu numa carruagem celestial. A palavra Serafim, significa ardentes ou abrasadores porque é uma palavra plural para seraf, fogo.
É a mesma palavra que ocorre em Is 6.2, 6 para designar os serafins, e que também encontramos em Nm 21.6, 8; Dt 8.15 e Is 14.29, 30.6, que é traduzida por fogo ou abrasadores, e nada impede que tenham sido eles ou alguma outra ordem de anjos que conduziu Elias ao céu, pois não é incomum vermos no texto do Velho Testamento várias referências a anjos com aparência de chamas de fogo, e que subiam ao céu no fogo do altar em que foram oferecidos holocaustos a Deus, por exemplo pelos pais de Sansão (Jz 13.20).
“Ora, quanto aos anjos, diz: Quem de seus anjos faz ventos, e de seus ministros labaredas de fogo.” (Hb 1.7).
Quando Eliseu viu Elias subindo ao céu naquele carro de fogo com cavalos de fogo, num redemoinho, clamou: “Meu pai, meu pai! o carro de Israel, e seus cavaleiros!”. E em reverência a Deus e como sinal do impacto que sentiu com aquela separação abrupta ele rasgou as suas vestes ao meio (v. 12).
Elias foi como um pai para ele e se sentia agora como um filho que estava sendo desamparado daquele que havia sido

durante toda a sua vida o carro e os cavaleiros do exército espiritual de Israel, pois era especialmente por ele que o Senhor trouxe os seus tremendos juízos contra aqueles que se opunham à Sua vontade.

Aquele único profeta valia para Deus muito mais do que mil exércitos.

A terra era agora deixada desamparada da sua presença porque o Senhor o havia tomado para Si, tal como tinha feito com Enoque.

Ele não saiu do mundo pela morte, mas ainda em vida e em pleno vigor.

O mundo não merecia de fato aquele homem santo, que havia se consagrado inteiramente ao serviço do Seu Deus, e que fizera dEle e da Sua vontade a sua única razão de viver.

Quando os nossos amados partem deste mundo, nós temos ainda o conforto da presença do Senhor, ao qual nós podemos nos dirigir, para estar em nossa companhia.

Eliseu havia visto Elias subir ao céu, então isto era sinal de que receberia a porção dobrada que havia pedido ao seu mestre.

Ele deve ter lembrado disto logo que se recuperou de sua estupefação, e pegando o manto de Elias que dele caíra, quando subia ao céu, dirigiu-se ao Jordão para atravessar para o outro lado, para Jericó, onde se encontravam os discípulos dos profetas, que estavam defronte dele.

O legado visível que Elias lhe deixara foi o seu manto, mas havia um outro legado, o do poder do Senhor que seria manifestado agora diante daqueles profetas, de modo que Eliseu fosse engrandecido diante deles como o escolhido do Senhor para ser o sucessor de Elias.

E isto foi marcado com a inspiração e grande fé que o Senhor deu a Eliseu para ferir as águas do Jordão com o manto de Elias, fazendo-o em Seu nome, a saber o Senhor (YHWH) Deus (Elohim) de Elias, isto é o mesmo Deus de Elias.

O resultado foi que tal como ocorrera com o gesto de Elias, também sucedeu com o de Eliseu, pois as águas do Jordão

foram divididas, para que ele passasse a pé enxuto para o outro lado (v. 13, 14).

Mas o grande resultado esperado por Deus viria ainda a acontecer, que foi o reconhecimento por parte dos demais profetas que viram aquilo suceder, que o espírito de Elias repousava sobre Eliseu, isto é, o mesmo poder espiritual de Elias, que lhe fora dado por Deus havia sido dado agora a Eliseu, e por isso eles reverenciaram o profeta inclinando-se perante ele com o rosto em terra (v. 15).

A prova de que estes profetas não haviam visto nada relativo ao arrebatamento, senão apenas que Elias havia desaparecido sem que eles o notassem, está nos versos 6 a 8, porque insistiram muito com Eliseu para que fossem enviados cinquenta homens à procura de Elias, porque pensavam que o Espírito Santo havia arrebatado Elias e o havia lançado em algum monte ou vale.

Eliseu lhes disse que não o fizessem pois havia visto Elias subir ao céu, mas como continuaram insistindo ele o permitiu por causa do constrangimento, mas não por ter duvidado de que Elias havia sido elevado ao céu.

E eles efetuaram uma busca de três dias, e não tendo achado a Elias voltaram a ter com Eliseu em Jericó, onde ele havia permanecido, desde que haviam saído para aquela busca que ele sabia de antemão que seria frustrada.

É interessante observar que o segundo milagre efetuado por Deus através de Eliseu, desde que ele havia dividido as águas do rio Jordão, foi o de transformar o manancial, isto é, a fonte das águas que regavam a cidade de Jericó, que por serem péssimas eram não apenas impróprias para consumo, como eram também a causa da esterilidade daquela terra, que havia sido amaldiçoada por Deus desde os dias de Josué.

Deus fez isto ordenando a Eliseu que colocasse sal num jarro novo e jogasse daquele sal no manancial das águas (v. 19 a 22), e desde então aquela água se tornou potável.

O sal da Palavra de Deus com o qual o mundo deve ser salgado pelos cristãos, é o meio que o Senhor utiliza para

remover a maldição que Ele trouxe ao mundo, por causa do pecado, de modo que todo coração que receber deste sal terá as suas fontes restauradas pela limpeza espiritual realizada pelo Espírito Santo.

Se é do coração que procedem as fontes da vida, então é nele que o trabalho do Espírito deve ser efetuado, porque sendo boa a fonte, também será bom aquilo que for produzido por ela.

O trabalho do Espírito é feito então naquilo que gera os atos dos homens, nas motivações internas, e não propriamente nos atos externos que são mera consequência destas atitudes internas.

"Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida." (Pv 4.23).

Façamos boa a árvore e o fruto será bom. Limpemos o coração e isso limpará as mãos.

E este coração renovado pelo espírito é o vaso novo no qual o sal da Palavra é colocado por Deus, porque Ele não dará da sua graça renovadora a quem não se tornar uma nova criatura em Cristo Jesus.

O sal preserva mas deve também ser preservado de modo que não venha a perder o seu sabor, e é por isto que se exige que seja colocado num vaso novo e limpo.

É por isso que todo aquele que não se santificar ficará desprovido desta propriedade de salgar porque o sal terá perdido o seu sabor, e nesta condição não pode ter qualquer utilidade para Deus, e seu destino é o de ser lançado fora para ser pisado pelos homens.

Nós vemos Elias e Eliseu brilhando em seus ministérios, sendo honrados pelo Senhor, e ainda que perseguidos e rejeitados, mesmo pelos poderosos, no entanto, não lhes foi permitido pisarem na honra de profetas e de homens de Deus que eles possuíam.

Isto permaneceu intocado em seus ministérios, porque não haviam sido colocados de lado pelo Senhor.

Ao contrário, foram de grande utilidade em Suas mãos, e por isso salgaram a sua geração com o seu testemunho de vida e com a Palavra de Deus, sendo verdadeiros pendões vivos, em todo o tempo hasteados pelo poder do Senhor, para protestarem contra o pecado de Israel.
Tendo estado com os profetas de Jericó, Eliseu, depois de abençoá-los com o poder que havia recebido de Deus tornando melhores as condições de vida do local onde viviam, dirigiu-se para Betel, onde se encontraria com o outro grupo de profetas que Elias havia visitado, antes do seu arrebatamento, e provavelmente compartilharia com eles tudo o que havia ocorrido desde que ele havia sido elevado ao céu.
Mas enquanto se encontrava ainda no caminho de Betel, uns meninos vieram ao seu encontro não para serem abençoados por ele, mas para caçoarem dele, de forma que aquele gesto de desprezo trouxesse descrédito ao ministério que ele havia recebido recentemente do Senhor.
O trabalho de Deus no sentido de engrandecer Eliseu aos olhos de Israel havia começado no Jordão quando dividiu as águas do rio, e aquele evento havia sido testemunhado pelos profetas, e depois em Jericó, quando tornou potável o manancial das águas da cidade, e agora ele seria engrandecido aos olhos das pessoas de Betel, não com uma maravilha como a do Jordão, e nem com uma bênção, como a de Jericó, mas com um juízo, porque 42 daqueles meninos que caçoavam do profeta foram despedaçados por duas ursas que saíram do bosque, no momento mesmo em que Eliseu os amaldiçoou em nome do Senhor.
É bem provável que os pais daqueles jovens não somente consentiam no seu procedimento como também os influenciaram a agirem daquele modo, porque não tinham em alta estima os verdadeiros servos de Deus, especialmente seus profetas, que protestavam contra o seu pecado, pois era exatamente em Betel que havia o culto de um dos bezerros

de ouro, e cujo altar havia sido amaldiçoado por um profeta do Senhor, nos dias do rei Jeroboão.

Na dispensação da graça foi proibido pelo Senhor aos seus servos amaldiçoarem os que os amaldiçoam, diferentemente da Antiga Aliança, em que tal era permitido, mas a mensagem de que aqueles que amaldiçoam os verdadeiros filhos de Abraão serão amaldiçoados por Deus, conforme a promessa feita por Ele ao patriarca, ficou atestada neste e nos vários exemplos que nós encontramos nas páginas do Velho Testamento, e por isso os cristãos são chamados a não amaldiçoarem os que os amaldiçoam mas deixarem todo juízo nas mãos do Senhor, que é o reto juiz que amaldiçoará no tempo do fim todos aqueles que amaldiçoaram os seus filhos por causa das suas boas obras de justiça, e que não se arrependeram de suas más obras.

Cabe destacar que sucedeu àqueles jovens insolentes que zombavam de Eliseu o mesmo que ocorreu com os dois grupamentos de cinquenta homens, com seus respectivos capitães, que haviam sido destruídos pelo fogo, conforme a maldição de Elias contra eles, pelo fato de não terem tido a devida reverência para com o ofício sagrado no qual havia sido investido por Deus.

Assim como o temor sobreveio ao terceiro capitão de cinquenta, que foi enviado a Elias, depois do que havia sucedido aos dois que lhe haviam antecedido, de igual modo deve ter vindo grande temor sobre os habitantes de Betel, em razão do que Deus havia feito através de Eliseu, mas juntamente com o temor deve ter sido despertado neles uma grande fúria e um forte desejo de vingança, e talvez por isso Eliseu não se demorou em Betel e foi para o monte Carmelo, de onde partiu posteriormente para Samaria (v. 25).

"1 Quando o Senhor estava para tomar Elias ao céu num redemoinho, Elias partiu de Gilgal com Eliseu.

2 Disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o Senhor me envia a Betel. Eliseu, porém disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim desceram a Betel.
3 Então os filhos dos profetas que estavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o Senhor hoje tomará o teu senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Sim, eu o sei; calai-vos.
4 E Elias lhe disse: Eliseu, fica-te aqui, porque o Senhor me envia a Jericó. Ele, porém, disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim vieram a Jericó.
5 Então os filhos dos profetas que estavam em Jericó se chegaram a Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o Senhor hoje tomará o teu senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Sim, eu o sei; calai-vos.
6 E Elias lhe disse: Fica-te aqui, porque o Senhor me envia ao Jordão. Mas ele disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim ambos foram juntos.
7 E foram cinquenta homens dentre os filhos dos profetas, e pararam defronte deles, de longe; e eles dois pararam junto ao Jordão.
8 Então Elias tomou a sua capa e, dobrando-a, feriu as águas, as quais se dividiram de uma à outra banda; e passaram ambos a pé enxuto.
9 Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja sobre mim dobrada porção de teu espírito.
10 Respondeu Elias: Coisa difícil pediste. Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não, não se fará.
11 E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.
12 O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai! o carro de Israel, e seus cavaleiros! E não o viu mais. Pegou então nas suas vestes e as rasgou em duas partes;

13 tomou a capa de Elias, que dele caíra, voltou e parou à beira do Jordão.
14 Então, pegando da capa de Elias, que dele caíra, feriu as águas e disse: Onde está o Senhor, o Deus de Elias? Quando feriu as águas, estas se dividiram de uma à outra banda, e Eliseu passou.
15 Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vindo ao seu encontro, inclinaram-se em terra diante dele.
16 E disseram-lhe: Eis que entre os teus servos há cinquenta homens valentes. Deixa-os ir, pedimos-te, em busca do teu senhor; pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale. Ele, porém, disse: Não os envieis.
17 Mas insistiram com ele, até que se envergonhou; e disse-lhes: Enviai. E enviaram cinquenta homens, que o buscaram três dias, porém não o acharam.
18 Então voltaram para Eliseu, que ficara em Jericó; e ele lhes disse: Não vos disse eu que não fôsseis?
19 Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que a situação desta cidade é agradável, como vê o meu senhor; porém as águas são péssimas, e a terra é estéril.
20 E ele disse: Trazei-me um jarro novo, e ponde nele sal. E lho trouxeram.
21 Então saiu ele ao manancial das águas e, deitando sal nele, disse: Assim diz o Senhor: Sarei estas águas; não mais sairá delas morte nem esterilidade.
22 E aquelas águas ficaram sãs, até o dia de hoje, conforme a palavra que Eliseu disse.
23 Então subiu dali a Betel; e, subindo ele pelo caminho, uns meninos saíram da cidade, e zombavam dele, dizendo: Sobe, calvo; sobe, calvo!
24 E, virando-se ele para trás, os viu, e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos.

25 E dali foi para o monte Carmelo, de onde voltou para Samaria." (II Rs 2.1-25).

II Reis 3

Alianças Inconvenientes

O terceiro capítulo de II Reis, como todos os demais deste livro, contém preciosas lições para instruírem o povo do Senhor a andar no caminho da fé e da justiça.

Tendo Acazias, filho de Acabe, morrido da doença que o acometera, desde que havia caído de um quarto superior do seu palácio, seu irmão Jorão começou a reinar, e o faria por 12 anos II Rs 3.1).

Jorão também não andou nos caminhos do Senhor, e ainda que tivesse tirado de Samaria a coluna de Baal, que seu pai fizera, contudo continuou mantendo o culto aos bezerros de ouro que Jeroboão, havia instituído (II Rs 3. 2,3).

Pela maneira com que Eliseu falou com ele nós podemos inferir que é bem provável que tivesse tirado a coluna de Baal, por motivos políticos e não religiosos.

O seu alvo não foi o de agradar com isto ao Senhor, senão ao rei Josafá de Judá, para que se aliançasse com ele, para tê-lo ao seu lado, com o exército de Judá, nas batalhas que tivesse que empreender contra os seus inimigos.

Tudo o que se relata neste capítulo, depõe contra Jorão, porque não é o simples fato de evitarmos alguns tipos de males, que nos tornaremos recomendáveis a Deus, porque é possível que continuemos na prática de outros tipos de males.

Importa sermos fiéis em todas as coisas que o Senhor nos tem ordenado, para que possamos contar com o Seu efetivo agrado.

Se Jorão conseguiu enganar Josafá, no entanto, não conseguiu enganar a Deus, e ao profeta Eliseu.

Nós devemos aprender a julgar sempre segundo a reta justiça e não segundo a aparência.

Não é pelos simples votos de fidelidade proferidos pelas pessoas, ou por algumas iniciativas de reforma, em determinadas áreas de suas vidas, que podemos concluir que tenham de fato se convertido a Deus.
A árvore se conhece pelo seu fruto, e por isso se deve dar tempo ao tempo, para que se veja qual é o tipo de fruto que tais pessoas produzirão, antes que nos antecipemos em fazer uma aliança com elas, de coração.
Este foi o erro de Josafá em relação a Jorão, porque ao se aliançar com a casa de Acabe, a ponto de ter dado o seu próprio filho em casamento à perversa Atalia, irmã de Jorão, que havia seguido em tudo as pegadas de sua mãe Jezabel, ele havia se colocado debaixo de um jugo desigual, do qual seria muito difícil se desvencilhar.
É por isso que nós o vemos respondendo a Jorão quando foi convocado por este a lutar ao seu lado contra os moabitas, que haviam se rebelado contra a tributação de Israel, com as seguintes palavras: "como tu és sou eu, o meu povo como o teu povo, e os meus cavalos como os teus cavalos." (v. 7).
Ainda que com isto não estivesse afirmando que era do mesmo caráter de Jorão, mas que ele poderia considerar o exército de Judá como sendo o mesmo exército de Israel.
Josafá errou também em deixar as iniciativas relativas à batalha contra Moabe a cargo de Jorão, porque quando lhe perguntou por qual caminho subiriam à peleja, ele determinou fazê-lo pelo caminho do deserto de Edom.
O justo Josafá se permitiu conduzir por um ímpio para um deserto, e a consequência disto é que ficaram rodeando durante sete dias naquele deserto juntamente com o rei de Edom, em que Jorão estava colocando a sua confiança de conduzi-los em segurança a Moabe, porque, afinal, ele deveria ser um bom conhecedor de suas terras.
Entretanto, ele não achou água para os milhares de soldados e cavalos dos exércitos de Israel e de Judá (v. 8, 9).
Com isso Jorão, que não conhecia o Senhor e não tinha qualquer intimidade com Ele, adiantou-se em afirmar que

havia sido Ele quem lhes tinha conduzido àquela condição para serem derrotados pelos moabitas (v. 10), e viria a dizer o mesmo quando esteve na presença de Eliseu, e quando foi exortado pelo profeta que usou de ironia para com ele mandando-o consultar os falsos profetas de Acabe e Jezabel, seus pais (v. 13), nos quais ele confiava.
Mas nem tudo está perdido para os cristãos, mesmo quando estão debaixo do jugo desigual com os incrédulos, e recebem da parte deles toda uma avalanche de argumentos para esfriar a sua fé no Seu Deus.
Foi exatamente isto o que se deu com Josafá, que em vez de dar ouvido a Jorão, direcionou os seus ouvidos ao Senhor e perguntou se não havia entre eles algum profeta verdadeiro do Senhor por meio do qual pudessem consultá-lO.
E a providência já havia preparado para aquela hora que Eliseu fosse achado entre eles, mas não para se manifestar logo que eles partiram para aquela empresa, senão para a hora da dificuldade, em que as circunstâncias adversas poderiam trazer muita glória e honra ao nome do Senhor.
O ministério de Eliseu, tal como o de Elias, foi cumprido especialmente em Israel e não em Judá, mas curiosamente, este não tinha, como não poderia ter, qualquer honra e estima da parte de Jorão, rei de Israel, em razão da impiedade deste, senão da parte de Josafá, rei de Judá, por ser fiel e piedoso.
Não é incomum que um profeta não tenha honra em sua própria casa, não por causa de familiaridade, mas por causa da impiedade daqueles que o cercam.
Este era o caso de Israel, desviado em seus pecados, e rejeitando e perseguindo aqueles que lhes eram enviados pelo Senhor, para protestarem contra os seus pecados.
Não admira, portanto, que tenha sido um dos servos de Israel, e não o próprio rei de Israel, que disse a Josafá, que Eliseu se encontrava entre eles (v. 11), e também não é de admirar o pronto reconhecimento de Josafá de que a palavra do Senhor estava com Eliseu (v. 12).

O desespero devia ter se apoderado de muitos porque há sete dias que se encontravam marchando no deserto sem que houvesse água para os homens e para os animais, e até mesmo tentar retroceder poderia significar a morte tanto quanto avançar para o encontro com os moabitas, em razão da exaustão tanto dos homens, quanto dos animais pela falta de água.

O final desta história poderia muito bem ter sido outro se entre aqueles homens não estivesse o rei Josafá, e o próprio Eliseu que seguia com eles, certamente a mando de Deus, para proteger o rei de Judá e os seus homens.

A Providência estava cuidando de Josafá, consertando as consequências que poderiam lhe advir e ao exército de Judá, por causa da aliança que ele havia feito com Jorão.

Jorão estava esperando a morte, e seria certamente isto o que encontraria, por causa da sua incredulidade e impiedade, pois como lhe foi proferido pelo próprio Eliseu, se não fosse por causa de Josafá, o rei Jorão sequer teria visto o seu rosto (v. 13, 14), porque é certo que o Senhor não lhe teria enviado a ele.

Mas a presença do profeta entre eles significava provisão de livramento da parte do Senhor, ainda que isto não pudesse ser discernido por Jorão, senão por Josafá, que humildemente havia buscado ao Senhor através do Seu profeta, e mesmo em meio àquelas circunstâncias difíceis teve ânimo suficiente para recorrer ao socorro do Senhor, e foi por causa da fé de Josafá que milhares de vidas de Judá, Israel e do próprio Edom, foram poupadas naquela ocasião.

Eliseu, tendo chamado um tangedor que tocasse louvores, para que ele pudesse entrar mais rapidamente na presença de Deus, a mão do Senhor veio sobre ele e ele profetizou o que nós encontramos nos versos 16 a 19.

Deus daria água segundo a medida da fé dos seus servos, porque ordenou através do profeta que se fizessem muitos poços naquele vale do deserto, onde eles se encontravam (v. 16), porque estes poços não seriam enchidos com água de

chuva, porque as condições do clima não seriam alteradas, e além disso lhes foi prometido pelo Senhor que os moabitas seriam entregues nas suas mãos, e todas as cidades fortes e escolhidas dos moabitas seriam feridas, e seria dado às forças confederadas produzir uma grande perda nas suas fontes de suprimento, pelo entulhamento de seus campos e de suas fontes de água, e pelo corte de suas árvores frutíferas, de modo que teriam sérias dificuldades em se declarar independentes de Israel, como estavam fazendo naquela ocasião (v. 16 a 19).

Na manhã do dia seguinte, exatamente à hora em que o sacrifício da manhã era oferecido no templo de Jerusalém, as águas, que significavam salvação para toda aquela gente, começaram a vir pelo caminho de Edom e encheram toda aquela terra (v. 20).

Esta referência à hora do sacrifício não está solta no texto, porque foi a partir da hora em que Jesus ofereceu-se a si mesmo na cruz como o Cordeiro, que tira o pecado do mundo, que começaram a correr as águas do rio da vida, que trazem salvação para todos os que estão sedentos da justiça do reino de Deus.

Este mesmo sacrifício que é a causa da salvação do povo de Deus, é a causa da ruína de todos aqueles que são Seus inimigos, porque serão condenados por tê-lo rejeitado e desprezado.

É interessante observar que os moabitas viram aquelas águas pensando que fosse sangue, porque não havia chovido e não era comum chover naquela região, e quando viram o reflexo do sol nascente sobre a superfície delas, pensaram que era o sangue dos próprios israelitas, judeus e edomitas, que segundo eles, deveriam ter guerreado entre si mesmos (v. 21 a 23).

Com isto, se precipitaram a sair à peleja, e sucedeu a eles tudo o que o Senhor havia dito pela boca de Eliseu (v. 22 a 26).

Como o rei Mesa dos moabitas percebeu que não poderia prevalecer contra as forças confederadas, como medida de desespero, ofereceu o seu próprio filho primogênito como holocausto sobre o muro da cidade, e os israelitas desistiram de lutar, não pelo fato de terem sido impedidos de continuarem lutando por causa da aceitação do sacrifício do filho de Mesa por parte do deus dos moabitas, mas por terem visto até que ponto havia chegado o desespero daquele rei, que assinou com aquele gesto a sua rendição, mais do que tê-lo-ia feito pela deposição de suas armas.
Moloque era uma divindade amonita, que exigia holocaustos humanos, e deve ter sido possivelmente a ele que o rei de Moabe ofereceu como sacrifício, o seu próprio filho, que o sucederia no trono, e daí entendermos porque este povo foi tornado tributário de Israel, desde os dias de Davi, e a razão desta derrota implacável com destruição da terra deles, conforme fora previsto e ordenado pelo Senhor.

“1 Ora, Jorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no décimo oitavo ano de Josafá, rei de Judá, e reinou doze anos.
2 Fez o que era mau aos olhos do Senhor, porém não como seu pai, nem como sua mãe; pois tirou a coluna de Baal que seu pai fizera.
3 Contudo aderiu aos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com que este fizera Israel pecar, e deles não se apartou.
4 Ora, Mesa, rei dos moabitas, era criador de ovelhas, e pagava de tributo ao rei de Israel cem mil cordeiros, e cem mil carneiros com a sua lã.
5 Sucedeu, porém, que, morrendo Acabe, o rei dos moabitas se rebelou contra o rei de Israel.
6 Por isso, nesse mesmo tempo Jorão saiu de Samaria e fez revista de todo o Israel.
7 E, pondo-se em marcha, mandou dizer a Josafá, rei de Judá: O rei dos moabitas rebelou-se contra mim; irás tu comigo a guerra contra os moabitas? Respondeu ele: Irei; como tu és

sou eu, o meu povo como o teu povo, e os meus cavalos como os teus cavalos.

8 E perguntou: Por que caminho subiremos? Respondeu-lhe Jorão: Pelo caminho do deserto de Edom.

9 Partiram, pois, o rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edom; e andaram rodeando durante sete dias; e não havia água para o exército nem para o gado que os seguia.

10 Disse então o rei de Israel: Ah! o Senhor chamou estes três reis para entregá-los nas mãos dos moabitas.

11 Perguntou, porém, Josafá: Não há aqui algum profeta do Senhor por quem consultemos ao Senhor? Então respondeu um dos servos do rei de Israel, e disse: Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias.

12 Disse Josafá: A palavra do Senhor está com ele. Então o rei de Israel, e Josafá, e o rei de Edom desceram a ter com ele.

13 Eliseu disse ao rei de Israel: Que tenho eu contigo? Vai ter com os profetas de teu pai, e com os profetas de tua mãe. O rei de Israel, porém, lhe disse: Não; porque o Senhor chamou estes três reis para entregá-los nas mãos dos moabitas.

14 Respondeu Eliseu: Vive o Senhor dos exércitos, em cuja presença estou, que se eu não respeitasse a presença de Josafá, rei de Judá, não te contemplaria, nem te veria.

15 Agora, contudo, trazei-me um harpista. E sucedeu que, enquanto o harpista tocava, veio a mão do Senhor sobre Eliseu.

16 E ele disse: Assim diz o Senhor: Fazei neste vale muitos poços.

17 Porque assim diz o Senhor: Não vereis vento, nem vereis chuva; contudo este vale se encherá de água, e bebereis vós, os vossos servos e os vossos animais.

18 E ainda isso é pouco aos olhos do Senhor; também entregará ele os moabitas nas vossas mãos,

19 e ferireis todas as cidades fortes e todas as cidades escolhidas, cortareis todas as boas árvores, tapareis todas as fontes d'água, e cobrireis de pedras todos os bons campos.

20 E sucedeu que, pela manhã, à hora de se oferecer o sacrifício, eis que vinham as águas pelo caminho de Edom, e a terra se encheu d'água:
21 Ouvindo, pois, todos os moabitas que os reis tinham subido para pelejarem contra eles, convocaram-se todos os que estavam em idade de pegar armas, e daí para cima, e puseram-se às fronteiras.
22 Levantaram-se os moabitas de madrugada e, resplandecendo o sol sobre as águas, viram diante de si as águas vermelhas como sangue;
23 e disseram: Isto é sangue; certamente os reis pelejaram entre si e se mataram um ao outro! Agora, pois, à presa, moabitas!
24 Quando, porém, chegaram ao arraial de Israel, os israelitas se levantaram, e bateram os moabitas, os quais fugiram diante deles; e ainda entraram na terra, ferindo ali também os moabitas.
25 E arrasaram as cidades; e cada um deles lançou pedras em todos os bons campos, entulhando-os; taparam todas as fontes d'água, e cortaram todas as boas árvores; somente a Quir-Haresete deixaram ficar as pedras; contudo os fundeiros a cercaram e a feriram.
26 Vendo o rei dos moabitas que a peleja prevalecia contra ele, tomou consigo setecentos homens que arrancavam da espada, para romperem contra o rei de Edom; porém não puderam.
27 Então tomou a seu filho primogênito, que havia de reinar em seu lugar, e o ofereceu em holocausto sobre o muro, pelo que houve grande indignação em Israel; por isso retiraram-se dele, e voltaram para a sua terra." (II Rs 3.1-27).

II Reis 4

Continuação dos Milagres de Eliseu

Nós temos no quarto capítulo de II Reis, a continuação dos milagres que Deus estava operando através de Eliseu, e que prosseguirá nos capítulos seguintes, como forma de demonstração que havia de fato recebido uma medida do Espírito Santo que era duas vezes maior do que a que havia sido dada a Elias.

No primeiro milagre que é narrado neste capítulo, não devemos nos ocupar em tentar entender qual seria o significado espiritual das panelas que foram pedidas emprestadas por aquela viúva pobre, cujo marido havia sido um profeta que morrera endividado, e cuja dívida estava sendo cobrada pelos credores, com o risco de perder seus próprios filhos, que seriam tomados como escravos para saldá-la.

Não há nenhum mistério relativo às panelas que ela pediu emprestadas a seus vizinhos, senão que isto visava ao atendimento prático de uma necessidade que serviria sim para manifestar até que ponto ia a fé e obediência daquela mulher, em atender ao que o profeta lhe dissera para fazer, pois tal a quantidade de vasilhas que ela pedisse emprestado, tal seria a quantidade de azeite que seria multiplicado a partir do que lhe restara, numa única botija que ela tinha em casa.

Aquela viúva pobre havia apelado a Eliseu na certeza de que o justo e a sua descendência não serão jamais desamparados pelo Senhor.

Para que ela não corresse o risco de ser interrompida, enquanto enchia todas aquelas vasilhas com a ajuda de seus dois filhos, o profeta lhe ordenou que entrasse em sua casa e fechasse a porta, quando começasse a encher as vasilhas com o azeite daquela botija que ela tinha em sua casa.

E o azeite parou de jorrar da botija somente depois de terem sido cheias todas as vasilhas que lhe foram emprestadas.
Não se diz qual foi a quantidade de azeite que Deus multiplicou, mas se afirma que a venda do azeite seria suficiente não apenas para pagar a dívida como também para sustentar aquela viúva e seus dois filhos (v. 1 a 7).
O que esta narrativa ressalta não é tanto o milagre da multiplicação do azeite, quanto o cuidado e assistência que o Senhor provê aos seus servos necessitados.
Ele fez a promessa de cuidar dos que são Seus, e Ele o fará sempre conforme a Sua fidelidade em cumprir todas as Suas promessas.
O primeiro milagre narrado neste capitulo foi operado pelo fato de alguém ter honrado ao Senhor, como foi o caso daquele profeta que morreu endividado, possivelmente pelas dificuldades que lhe foram impostas e à sua família, pelas perseguições de Jezabel, e agora nós temos a narrativa deste segundo milagre que comentaremos adiante, em razão de alguém ter honrado o profeta do Senhor não por qualquer outro interesse senão unicamente por este caráter de ser um verdadeiro profeta de Deus.
E foi isto que uma rica mulher de Suném fizera em relação a Eliseu, porque Suném era uma cidade que ficava na tribo de Issacar, no caminho entre o Carmelo e Samaria, e ao que tudo indica não somente pelo relato deste capitulo como pelo que lemos em 2.25, Eliseu viajou muitas vezes fazendo este trajeto.
Aquela mulher rica, sabendo que Eliseu havia sido confirmado pelo Senhor como sucessor de Elias, e de tudo o que vinha fazendo em Israel, se adiantou em recebê-lo algumas vezes em sua casa para dar-lhe do que comer (II Rs 4.8).
Aquelas visitas se tornaram tão frequentes, que ela pediu autorização a seu esposo para que não somente lhe dessem de comer como também providenciassem para Eliseu um quarto no qual ele poderia descansar de viagem, e

mobiliaram aquele quarto, segundo o caráter modesto do próprio profeta, com uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro (v. 10).

O profeta Eliseu era rico de dons espirituais, mas assim como os demais profetas e apóstolos, era pobre materialmente falando, para que se revelasse na sua vida como nas deles, o grande cuidado e providência de Deus:

Foi para prova de nossa fé, que Deus tem chamado nem tanto a ricos quanto a pobres, segundo o mundo, para que possa demonstrar a Sua completa assistência e provisão.

Eliseu não era menos importante para Deus por ser provido pela mulher rica de Suném no pequeno quarto que havia preparado para ele, do que Josafá, o fiel rei de Judá, em seu palácio.

Assim, o grande alvo do Senhor para os Seus ministros não é o de que eles se esforcem para serem ricos de bens materiais e de tudo o mais que possa ser considerado como riquezas deste mundo.

Não é pelo fato de não ter sido rico e poderoso segundo o mundo, que Eliseu seria consequentemente pobre para com Deus, de modo a não poder atender aos Seus propósitos.

Se isto é difícil para ser compreendido segundo a maneira de entender do mundo, no entanto não é difícil de ser compreendido segundo a maneira de entender de Deus, pois foi Ele mesmo que determinou que a maior parte dos Seus ministros passariam por este mundo sendo rejeitados, desprezados, humilhados, especialmente pelos poderosos e sábios deste século, em razão da sua presente condição, que lhes foi imposta pelo próprio Deus.

Assim, se algum destes que foi assim chamado pelo Senhor, vier a permitir ser dominado pelo desejo de ficar rico, ele correrá o grande risco de apostatar da fé, conforme vemos nas palavras proferidas pelo apóstolo Paulo em I Tim 6.9,10.

A um Salomão Deus pode prometer riquezas e glórias terrenas, sem que isto configurasse qualquer real vantagem de Salomão em relação aos demais cristãos, quanto ao favor

demonstrado pelo Senhor a ele, e de fato a sua vida provou esta verdade.
A um Elias e a um João Batista pode ser determinado pelo Senhor um modo de vida rústico e totalmente modesto, na forma de se vestir e de se alimentar, e até mesmo em lhes ter proibido a constituição de uma família.
Certamente, o Senhor sempre ajustará o pé à caminhada ou a caminhada ao pé, mas como regra geral, com poucas exceções, Ele sempre condenará a falsa glória do mundo, a sua luxúria e impiedade, com as vidas daqueles que viveram modestamente em santo trato e piedade, de modo que aqueles que vierem a alegar no Juízo Final, que não tiveram tempo para servi-lo pela necessidade de acumular riquezas, serão indesculpáveis, porque o Senhor os condenará com as vidas daqueles que foram pobres para o mundo, mas riquíssimos para com Ele, porque consideraram que o próprio Deus era o bem mais precioso que deveriam buscar para si.
Teria aquele profeta, cuja estória é narrada no início deste capitulo, ficado endividado, porque havia se envolvido a tal ponto com a obra de Deus que veio a negligenciar completamente as necessidades de sua família?
Nós não cremos que tenha sido este o motivo, mas caso tivesse sido, caberia a ele ter uma maior sabedoria em saber que o cuidado pelo reino de Deus começa pelo cuidado com a nossa própria casa.
De forma que a própria Bíblia nos ensina a ter em boa ordem todas as coisas.
Vejamos por exemplo, o caso da sunamita, que declarou estar contente com a sua situação, quando Eliseu lhe perguntou o que poderia fazer por ela, como prova da sua gratidão, por tudo o que vinha fazendo por ele (v. 13).
Não foi ela quem lhe pediu um filho, mas Geazi foi a pessoa que sugeriu isto a Eliseu por ter observado que o marido da sunamita já era velho (v. 14).

Ela avançaria então no recebimento de dons da parte do Senhor, porque o profeta a chamou e lhe disse que ela daria à luz um filho no ano seguinte (v. 15, 16).
Ela já havia se acostumado à ideia de não ter filhos, mas gerar pelo menos um filho é um desejo natural de toda mulher casada, e por isso a resposta da sunamita à afirmação de Eliseu foi um misto de espanto, de uma aparente recusa, e até mesmo de uma certa incredulidade de que ele estivesse falando realmente sério (v. 16).
Todavia, como o profeta lhe dissera sucedeu, no ano seguinte, e ela deu à luz um menino (v. 17).
O menino cresceu, e embora tivesse sido dado por uma promessa de Deus, este veio a morrer quando ainda era uma criança, depois de ter sentido fortes dores em sua cabeça (v. 21).
Tendo morrido no colo de sua mãe, esta o tomou e deitou o corpo do menino na cama do quarto que ela havia construído para Eliseu, e ao sair, fechou a porta, e não declarou a ninguém que o menino havia morrido, nem mesmo ao seu marido (v. 21 a 23).
E montando uma jumenta ela se dirigiu ao monte Carmelo para falar com Eliseu.
Ela ainda vinha ao longe quando Eliseu a avistou e mandou Geazi ir ter com ela perguntando se ela ia bem, seu marido e filho, sem saber que era a ele que ela estava procurando, e por isso ocultou também a morte de seu filho a Geazi dizendo que tudo ia bem (v. 25, 26). .
Quando a sunamita chegou ao monte, apegou-se aos pés de Eliseu, e o fez com tal amargura de alma, que Geazi tentou retirá-la, mas foi impedido pelo profeta de fazê-lo, porque percebeu que a sua alma estava amargurada e o Senhor nada lhe falara a respeito (v. 27).
Então ela desabafou a sua dor, dizendo a Eliseu que não lhe tinha pedido um filho, e que no dia em que ele lhe fez tal promessa, ela lhe havia pedido para que não a enganasse.

Com isto ela estava dizendo que se era para perdê-lo em tão tenra idade, melhor teria sido que nunca lhe houvesse sido dado, porque teria que amargar dali em diante a tristeza da sua perda.
Entretanto, de tudo o que a sunamita havia feito, desde que colocara o seu filho no quarto do profeta, fechando a sua porta e não contando a ninguém senão ao próprio Eliseu o que sucedera ao menino, podemos inferir que havia algo como que uma esperança produzida nela, pela fé de que Deus faria algo em seu favor, através do profeta, porque se aquela criança lhe fora dada pelo Senhor, pela palavra do profeta, de algum modo ela poderia agora ser restituída a ela com vida, pela ressurreição, pela palavra do mesmo profeta que lhe dissera, que ela conceberia, sabendo que nem ela nem seu esposo poderiam gerar aquela criança, senão por meio de uma intervenção miraculosa de Deus.
Assim, se a sua vida foi o resultado de um milagre, por um outro milagre de Deus ela poderia recobrá-lo de volta, e por isso ela se determinou não deixar Eliseu, ainda que ele tivesse mandado Geazi colocar o seu bordão sobre o rosto do menino, para que ele ressuscitasse.
A atitude da sunamita serviu para despertar o próprio Eliseu para o fato de que aquela ressurreição não se concretizaria pelo método que ele havia designado por sua própria conta a Geazi, e então decidiu ir à casa da sunamita em sua companhia (v. 27 a 30).
Como Geazi tinha ido adiante deles, colocou o bordão sobre o rosto do menino, porém ele não ressuscitou, e veio dar a notícia do seu insucesso a Eliseu, de quem na verdade era o insucesso, até aquele momento, por ter agido por sua própria iniciativa, sem seguir a direção que o Senhor daria àquele caso.
Quando ele entrou no seu quarto, no qual estava o corpo do menino, foi então que fez o que deveria ter feito quando a sunamita foi ter com ele, pois orou ao Senhor, e passou a agir segundo a direção que Deus estava lhe dando, pondo a sua

boca sobre a do menino, os seus olhos sobre os seus olhos, e as suas mãos sobre as suas mãos, e se encurvou sobre ele até que a carne do menino ficou aquecida.
Mas como não havia ressuscitado, Eliseu desceu e andou pela casa de uma parte a outra, até que tornando a subir encurvou-se novamente sobre o menino e ele espirrou sete vezes e abriu os olhos (v. 32 a 35).
A fé do próprio Eliseu estava sendo provada quando desceu do quarto, porque o menino não havia ressuscitado, depois de ter-se encurvado sobre o corpo dele.
O fato de ter andado de uma parte para a outra da casa, pode indicar que a sua alma estava em suspenso com indagações por que ele não teria ressuscitado uma vez que havia feito tudo o que o Senhor lhe havia ordenado para fazer?
Mas o milagre aconteceu somente quando retornou ao quarto e fez de novo o que havia feito em princípio, porque se o método estava correto, no entanto o tempo que havia gasto para esperar o milagre não fora suficiente para corresponder ao tempo que havia sido determinado por Deus.
Por isso é importante continuar orando até recebermos a resposta.
Não podemos parar enquanto não tivermos uma resposta do Senhor, ainda que seja negativa, ou para que aguardemos um pouco mais.
O Senhor sempre fará todas as coisas de acordo com o Seu próprio tempo, e nunca pelo nosso ou por aquele que considerarmos que seja necessário.
Por isso Jesus ensinou aos discípulos o dever de orar incessantemente sem esmorecer.
De bater à porta do céu até que ela seja aberta para que seja liberada a nós a resposta de Deus.
Nos versos 38 a 44 são citados mais dois milagres de Eliseu no período em que houve fome em Israel, por sete anos, período este sobre o qual achamos maiores detalhes no capítulo oitavo.

O primeiro deles foi a remoção do veneno de uma erva desconhecida, que fora cozida para alimentar os profetas, com a farinha que Eliseu colocou na panela em que ela havia sido preparada (v. 38 a 41).
O segundo foi a alimentação de cem homens com apenas vinte pães de cevada e algumas espigas verdes, que um homem de Baal-Salisa trouxera a Eliseu, e este ordenou a seu servo que lha desse ao povo para que comesse.
Tendo o servo de Eliseu retrucado, dizendo que era muito pouco para alimentar cem homens, o profeta lhe disse que o Senhor havia dito que não somente comeriam como até mesmo sobraria, e foi de fato o que aconteceu (v. 42 a 44).
Nós vemos nestes dois milagres Deus restaurando provisões (o da panela) e multiplicando meios escassos (o dos pães e espigas), revelando com isto que não é a favor de desperdiçadores, nem de esbanjadores, e nem de entesouradores dos bens que ele tem concedido liberalmente a todos os homens.
E de um certo modo todos são mordomos perante Ele, do uso que fazem destes bens, e terão que prestar contas da administração que fizeram, no dia do Juízo.
Será que a sunamita teria a disposição de construir um quarto para Eliseu, caso ela tivesse percebido nele que o seu único interesse consistia em desfrutar e se apropriar dos bens dela?
Se houvesse em Eliseu a mesma avareza que existia nos fariseus, teria sido conhecido por todos como sendo um homem de Deus?
Então a resposta para este problema sobre qual deve ser a relação do cristão com o dinheiro está na declaração de Jesus que onde estiver o nosso tesouro ali estará também o nosso coração.
Se a obra do Senhor for o nosso tesouro então será para ela que estará direcionado o nosso coração com todas as suas aspirações e desejos.
Mas, se ao contrário, o nosso tesouro for o dinheiro e tudo o que ele pode comprar, então a obra do Senhor ficará num

plano inferior, porque o desejo de obter muito dinheiro governará o nosso coração, e este será o nosso maior ideal de vida, porque fizemos do dinheiro, e não de Deus, e da Sua vontade, o nosso tesouro.
Eliseu teve que deixar para trás a sua vida de homem que cuidava do gado, para ser o sucessor de Elias.
Esta renúncia que é exigida pelo Senhor, não tem mudado, porque a Seu tempo, Deus tem chamado muitos em toda a parte para deixarem as suas antigas ocupações, para se dedicarem aos interesses do reino dos céus.
Eliseu não começou o ministério pobre e o encerrou rico.
Na verdade, ele abriu mão dos seus bens quando o Senhor o chamou para seguir Elias.
Ele teria necessidade de se desvencilhar de tudo aquilo que o prendia, de modo que pudesse estar não onde fosse da sua conveniência, mas onde o Senhor determinasse.
Quando Elias lançou o seu manto sobre ele, para indicar que seria o seu sucessor, esta foi a herança material que Elias deixou para Eliseu, a saber, o seu manto, que caiu dele quando foi arrebatado ao céu, e que passou a ser usado pelo profeta Eliseu.

“1 Ora uma dentre as mulheres dos filhos dos profetas clamou a Eliseu, dizendo: Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que o teu servo temia ao Senhor. Agora acaba de chegar o credor para levar-me os meus dois filhos para serem escravos.
2 Perguntou-lhe Eliseu: Que te hei de fazer? Dize-me o que tens em casa. E ela disse: Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite.
3 Disse-lhe ele: Vai, pede emprestadas vasilhas a todos os teus vizinhos, vasilhas vazias, não poucas.
4 Depois entra, e fecha a porta sobre ti e sobre teus filhos; deita azeite em todas essas vasilhas, e põe à parte a que estiver cheia.

5 Então ela se apartou dele. Depois, fechada a porta sobre si e sobre seus filhos, estes lhe chegavam as vasilhas, e ela as enchia.
6 Cheias que foram as vasilhas, disse a seu filho: Chega-me ainda uma vasilha. Mas ele respondeu: Não há mais vasilha nenhuma. Então o azeite parou.
7 Veio ela, pois, e o fez saber ao homem de Deus. Disse-lhe ele: Vai, vende o azeite, e paga a tua dívida; e tu e teus filhos vivei do resto.
8 Sucedeu também certo dia que Eliseu foi a Suném, onde havia uma mulher rica que o reteve para comer; e todas as vezes que ele passava por ali, lá se dirigia para comer.
9 E ela disse a seu marido: Tenho observado que este que passa sempre por nós é um santo homem de Deus.
10 Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto sobre o muro; e ponhamos-lhe ali uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; e há de ser que, quando ele vier a nós se recolherá ali.
11 Sucedeu que um dia ele chegou ali, recolheu-se àquele quarto e se deitou.
l2 Então disse ao seu moço Geazi: Chama esta sunamita. Ele a chamou, e ela se apresentou perante ele.
13 Pois Eliseu havia dito a Geazi: Dize-lhe: Eis que tu nos tens tratado com todo o desvelo; que se há de fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale por ti ao rei, ou ao chefe do exército? Ao que ela respondera: Eu habito no meio do meu povo.
14 Então dissera ele: Que se há de fazer, pois por ela? E Geazi dissera: Ora, ela não tem filho, e seu marido é velho.
15 Pelo que disse ele: Chama-a. E ele a chamou, e ela se pôs à porta.
16 E Eliseu disse: Por este tempo, no ano próximo, abraçarás um filho. Respondeu ela: Não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva.
17 Mas a mulher concebeu, e deu à luz um filho, no tempo determinado, no ano seguinte como Eliseu lhe dissera.

18 Tendo o menino crescido, saiu um dia a ter com seu pai, que estava com os segadores.
19 Disse a seu pai: Minha cabeça! minha cabeça! Então ele disse a um moço: Leva-o a sua mãe.
20 Este o tomou, e o levou a sua mãe; e o menino esteve sobre os joelhos dela até o meio-dia, e então morreu.
21 Ela subiu, deitou-o sobre a cama do homem de Deus e, fechando sobre ele a porta, saiu.
22 Então chamou a seu marido, e disse: Manda-me, peço-te, um dos moços e uma das jumentas, para que eu corra ao homem de Deus e volte.
23 Disse ele: Por que queres ir ter com ele hoje? Não é lua nova nem sábado. E ela disse: Tudo vai bem.
24 Então ela fez albardar a jumenta, e disse ao seu moço: Guia e anda, e não me detenhas no caminhar, senão quando eu to disser.
25 Partiu pois, e foi ter com o homem de Deus, ao monte Carmelo; e sucedeu que, vendo-a de longe o homem de Deus, disse a Geazi, seu moço: Eis aí a sunamita;
26 corre-lhe ao encontro e pergunta-lhe: Vais bem? Vai bem teu marido? Vai bem teu filho? Ela respondeu: Vai bem.
27 Chegando ela ao monte, à presença do homem de Deus, apegou-se-lhe aos pés. Chegou-se Geazi para a retirar, porém, o homem de Deus lhe disse: Deixa-a, porque a sua alma está em amargura, e o Senhor mo encobriu, e não mo manifestou.
28 Então disse ela: Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?
29 Ao que ele disse a Geazi: Cinge os teus lombos, toma o meu bordão na mão, e vai. Se encontrares alguém, não o saúdes; e se alguém te saudar, não lhe respondas; e põe o meu bordão sobre o rosto do menino.
30 A mãe do menino, porém, disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te hei de deixar. Então ele se levantou, e a seguiu.

31 Geazi foi adiante deles, e pôs o bordão sobre o rosto do menino; porém não havia nele voz nem sentidos. Pelo que voltou a encontrar-se com Eliseu, e o informou, dizendo: O menino não despertou.
32 Quando Eliseu chegou à casa, eis que o menino jazia morto sobre a sua cama.
33 Então ele entrou, fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor.
34 Em seguida subiu na cama e deitou-se sobre o menino, pondo a boca sobre a boca do menino, os olhos sobre os seus olhos, e as mãos sobre as suas mãos, e ficou encurvado sobre ele até que a carne do menino aqueceu.
35 Depois desceu, andou pela casa duma parte para outra, tornou a subir, e se encurvou sobre ele; então o menino espirrou sete vezes, e abriu os olhos.
36 Eliseu chamou a Geazi, e disse: Chama essa sunamita. E ele a chamou. Quando ela se lhe apresentou, disse ele: Toma o teu filho.
37 Então ela entrou, e prostrou-se a seus pés, inclinando-se à terra; e tomando seu filho, saiu.
38 Eliseu voltou a Gilgal. E havia fome na terra; e os filhos dos profetas estavam sentados na sua presença. E disse ao seu moço: Põe a panela grande ao lume, e faze um caldo de ervas para os filhos dos profetas.
39 Então um deles saiu ao campo a fim de apanhar ervas, e achando uma parra brava, colheu dela a sua capa cheia de colocíntidas e, voltando, cortou-as na panela do caldo, não sabendo o que era.
40 Assim tiraram de comer para os homens. E havendo eles provado o caldo, clamaram, dizendo: Ó homem de Deus, há morte na panela! E não puderam comer.
41 Ele, porém, disse: Trazei farinha. E deitou-a na panela, e disse: Tirai para os homens, a fim de que comam. E já não havia mal nenhum na panela.
42 Um homem veio de Baal-Salisa, trazendo ao homem de Deus pães das primícias, vinte pães de cevada, e espigas

verdes no seu alforje. Eliseu disse: Dá ao povo, para que coma.
43 Disse, porém, seu servo: Como hei de pôr isto diante de cem homens? Ao que tornou Eliseu: Dá-o ao povo, para que coma; porque assim diz o Senhor: Comerão e sobejará.
44 Então lhos pôs diante; e comeram, e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor." (II Rs 4.1-44).

II Reis 5

De Graça Recebestes De Graça Dai

Os dons de Deus não podem ser comprados pelo homem.
A Sua graça não pode ser vendida pelos Seus ministros, porque eles têm recebido de graça da parte do Senhor os dons com os quais devem servir aos homens.
O que foi recebido pela graça deve ser ministrado pela mesma graça.
É basicamente este ensino que nos é dado em quase tudo o que é narrado no quinto capítulo de II Reis.
Não é dito qual era o rei de Israel na época em que Naamã foi curado da sua lepra, e não podemos fazer qualquer afirmação neste sentido, porque o ministério de Eliseu foi extenso e durou cerca de cinquenta anos, abrangendo os reinados de Jorão, Jeú e Jeoacaz, e nenhum destes reis andou nos caminhos do Senhor, de modo que não ficassem sujeitados ao juízo determinado do Senhor de entregá-los nas mãos da Síria, por causa do pecado de Israel, que nunca se desviou do pecado de adoração dos bezerros de ouro, que havia sido introduzido por Jeroboão, desde a inauguração do Reino do Norte.
E nós vemos no primeiro versículo deste 5º capítulo, que fora pela graça de Deus, que Naamã, general da Síria, obteve vitória sobre o próprio povo de Israel, em razão de ter sido o instrumento escolhido do Senhor para castigar o pecado do Seu povo.
Na expressão que lemos no referido verso: “porque por ele o Senhor dera livramento aos sírios”, a palavra usada para livramento no original hebraico é teshuah, que significa vitória, livramento, socorro, salvação.

Sendo ele general do exército da Síria veio a obter com isto a reputação de ser um grande homem diante do seu rei, e era muito respeitado por todos.
Apesar de ser leproso o Senhor fizera dele um valente na guerra (v 1b).
E do verso 2 nós depreendemos que havia sido feito por Naamã mais do que uma investida sobre o território de Israel, e alguns israelitas haviam sido tomados como escravos, e dentre estes Naamã colocou uma jovem israelita a serviço de sua esposa.
A preocupação desta jovem com a saúde de Naamã dá testemunho do tratamento humano e bondoso que ela recebia na sua casa, pois não somente se preocupou pelo bem estar dele como disse à sua senhora que se ele procurasse o profeta que estava em Samaria, fazendo referência a Eliseu, certamente seria curado da sua lepra (v. 2, 3).
Naamã reportou ao rei da Síria todas as palavras da sua serva (v. 4), tendo obtido não apenas permissão do rei para ir a Israel como também se dispôs a escrever uma carta ao rei de Israel (v. 5), na suposição de que ele saberia o que fazer em relação à cura de Naamã.
Os reis de Israel não tinham em alta estima o ministério dos profetas, porque estes protestavam contra os seus pecados, e do povo, mas seria de se esperar o contrário, porque aqueles que falam da parte de Deus para o Seu próprio povo deveriam ser não apenas estimados como também ouvidos e obedecidos, porque profetizam para o bem deles.
Naamã estava tão esperançoso da sua cura, que levou consigo, como forma de demonstrar sua gratidão ao profeta, ao qual esperava ser enviado pelo rei de Israel, dez talentos de prata, e seis mil siclos de ouro e dez mudas de roupa (v. 5).
Quando o rei de Israel leu a carta que lhe enviara o rei da Síria, que dizia: "Logo, em chegando a ti esta carta, saberás que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra.",

ele rasgou as suas vestes e pensou que ele estava procurando um pretexto para guerrear contra ele.
Ele declarou que não era Deus para que pudesse fazê-lo, mas não havia nenhuma verdadeira humildade e reconhecimento da parte dele nisto, da glória que é devida ao Senhor, porque se tivesse de fato o verdadeiro temor de Deus ele saberia a quem deveria recorrer para que a cura fosse efetuada.
Aquela atitude de rasgar as vestes não estava dando nenhuma honra ao Senhor, senão apenas demonstrando a sua indignação e preocupação de ter que guerrear contra a Síria (v. 6, 7).
Todavia, alguém na corte sabia o que fazer, apesar de o rei ímpio não sabê-lo, e o fato chegou ao conhecimento de Eliseu, e não seria de se estranhar que ele tivesse enviado uma mensagem ao rei de Israel repreendendo-o por ter rasgado as suas vestes, em vez de ter enviado Naamã a ele, para que soubesse que os verdadeiros profetas de Deus viviam em Israel (v. 8).
Iniciamos o comentário deste quinto capítulo afirmando que os dons de Deus são gratuitos, mas a concessão deles raramente deixa de colocar à prova a nossa fé.
O Senhor faz com isto, que valorizemos estes dons, que façamos aquilo que muitas vezes contraria a própria natureza, como prova de demonstração da nossa completa confiança nas Suas promessas.
E com Naamã a bênção seguiria a regra da provação da fé, e não a exceção, do recebimento do dom e da misericórdia sem a necessidade do concurso da fé.
O nome do Deus de Israel seria glorificado naquela cura, a ponto de ela vir a ser referida no futuro pelo próprio Jesus, como prova da fé que se espera daqueles que se aproximam de Deus (Lc 4.27).
E não somente a fé de Naamã seria provada, como ele seria curado ao mesmo tempo de uma religiosidade falsa, de orgulho, de presunção e de outras atitudes pecaminosas, quando tivesse que reagir ao método que Eliseu lhe

apresentou para ser curado, e o maneira como recepcionou o general sírio, uma vez que este viera ter com Eliseu já com toda uma ideia preconcebida quanto ao modo como seria recebido e curado, e jamais passou pela sua mente a possibilidade de sequer o profeta vir à sua presença, e ainda lhe enviar um mensageiro lhe ordenando que mergulhasse sete vezes no rio Jordão para que fosse purificado da sua lepra e tivesse a restauração dos tecidos que haviam sido consumidos pela enfermidade (v. 9 11).

A fé de Naamã não foi destruída com esta dura prova, mas ela foi detida pela sua perplexidade e indignação.

Questionar os métodos de Deus nunca é bom para a nossa fé. E de igual modo, o orgulho, a ira e a indignação nos impedem de desfrutar das bênçãos do Senhor.

Mandar um leproso mergulhar num rio, e não apenas uma vez, mas sete, não é um caminho lógico e natural para curar a lepra de alguém, porque a água em vez de ajudar na cura, poderia, naquelas condições, até mesmo agravar a doença pelo amolecimento das feridas.

Por outro lado, Naamã esperava ser recebido como um general, mas na presença dos ministros de Deus, quando estes estão a Seu serviço, todos os homens não são apenas iguais, como aquele que deve ter a precedência da honra é aquele que está ministrando na presença do Senhor, e não aquele que está buscando a bênção de Deus, através dos Seus ministros.

Naamã chegou até mesmo a desprezar por um momento o país que o abençoaria, porque desdenhou das águas do Jordão comparando a inferioridade da qualidade delas às dos rios da Síria.

Ele se deixou levar pela lógica e não pela fé, porque se a cura demandaria um mergulho em um rio, porque não lhe foi pedido que o fizesse em sua própria terra e em águas melhores?

Entretanto, como dissemos antes, o caminho da fé não é o caminho da lógica.

A vida será sempre dura e difícil para aquele que não se submeter ao caminho estreito, mas não penoso, da obediência que nos é exigida pelo Senhor, para um viver abençoado.
Na verdade, há um grande perigo até mesmo de perdição eterna para aqueles que em vez de se submeterem ao caminho de se obter a justiça de Deus, que é pela graça, mediante a fé, acabam nunca alcançando a salvação de suas almas, por tentarem estabelecer o seu próprio caminho ou aquele que receberam por tradição de seus pais, e que seja diferente daquele que é estabelecido pelo Senhor na Sua Palavra.
A luta com Naamã era exatamente esta de abandonar o caminho da cura que ele havia elaborado pela sua própria imaginação para acatar o que estava sendo proposto pelo profeta.
Ele havia inclusive decidido não se submeter à palavra do profeta e retornar à sua terra, quando a Providência usou os próprios servos de Naamã para considerar que nenhuma coisa difícil havia sido pedida a ele.
Era exatamente por não ter sido difícil que ele a estava rejeitando.
Muitos deixam de ser abençoados pelo Senhor porque não admitem que seja realmente tão fácil o caminho que Deus estabeleceu para recebermos coisas tão preciosas infinitas, como a própria salvação das nossas almas, a saber, o único caminho da fé, e realmente da fé somente.
Nada além da fé, porque o que passa da fé naquilo que é pedido por Deus para a nossa justificação e regeneração (novo nascimento) já é desobediência e rebelião.
A nós cumpre somente fazer o que Ele determinou e o resto Ele fará, para honrar a nossa fé naquilo que a Sua boca tem proferido.
Ainda que, como falamos antes, a fé sempre colocará à prova muitas coisas, especialmente o risco que correremos quanto a sermos de alguma forma prejudicados, quer em nossa

estima, honra, finanças, reputação etc, se obedecermos aquilo que nos tem sido ordenado por Deus, porque antes que a fé seja exercitada através da obediência, nenhuma certeza visível nos será dada por antecipação de que alcançaremos aquilo que o Senhor nos tem prometido, em caso de obedecermos a Sua Palavra.

É somente quando concluímos o número de passadas que nos foram ordenadas, que a fé alcançará o seu prêmio.

Veja o caso de Naamã, que não poderia ter mergulhado menos do que sete vezes seguidas no Jordão, porque seis vezes, apesar de ser um número muito próximo de sete, não era ainda o cumprimento do que fora ordenado.

É bem provável e quase certo que cada mergulho dado por Naamã não lhe trouxera nenhuma evidência de melhora até que desse o sétimo.

É possível que tenha havido uma grande luta entre a sua mente racional e a obediência da fé, porque não podemos descartar a possibilidade de ter pensado até mesmo que poderia estar sendo zombado e ludibriado à medida que mergulhava e não obtinha qualquer evidência de cura.

Isto pode parecer um método cruel, mas o Senhor sabe muito bem o que cada um de nós precisa para ser curado da lepra da sua incredulidade e orgulho, de modo que venha a andar humilde e obedientemente na Sua presença.

Tendo sido curado, Naamã voltou à presença de Eliseu e pôs-se diante dele afirmando que agora sabia que o único e verdadeiro Deus era o de Israel (v. 15) e instou que Eliseu recebesse como expressão da sua gratidão todos os presentes que havia trazido consigo da Síria, mas o profeta recusou recebê-los e permaneceu firme na sua decisão, apesar de Naamã ter insistido com ele para que os recebesse (v. 15, 16).

Este testemunho da graça divina manifestado na recusa do profeta de receber algo em troca pela cura, ainda que fosse em forma de gratidão, reforçou em Naamã a certeza que

havia somente um Deus verdadeiro, e que as nações que têm muitos deuses na verdade não servem a nenhum Deus.
Ele veio então a fazer uma outra declaração na presença de Eliseu, que atestava a genuidade da sua fé e conversão, porque se dispôs a levar da terra de Israel para a Síria, certamente para construir um altar no qual pudesse oferecer sacrifícios Àquele que reconheceu como sendo o único que era digno de recebê-los, porque estava determinado a nunca mais oferecer holocausto nem sacrifico a outros deuses, senão somente ao Senhor (v. 17).
Ele foi sincero ainda diante de Eliseu ao dizer-lhe, não para justificar o que teria que continuar fazendo na Síria, mas para que fosse apresentado pelo profeta por ele em intercessão ao Deus de Israel, o fato de ter que acompanhar o rei da Síria, na qualidade de um oficial do reino, e não de um religioso devotado, nas ocasiões oficiais que ele tinha que comparecer ao templo do deus sírio, Rimom.
Ele disse isto para demonstrar que não o faria para honrar o falso deus, pois sabia que só há um único e verdadeiro Deus, a saber, o de Israel, mas faria por conta de sua obrigação de honrar o rei de sua terra.
Assim, Naamã disse a Eliseu que esperava ser perdoado pelo Senhor quanto a este constrangimento ao qual ele estaria obrigado a fazer por conta do seu ofício.
O profeta, em sua sabedoria, não lhe impôs qualquer carga, nenhum tropeço àquele novo convertido, dizendo-lhe apenas "vai em paz", como a dizer, a paz do Senhor será contigo apesar disto, pois, em sua experiência sabia a quantos constrangimentos muitos servos de Deus estão expostos neste mundo.
Como em toda conversão genuína o diabo nunca se dá por satisfeito, enquanto não conseguir desviar o novo convertido da fé, quer pelos ataques diretos que faz contra eles em relação aos mandamentos de Deus, arrazoando que os que servem ao Senhor não são em nada diferentes dos que são do mundo, que a Bíblia está repleta de erros e daí por diante, há

todo um arsenal diabólico para tentar abalar a fé de um novo convertido.
Não admira portanto, que a cobiça de Geazi, o moço de Eliseu, tenha sido estimulada pelo Inimigo com vistas a anular o testemunho da verdade que há em Deus por tudo o que havia sido testemunhado pelo profeta.
Cremos que o próprio Eliseu deve ter-se comunicado posteriormente com Naamã, ou de algum outro modo, o próprio Deus tomou providências para desfazer a farsa de Geazi, de forma que o testemunho não fosse anulado.
Por isso dizemos que nós cremos que Naamã veio a ter conhecimento posteriormente que Geazi ficara leproso, e que fora dito por Deus pelo Seu profeta, que aquela lepra de Geazi era a mesma que estava em Naamã, e que não estaria somente nele mas em toda a sua descendência, de modo que o testemunho do profeta permaneceria verdadeiro, pelo fato de ter dito a Naamã que não receberia nenhum dos seus presentes porque esta era a vontade de Deus naquele caso.
Geazi mentiu em nome do próprio Eliseu, dizendo que por força das circunstâncias de uma visita inesperada havia pedido a Naamã uma parte daqueles presentes que havia trazido com ele.
Ele somente não pediu tudo, provavelmente, para não levantar qualquer tipo de desconfiança no general sírio.
Mas cobiçando herdar um dinheiro que o próprio Deus havia recusado, porque estava em jogo um bem muito mais precioso que era a alma do próprio Naamã, Geazi acabou herdando a lepra de Naamã e é bem possível que tenha ficado até mesmo sem os bens, porque certamente Eliseu deve ter determinado que tudo fosse devolvido ao seu legítimo dono.
Geazi cometeu o mesmo pecado de Ananias e Safira, que foi o de mentir em assuntos envolvendo o nome de Deus, para obter vantagem pessoal, escondendo a sua própria cobiça, e achou com isto um juízo de morte.

“1 Ora, Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito, porque por ele o Senhor dera livramento aos sírios; era homem valente, porém leproso.
2 Os sírios, numa das suas investidas, haviam levado presa, da terra de Israel, uma menina que ficou ao serviço da mulher de Naamã.
3 Disse ela a sua senhora: Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria! Pois este o curaria da sua lepra.
4 Então Naamã foi notificar a seu senhor, dizendo: Assim e assim falou a menina que é da terra de Israel.
5 Respondeu o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. Foi, pois, e levou consigo dez talentos de prata, e seis mil siclos de ouro e dez mudas de roupa.
6 Também levou ao rei de Israel a carta, que dizia: Logo, em chegando a ti esta carta, saberás que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra.
7 Tendo o rei de Israel lido a carta, rasgou as suas vestes, e disse: Sou eu Deus, que possa matar e vivificar, para que este envie a mim um homem a fim de que eu o cure da sua lepra? Notai, peço-vos, e vede como ele anda buscando ocasião contra mim.
8 Quando Eliseu, o homem de Deus, ouviu que o rei de Israel rasgara as suas vestes, mandou dizer ao rei: Por que rasgaste as tuas vestes? Deixa-o vir ter comigo, e saberá que há profeta em Israel.
9 Veio, pois, Naamã com os seus cavalos, e com o seu carro, e parou à porta da casa de Eliseu.
10 Então este lhe mandou um mensageiro, a dizer-lhe: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne tornará a ti, e ficarás purificado.
11 Naamã, porém, indignado, retirou-se, dizendo: Eis que pensava eu: Certamente ele sairá a ter comigo, pôr-se-á em pé, invocará o nome do Senhor seu Deus, passará a sua mão sobre o lugar, e curará o leproso.

12 Não são, porventura, Abana e Farpar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? não poderia eu lavar-me neles, e ficar purificado? Assim se voltou e se retirou com indignação.
13 Os seus servos, porém, chegaram-se a ele e lhe falaram, dizendo: Meu pai, se o profeta te houvesse indicado alguma coisa difícil, porventura não a terias cumprido? Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te, e ficarás purificado.
14 Desceu ele, pois, e mergulhou-se no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne dum menino, e ficou purificado.
15 Então voltou ao homem de Deus, ele e toda a sua comitiva; chegando, pôs-se diante dele, e disse: Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus senão em Israel; agora, pois, peço-te que do teu servo recebas um presente.

16 Ele, porém, respondeu: Vive o Senhor, em cuja presença estou, que não o receberei. Naamã instou com ele para que o tomasse; mas ele recusou.
17 Ao que disse Naamã: Seja assim; contudo dê-se a este teu servo terra que baste para carregar duas mulas; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor.
18 Nisto perdoe o Senhor ao teu servo: Quando meu amo entrar na casa de Rimom para ali adorar, e ele se apoiar na minha mão, e eu também me tenha de encurvar na casa de Rimom; quando assim me encurvar na casa de Rimom, nisto perdoe o Senhor ao teu servo.
19 Eliseu lhe disse: Vai em paz.
20 Quando Naamã já ia a uma pequena distância, Geazi, moço de Eliseu, o homem de Deus, disse: Eis que meu senhor poupou a este sírio Naamã, não recebendo da mão dele coisa alguma do que trazia; vive o Senhor, que hei de correr atrás dele, e receber dele alguma coisa.

21 Foi pois, Geazi em alcance de Naamã. Este, vendo que alguém corria atrás dele, saltou do carro a encontrá-lo, e perguntou: Vai tudo bem?
22 Respondeu ele: Tudo vai bem. Meu senhor me enviou a dizer-te: Eis que agora mesmo vieram a mim dois mancebos dos filhos dos profetas da região montanhosa de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas mudas de roupa.
23 Disse Naamã: Sê servido de tomar dois talentos. E instou com ele, e amarrou dois talentos de prata em dois sacos, com duas mudas de roupa, e pô-los sobre dois dos seus moços, os quais os levaram adiante de Geazi.
24 Tendo ele chegado ao outeiro, tomou-os das mãos deles e os depositou na casa; e despediu aqueles homens, e eles se foram.
25 Mas ele entrou e pôs-se diante de seu amo. Então lhe perguntou Eliseu: Donde vens, Geazi? Respondeu ele: Teu servo não foi a parte alguma.
26 Eliseu porém, lhe disse: Porventura não foi contigo o meu coração, quando aquele homem voltou do seu carro ao teu encontro? Era isto ocasião para receberes prata e roupa, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas?
27 Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então Geazi saiu da presença dele leproso, branco como a neve." (II Rs 5.1-27).

II Reis 6

Vencendo o Mal com o Bem

Os primeiros sete versículos do sexto capítulo de II Reis descrevem o milagre da flutuação de um machado de ferro, que havia caído no rio Jordão quando os profetas que habitavam juntamente com Eliseu, provavelmente em Gilgal (2.1; 4.38), decidiram pedir-lhe permissão para ampliarem a edificação do local em que moravam, porque não havia espaço suficiente para acomodá-los, possivelmente em razão de muitos terem se agregado aos primeiros profetas, que se reuniam desde os dias de Elias, e que passaram a seguir também a Eliseu.

Nós temos esta associação de profetas desde os dias em que Samuel havia inaugurado uma casa de profetas em Ramá, sua cidade natal na tribo de Efraim, e elas se espalharam por outras regiões de Israel, como Gilgal, Betel e Jericó.

Assim, o próprio Elias não surgiu do nada, porque há cerca de trezentos anos Deus vinha chamando e reunindo estes homens para se consagrarem a Ele, para estudarem e ensinarem a Sua Palavra, porque o ministério sacerdotal, em grande parte havia se corrompido, impedindo que realizassem a sua função oficial e vitalícia, de juntamente com os levitas ensinarem a lei em todo Israel.

Não podemos esquecer que este ministério dos sacerdotes e levitas era hereditário, e sabemos que a graça e a fidelidade não correm no sangue, e que o serviço ao Senhor deve ser verdadeiro e voluntário, então deveria ser feito necessariamente por um atendimento à chamada do Senhor, por parte daqueles que desejavam consagrar as suas vidas a Ele.

É aqui que vemos a necessidade do ministério dos profetas do Velho Testamento.

É por isso que quando o ministério regular e oficial das Igrejas falha em sua missão de pregar o evangelho a toda criatura, pessoas leigas são despertadas e levantadas pelo Senhor para cumprirem a função que eles deixaram de cumprir.
Quando aqueles profetas foram cortar árvores no Jordão, para fazerem as vigas da casa, o machado de um deles se desprendeu do cabo e caiu na água, e ao lamentar o fato junto ao profeta Eliseu, porque havia pedido aquele machado emprestado, e não somente para não prejudicar o proprietário, como também para evitar que o grupo de profetas fosse acusado de imprudência e negligência, o Senhor permitiu que um milagre, feito pelas mãos de Eliseu acabasse com o possível prejuízo e constrangimento, porque o profeta cortou um pedaço de madeira e o lançou no local onde o machado havia afundado, e certamente sem que houvesse necessidade de um segundo milagre, a saber, que a madeira afundasse, a parte de ferro do machado, contrariando os princípios da física flutuou e pôde ser apanhado com as mãos pelo profeta, que o havia extraviado.
Todas estas maravilhas tinham não somente um fim útil para a solução de problemas reais, como também para engrandecer Eliseu diante dos seus discípulos, de modo que fosse respeitado por eles, por verem que o Senhor era com ele, e assim, dessem crédito às suas palavras e continuassem apoiando o seu ministério, e aprendendo dele as coisas relativas ao reino de Deus.
De igual modo, o ministério de Jesus e dos apóstolos foi confirmado por Deus com sinais e prodígios, para que todos os que lhes acompanhavam, e os que viriam depois deles, dessem crédito a tudo o que fizeram e disseram, e que ficou registrado para nosso ensino na Bíblia.
A madeira que foi lançada à água por Eliseu era uma sinalização divina para que o ferro subisse e flutuasse, e de igual modo a graça de Deus revelada em Jesus é o sinal enviado por Ele para elevar o coração de ferro e de pedra que estava afundado no lodaçal deste mundo e do pecado,

fazendo com que os afetos naturais terrenos pudessem ser elevados ao plano celestial.
Os demais versículos deste capítulo descrevem como Deus pôde transformar em bem o mal que foi intentado pelo rei da Síria contra o profeta Eliseu, por causa do desvendamento dos seus projetos de guerra, que ele fazia ao rei de Israel, porque toda a nação israelita pôde ser beneficiada em razão da bondade e humanidade que o profeta demonstrou para com os soldados sírios, que foi interpretada pelo reio da Síria como um ato de grande demonstração de misericórdia, bondade e perdão para com os sírios por parte do exército de Israel.
O rei da Síria vinha sendo impedido por vezes sucessivas de instalar pontos de comando em territórios de Israel, porque toda vez que planejava enviar tropas para guarnecerem determinadas áreas, o profeta Eliseu comunicava os planos do rei sírio ao de Israel, e este se antecipava enviando tropas para aquele lugar, e frustrava assim os planos da Síria.
Quando o rei da Síria ficou sabendo que isto era devido à obra de Eliseu e não por causa de traição de algum dos soldados da própria Síria, ele decidiu acabar com a fonte dos seus problemas, enviando um grande exército, inclusive com carros e cavaleiros, não para guerrearem contra Israel, mas para sequestrarem o profeta.
Talvez, por isso, estas tropas tenham sido poupadas por Deus, porque a intenção deles era a de se beneficiarem do profeta, tal como ele vinha beneficiando o rei de Israel, e não de matá-lo ou de desprezarem o seu ofício.
E tendo se informado que Eliseu se encontrava em Dotã, cidade próxima de Samaria, o exército sírio cercou a cidade (v. 11 a 14).
Nós aprendemos desta passagem a grande importância da vigilância espiritual, pela qual mantemos ininterrupta comunhão com Deus, e pela qual nos é possível receber com antecedência, instruções do Senhor relativas ao mal que se avizinha, de modo que possamos nos prevenir dele, tal como

Israel pôde ser livrado pelas revelações dos movimentos do rei sírio, que eram feitas a Eliseu.
A visão daquele numeroso exército com carros e cavalos espantou sobremodo o moço de Eliseu, que veio lhe notificar o que tinha visto, e lhe perguntou o que eles poderiam fazer.
E a resposta do profeta foi que ele nada temesse porque os que estavam ao seu lado eram mais numerosos do que os que estavam com os sírios (v. 15, 16).
Quem havia impelido o exército sírio contra Eliseu, senão as portas do inferno com o propósito de terminar com a carreira do profeta em Israel.
Mas as portas do inferno não podem prevalecer contra as portas do céu, que liberaram um exército de anjos muito mais poderoso e numeroso do que os demônios que haviam incitado os sírios.
Esta luta sobrenatural somente poderia ser combatida no mundo espiritual, e por isso havia carros e cavalos de fogo sobre e ao redor de todo o monte em que se encontrava Eliseu, o que foi testemunhado pelo próprio moço do profeta quando este orou ao Senhor pedindo-lhe que lhe abrisse os seus olhos espirituais para que pudesse ver aquele grande e poderoso exército celestial (v. 17).
Mais do que defender um homem, Deus estava protegendo o ministério daquele homem, mais do que proteger um profeta, Deus estava protegendo a Sua própria obra e propósito, que estavam sendo cumpridos por Eliseu.
Os sírios não estavam, portanto, lutando contra o homem, senão contra o próprio Deus, e por isso Ele dispôs o Seu exército celestial para lutar contra eles.
E assim, quando Eliseu orou para que o Senhor cegasse todos os do exército sírio, que se encontravam em Dotã, Ele o fez prontamente (v. 18) porque o profeta agiu conforme a Sua própria instrução divina.
O sírios estariam cumprindo indiretamente não o propósito do rei da Síria, mas o propósito do Rei e Deus de Israel, que

transformaria o mal intentado pelo diabo numa bênção para o Seu próprio povo.
Por isso, o profeta disse aos soldados que se encontravam agora cegos, que não era aquele o caminho, nem aquela a cidade em que eles deveriam se encontrar, pois o homem que buscavam seria encontrado por eles no lugar apropriado, isto é, Samaria, ainda que não soubessem disto porque o Senhor operou não somente a cegueira física neles como também a confusão mental, de maneira que se esqueceram que se encontravam em Dotã, e assim se deixaram conduzir por Eliseu até a presença do rei de Israel.
E chegando em Samaria, Eliseu orou de novo ao Senhor pedindo-lhe que restituísse a visão aos sírios, e grande deve ter sido o espanto deles quando viram que estavam à mercê das tropas de Israel, e encurralados dentro das paredes da própria cidade dos seus inimigos.
O rei de Israel pediu ao profeta para matá-los a sangue frio, mas como consentiria com isto o Deus de Israel, que não é covarde e que age por princípios?
Isto na verdade contrariava totalmente os planos do Senhor para aquela ocasião, que era demonstrar às nações inimigas a bondade e a misericórdia que havia nos israelitas, e no seu Deus, de maneira que os sírios não foram apenas poupados por instrução do Senhor, como também ordenou que fosse dado de comer a eles, antes de serem devolvidos à sua própria terra.
Com isto o amor aos inimigos previsto na Lei estaria sendo posto em prática, e revelaria que a melhor maneira de se vencer um inimigo é torná-lo nosso amigo, ou então fazer com que ao menos ele deponha as armas que tem levantado contra nós, pela atitude pacificadora e bondosa que revelarmos em relação a ele.
Com a bondade que foi manifestada aos soldados sírios pelo rei de Israel, ainda que a pedido do profeta Eliseu, o rei da Síria desistiu de invadir Israel, por um longo período, conforme se lê no verso 23.

Nós vemos assim, que não está nas mãos do diabo a iniciativa de agir contra o povo de Deus, quando bem desejar porque isto está nas mãos de Deus, que corrige o Seu povo, ainda que permitindo que seja afligido pelo Inimigo, somente quando Ele entende que o pecado deles demanda os Seus juízos, que serão exercidos visando-se sempre a um fim proveitoso e justo, e que dê glória ao Seu santo nome.

Deste modo, o cerco que foi permitido pelo Senhor, a Ben-Hadade da Síria, levantar contra a cidade de Samaria, capital do Reino do Norte, foi certamente num período em que as iniquidades de Israel deveriam ser visitadas pelos Seus juízos (v. 24).

E este cerco foi de tal dimensão, e durou tanto tempo, que até mesmo a cabeça de um jumento, que contém pouca carne era vendida por 80 siclos de prata, e estavam se alimentando de esterco de pombos, que estava sendo vendido em pequenas porções por 5 siclos de prata.

Isto demonstra até que ponto havia chegado a escassez de alimentos e a grande elevação de custos, motivada pela inflação de a procura ser maior do que a oferta.

Mas Deus interviria de tal modo, conforme veremos no capítulo seguinte, aumentando a oferta de alimentos com as próprias provisões do exército sírio, que haviam sido deixadas por eles para trás em sua fuga, para a sua própria terra, que tanto uma medida de farinha quanto duas medidas de cevada, estariam sendo vendidas por apenas um siclo.

Mas até que isto acontecesse, conforme seria predito pelo próprio Eliseu, a fome chegou a um tal ponto extremo, por causa do cerco do exército sírio, que duas mulheres combinaram em se alimentarem dos corpos de seus próprios filhos, e uma delas chegou efetivamente a fazê-lo, e a outra negou-se a matar o seu no dia seguinte, conforme haviam combinado.

A primeira, sentindo-se prejudicada e ludibriada apelou ao rei para que a acudisse. E ele disse que nada poderia fazer quando o próprio Deus se negava a ajudar a mulher em sua

fome, revelando assim todo o ressentimento que ele estava abrigando contra o Senhor, por causa daquela dura condição que estava sendo imposta pelos sírios a Israel.
Este ressentimento aumentaria muito mais quando ele soube do extremo ao qual aquelas mulheres haviam chegado, e ele se vestiu de saco não para se arrepender de seus pecados, que eram a verdadeira causa de todos aqueles juízos, mas para demonstrar o quanto lamentava e estava triste pela situação de miséria e humilhação a que estava sendo exposto o seu reinado por causa do juízo do Senhor, e então ele decidiu se vingar de Deus matando o seu profeta, e praguejou em nome do próprio Deus proclamando um anátema sobre si mesmo caso viesse a falhar naquilo que ele pretendia fazer contra Eliseu, que era decapitar o profeta (v. 31).
Mas o Senhor revelou as intenções do rei de Israel a Eliseu, de modo que instruiu os anciãos, que se encontravam em sua companhia, em sua casa, que fechassem a porta na cara do mensageiro do rei, que vinha adiante dele, certamente, com o propósito de atrair Eliseu para fora de casa, para que o rei que vinha logo depois dele pudesse decapitá-lo (v. 32).
Contudo, quando o mensageiro chegou à porta de Eliseu o rei caiu em si, talvez por ter-lhe sido abrandada a fúria e disse o seguinte: "Eis que este mal vem do Senhor; que mais, pois, esperaria eu dele?" (v. 33).
Ele certamente viu que caso matasse o profeta (caso isto fosse evidentemente permitido pelo Senhor) o mal que já era grande contra ele, seria muito maior, porque sabia que aquele juízo estava vindo da parte de Deus, e ficaria sujeito a um juízo ainda maior, caso matasse o seu ungido.
Com isto ele não se converteu e nem passou a ter o verdadeiro temor que é devido ao Senhor e que só pode ser demonstrado por aqueles que o amam verdadeiramente.
Mas, tal como Acabe fizera, quando ouviu o juízo do Senhor contra ele, por ter se apoderado da vinha de Nabote, este rei de Israel também se humilhou externamente perante o

Senhor, por temer o juízo que viria sobre ele, caso praticasse o mal que intentara realizar contra Eliseu.
Assim, não somente conseguiu se livrar do juízo que temia, como achou favor e misericórdia diante do Senhor, conforme veremos no capítulo seguinte.

"1 Os filhos dos profetas disseram a Eliseu: Eis que o lugar em que habitamos diante da tua face é estreito demais para nós.
2 Vamos, pois até o Jordão, tomemos de lá cada um de nós, uma viga, e ali edifiquemos para nós um lugar em que habitemos. Respondeu ele: Ide.
3 Disse-lhe um deles: Digna-te de ir com os teus servos. E ele respondeu: Eu irei.
4 Assim foi com eles; e, chegando eles ao Jordão, cortavam madeira.
5 Mas sucedeu que, ao derrubar um deles uma viga, o ferro do machado caiu na água; e ele clamou, dizendo: Ai, meu senhor! ele era emprestado.
6 Perguntou o homem de Deus: Onde caiu? E ele lhe mostrou o lugar. Então Eliseu cortou um pau, e o lançou ali, e fez flutuar o ferro.
7 E disse: Tira-o. E ele estendeu a mão e o tomou.
8 Ora, o rei da Síria fazia guerra a Israel; e teve conselho com os seus servos, dizendo: Em tal e tal lugar estará o meu acampamento.
9 E o homem de Deus mandou dizer ao rei de Israel: Guarda-te de passares por tal lugar porque os sírios estão descendo ali.
10 Pelo que o rei de Israel enviou tropas àquele lugar, de que o homem de Deus lhe falara, e de que o tinha avisado, e assim se salvou. Isso aconteceu não uma só vez, nem duas.
11 Turbou-se por causa disto o coração do rei da Síria que chamou os seus servos, e lhes disse: Não me fareis saber quem dos nossos é pelo rei de Israel?

12 Respondeu um dos seus servos: Não é assim, ó rei meu senhor, mas o profeta Eliseu que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que falas na tua câmara de dormir.
13 E ele disse: Ide e vede onde ele está, para que eu envie e mande trazê-lo. E foi-lhe dito; Eis que está em Dotã.
14 Então enviou para lá cavalos, e carros, e um grande exército, os quais vieram de noite e cercaram a cidade.
15 Tendo o moço do homem de Deus se levantado muito cedo, saiu, e eis que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros.
Então o moço disse ao homem de Deus: Ai, meu senhor! que faremos?
16 Respondeu ele: Não temas; porque os que estão conosco são mais do que os que estão com eles.
17 E Eliseu orou, e disse: Ó Senhor, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu.
18 Quando os sírios desceram a ele, Eliseu orou ao Senhor, e disse: Fere de cegueira esta gente, peço-te. E o Senhor os feriu de cegueira, conforme o pedido de Eliseu.
19 Então Eliseu lhes disse: Não é este o caminho, nem é esta a cidade; segui-me, e guiar-vos-ei ao homem que buscais. E os guiou a Samaria.
20 E sucedeu que, chegando eles a Samaria, disse Eliseu: Ó Senhor, abre a estes os olhos para que vejam. O Senhor lhes abriu os olhos, e viram; e eis que estavam no meio de Samaria.
21 Quando o rei de Israel os viu, disse a Eliseu: Feri-los-ei, feri-los-ei, meu pai?
22 Respondeu ele: Não os ferirás; ferirás os que tornares prisioneiros com a tua espada e com o teu arco. Põe-lhes diante pão e água, para que comam e bebam, e se vão para seu senhor.

23 Preparou-lhes, pois, um grande banquete; e eles comeram e beberam; então ele os despediu, e foram para seu senhor. E as tropas dos sírios desistiram de invadir a terra de Israel.
24 Sucedeu, depois disto, que Ben-Hadade, rei da Síria, ajuntando todo o seu exército, subiu e cercou Samaria.
25 E houve grande fome em Samaria, porque mantiveram o cerco até que se vendeu uma cabeça de jumento por oitenta siclos de prata, e um pouco de esterco de pombas por cinco siclos de prata.
26 E sucedeu que, passando o rei de Israel pelo muro, uma mulher lhe gritou, dizendo: Acode-me, ó rei meu Senhor.
27 Mas ele lhe disse: Se o Senhor não te acode, donde te acudirei eu? da eira ou do lagar?
28 Contudo o rei lhe perguntou: Que tens? E disse ela: Esta mulher me disse: Dá cá o teu filho, para que hoje o comamos, e amanhã comeremos o meu filho.
29 cozemos, pois, o meu filho e o comemos; e ao outro dia lhe disse eu: Dá cá o teu filho para que o comamos; e ela escondeu o seu filho.
30 Ouvindo o rei as palavras desta mulher, rasgou as suas vestes (ora, ele ia passando pelo muro); e o povo olhou e viu que o rei trazia saco por dentro, sobre a sua carne.
31 Então disse ele: Assim me faça Deus, e outro tanto, se a cabeça de Eliseu, filho de Safate, lhe ficar hoje sobre os ombros.
32 Estava então Eliseu sentado em sua casa, e também os anciãos estavam sentados com ele, quando o rei enviou um homem adiante de si; mas, antes que o mensageiro chegasse a Eliseu, disse este aos anciãos: Vedes como esse filho de homicida mandou tirar-me a cabeça? Olhai quando vier o mensageiro, fechai a porta, e empurrai-o para fora com a porta. Porventura não vem após ele o ruído dos pés do seu senhor?
33 Quando Eliseu ainda estava falando com eles, eis que chegou o mensageiro; e disse o rei: Eis que este mal vem do Senhor; que mais, pois, esperaria eu dele?" (II Rs 6.1-33).

II Reis 7

A Misericórdia Triunfa Sobre o Juízo

Nós vemos no capítulo anterior a este sétimo de II Reis, que estaremos comentando, que o rei de Israel se desesperou com a fome que havia em Samaria, por causa do cerco da cidade pelo sírios, a ponto de ter intentado decapitar o profeta Eliseu, mas, desistiu do seu intento quando chegou próximo ao profeta por ter entendido que se aquele mal vinha da parte de Deus, quão maior juízo não poderia esperar dEle, caso matasse o seu profeta, e assim, a desesperança que havia invadido o seu coração, a ponto de não conseguir esperar do Senhor, senão apenas o pior, ainda que nada fizesse contra Eliseu (6.33b), receberia a devida resposta da parte de Deus de que Ele é reto juiz, que julga o pecado do Seu povo, mas não é um Deus cruel e incompassivo, porque é cheio de misericórdia ainda que para com um mundo de incrédulos e pecadores, e faz com que no extremo do desespero dos homens, brilhe o sol da Sua bondade e misericórdia, porque foi a este rei desesperançado, que somente esperava o pior da Sua parte, que Eliseu disse que todo aquela grande fome seria eliminada dentro de apenas 24 horas, porque já no dia seguinte haveria tal abundância de alimentos para os israelitas, que à porta de Samaria, estaria sendo vendido farinha e cevada por uma bagatela.

Embora o rei de Israel tivesse ameaçado a vida de Eliseu, a bondade e a misericórdia de Deus passou por alto daquela iniquidade, e fez a ele esta promessa de uma grande bênção. Este talvez seja o motivo de encontrarmos nos capítulos seguintes este rei sendo favorável para com o profeta, e para com aqueles que estimava, como foi o caso da mulher sunamita, quando voltou depois do grande período de sete anos de fome, que houve em Israel, porque quis se informar

através da boca de Geazi, o moço de Eliseu, de todos os grandes feitos realizados pelo profeta.
Entretanto, nada disso, nem toda a bondade que o Senhor havia demonstrado a ele fez com que se arrependesse dos seus pecados, e o próprio povo de Israel continuou a pecar, porque se houve fome em Israel, e se a fertilidade da terra de Canaã, que manava leite e mel estava ficando estéril, pela falta de chuvas, e se a lavoura era devastada pelas doenças e pragas, isto era um sinal evidente de que o Senhor estava julgando os pecados do Seu povo e convocando-o ao arrependimento, como se infere de Lev 26.14-46.
Se o rei de Israel tivesse o verdadeiro temor do Senhor, em vez de se enfurecer contra Eliseu, quando soube que uma mulher havia comido a carne do seu próprio filho, por meio de um acordo macabro que havia feito com uma outra israelita, de comerem o filho desta no dia seguinte, ele teria se arrependido com saco e cinza, porque era ele o maior culpado da ocorrência de todas estas coisas, que já haviam sido anunciadas pelo Senhor, desde os dias de Moisés, como uma das formas de juízo sobre o pecado dos israelitas (Lev 26.29), como decorrência da escassez que haveria em toda a terra de Israel (Lev 26.19-28), como sendo um dos sinais de que o povo estava quebrando a aliança que o Senhor havia feito com eles, e necessitava portanto, se arrepender dos seus pecados, e se converter dos seus maus caminhos.
Então esta provisão miraculosa que nós vemos neste capítulo, e que havia sido prometida por Deus através de Eliseu, não era em razão de nenhum arrependimento demonstrado pelo rei ou pelo povo, mas pela exclusiva misericórdia e bondade de Deus, em face das condições extremas de miséria a que havia chegado o Seu povo.
Quando Deus fez a promessa de trazer fartura aos israelitas, em menos de 24 horas, um capitão que acompanhava o rei de Israel disse que ainda que o Senhor fizesse janelas no céu isto não poderia acontecer (v. 2).

Ele havia feito uma declaração de que Deus é impotente para realizar impossíveis e pagaria o preço da sua incredulidade com a morte, porque o profeta lhe disse naquele mesmo momento, que então veria apenas o milagre, mas não se beneficiaria dele, porque não poderia comer da provisão que Deus daria ao seu povo.

O fato é que Deus já estava agindo quando Eliseu falava com o rei de Israel, e respondia à incredulidade do seu capitão, porque houve um estrondo de carros e cavalos vindo na direção do acampamento dos sírios, e estes fugiram em completo desespero, pensando que vinha sobre eles um grande exército de egípcios e heteus, alugado pelos israelitas (v. 6), e na pressa, deixaram para trás todas as suas provisões (v. 7).

A Providência fez com que o milagre fosse descoberto por quatro leprosos, que julgaram ser melhor morrer pela espada dos sírios do que de fome, ainda que tivessem contando com uma possível misericórdia dos sírios para com eles em razão de serem leprosos (v. 3 a 5; 8,9).

E eles encontraram o acampamento dos sírios abandonado, e se dispuseram a voltar e dar a notícia aos israelitas de Samaria (v. 10).

Tendo os porteiros da cidade recebido a notícia, eles a transmitiram à casa do rei (v. 11), mas o próprio rei não havia crido no milagre prometido por Deus através de Eliseu e julgou que aquilo era apenas um estratagema de guerra dos sírios, que deviam ter-se escondido para que os israelitas saíssem da cidade e assim fossem destruídos por eles (v. 12).

Mas um dos servos do rei deu-lhe o conselho que se mandasse pelo menos verificar com uma pequena força tarefa de cinco cavalos dos poucos que haviam restado à cidade, e que em dois carros fossem enviados mensageiros para verificarem o que havia ocorrido (v. 13, 14).

E tendo sido constatado que era verídico o relato que havia sido feito pelos leprosos, eles o anunciaram ao rei e o povo saqueou o acampamento dos sírios e a farinha e a cevada

eram vendidas pelo baixo preço que havia sido dito por Deus através do profeta (v. 15, 16).

Aquele capitão incrédulo, foi colocado pelo rei à porta da cidade para controlar a saída e a entrada do povo, mas era tal a excitação da multidão, que ele, numa possível tentativa de conter a precipitação deles acabou sendo atropelado pelo povo e morreu, cumprindo-se assim o juízo que o Senhor havia trazido à sua incredulidade, e o desmerecimento que Ele deu não somente à Sua Palavra na boca de Eliseu, mas à Sua própria majestade divina (v. 17 a 20).

As palavras que aquele capitão havia proferido em forma de pergunta: "Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu poderia isso suceder?", receberam uma resposta apropriada na promessa que o Senhor fez através do profeta Malaquias de prover de bens, que virão diretamente de um comando que parte do céu, e que portanto, vêm ao povo do Senhor através das janelas do céu, quando o Seu povo caminha fielmente com Ele, comprovando-o externamente, pela fé na confiança na Sua provisão, através da sua fidelidade na mordomia que lhe é devida.

"1 Então disse Eliseu: Ouvi a palavra do Senhor; assim diz o Senhor: Amanhã, por estas horas, haverá uma medida de farinha por um siclo, e duas medidas de cevada por um siclo, à porta de Samaria.

2 porém o capitão em cujo braço o rei se apoiava respondeu ao homem de Deus e disse: Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu, poderia isso suceder? Disse Eliseu: Eis que o verás com os teus olhos, porém não comerás.

3 Ora, quatro homens leprosos estavam à entrada da porta; e disseram uns aos outros: Para que ficamos nós sentados aqui até morrermos?

4 Se dissermos: Entremos na cidade; há fome na cidade, e morreremos aí; e se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamo-nos, pois, agora e passemos para o

arraial dos sírios; se eles nos deixarem viver, viveremos; e se nos matarem, tão somente morreremos.
5 Levantaram-se, pois, ao crepúsculo, para irem ao arraial dos sírios; e, chegando eles à entrada do arraial, eis que não havia ali ninguém.
6 Porque o Senhor fizera ouvir no arraial dos sírios um ruído de carros e de cavalos, como de um grande exército; de forma que disseram uns aos outros: Eis que o rei de Israel alugou contra nós os reis dos heteus e os reis dos egípcios, para virem sobre nós.
7 Pelo que se levantaram e fugiram, ao crepúsculo; deixaram as suas tendas, os seus cavalos e os seus jumentos, isto é, o arraial tal como estava, e fugiram para salvarem as suas vidas.
8 Chegando, pois, estes leprosos à entrada do arraial, entraram numa tenda, comeram e beberam; e tomando dali prata, ouro e vestidos, foram e os esconderam; depois voltaram, entraram em outra tenda, e dali também tomaram alguma coisa e a esconderam.
9 Então disseram uns aos outros: Não fazemos bem; este dia é dia de boas novas, e nós nos calamos. Se esperarmos até a luz da manhã, algum castigo nos sobrevirá; vamos, pois, agora e o anunciemos à casa do rei.
10 Vieram, pois, bradaram aos porteiros da cidade, e lhes anunciaram, dizendo: Fomos ao arraial dos sírios e eis que lá não havia ninguém, nem voz de homem, porém só os cavalos e os jumentos atados, e as tendas como estavam.
11 Assim chamaram os porteiros, e estes o anunciaram dentro da casa do rei.
12 E o rei se levantou de noite, e disse a seus servos: Eu vos direi o que é que os sírios nos fizeram. Bem sabem eles que estamos esfaimados; pelo que saíram do arraial para se esconderem no campo, dizendo: Quando saírem da cidade, então os tomaremos vivos, e entraremos na cidade.
13 Então um dos seus servos respondeu, dizendo: Tomem-se, pois, cinco dos cavalos do resto que ficou aqui dentro (eis que

eles estão como toda a multidão dos israelitas que ficaram aqui de resto, e que se vêm extenuando), e enviemo-los, e vejamos.
14 Tomaram pois dois carros com cavalos; e o rei os enviou com mensageiros após o exército dos sírios, dizendo-lhe: Ide, e vede.
15 E foram após ele até o Jordão; e eis que todo o caminho estava cheio de roupas e de objetos que os sírios, na sua precipitação, tinham lançado fora; e voltaram os mensageiros, e o anunciaram ao rei.
16 Então saiu o povo, e saqueou o arraial dos sírios. Assim houve uma medida de farinha por um siclo e duas medidas de cevada por um siclo, conforme a palavra do Senhor.
17 O rei pusera à porta o capitão em cujo braço ele se apoiava; e o povo o atropelou na porta, de sorte que morreu, como falara o homem de Deus quando o rei descera a ter com ele.
18 Porque, quando o homem de Deus falara ao rei, dizendo: Amanhã, por estas horas, haverá duas medidas de cevada por um siclo, e uma medida de farinha por um siclo, à porta de Samaria,
19 aquele capitão respondera ao homem de Deus: Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu poderia isso suceder? e ele dissera: Eis que o verás com os teus olhos, porém não comerás.
20 E assim foi; pois o povo o atropelou à porta, e ele morreu." (II Rs 7.1-20).

II Reis 8

O Mau Uso da Misericórdia Traz Juízos

Nós vimos no capítulo anterior a este oitavo capitulo de II Reis, que estaremos comentando, que o Senhor havia aberto as janelas do céu aos israelitas mesmo na infidelidade deles à aliança, mas aqui neste oitavo capítulo nós vemos que as janelas foram fechadas logo depois, em face da falta de arrependimento deles.

Por isso é necessário ter muito cuidado para não formularmos doutrinas a partir de porções isoladas da Bíblia, porque alguém poderia ensinar contra a verdade das Escrituras que o Senhor sempre abre as janelas do céu para o Seu povo, ainda que este ande contrariamente com Ele, e se valha do evento narrado no capítulo sétimo deste livro de II Reis para formular tal doutrina.

Entretanto, ainda que seja verdade que a mão do Senhor não está encolhida, a ponto de não poder suprir as necessidades do Seu povo, mesmo quando este não Lhe é fiel, todavia, esta condição de infidelidade não Lhe agrada, e não é de modo nenhum um caminho para se desfrutar das Suas bênçãos e da intimidade com Ele.

Muito ao contrário, é um caminho para nos colocar debaixo dos Seus juízos, conforme podemos verificar pelo que se narra logo no início deste capítulo, de que Ele trouxe uma fome de sete anos sucessivos à terra de Israel, conforme havia prometido, desde os dias de Moisés, que o faria, em face da infidelidade deles.

Uma fome espiritual não saciada pela falta de provisões por um comando neste sentido, que parte do céu, tem sido a condição de muitos verdadeiros cristãos, por causa da sua infidelidade para com o Senhor, pelo descumprimento voluntário dos Seus mandamentos, transgredindo assim a

aliança que têm com Ele, por meio do sangue de Jesus, que foi derramado para que pudessem ser reconciliados com Deus, e viverem em santidade perante Ele.
Deus chama o Seu povo a uma reforma e obediência permanente, através dos Seus ministros, como fizera no caso dos israelitas através do ministério e vida de Eliseu; nos de Jacó e seus filhos através do ministério e vida de José; e nas diferentes épocas da história de Israel através de Moisés, Josué, Samuel, Davi, Elias,
Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Esdras, Neemias, e de todos os profetas que são nomeados na Bíblia, e Ele continua chamando a Igreja através do ministério deles, por tudo o que ordenou que fosse registrado na Sua Palavra para nossa advertência, como também pelo próprio Cristo e pelos Seus apóstolos e ministros, ao longo de toda a história da Igreja.
A carne e o mundo exercem um terrível atrativo sobre os servos do Senhor, e eles podem julgar erroneamente que não há uma vida espiritual de santidade, de fidelidade, de obediência aos mandamentos de Deus, para ser vivida, em face do grande apelo e impressão que a carne e o mundo exercem sobre eles.
Mas somente um Noé é o instrumento de condenação de toda uma geração.
Não mais do que um Abraão é necessário para demonstrar que há uma vida celestial e uma vontade celestial para ser obedecida.
A própria vida deles grita bem alto, tal como a de Elias e Eliseu em Israel, dizendo: “Desperta tu que dormes!”. “Volta-te para o teu Deus!”. “Abandona o teu pecado e consagra a tua vida!”.
Felizes são aqueles que podem ouvir o que o Espírito diz à Igreja, e que não somente ouvem, mas que se dispõem a obedecer o que Ele está lhes dizendo, especialmente através da boca dos apóstolos e profetas do Senhor, a quem Ele

inspirou a escreverem suas palavras para serem registradas na Bíblia.
Porque se esta chamada à reforma que Ele faz pela boca dos Seus ministros não é obedecida pelo Seu povo, se ela não é devidamente considerada, o que se pode esperar é que o Senhor trará sobre o Seu povo algumas formas de juízos, para que os Seus ministros sejam ouvidos.
Foi por isso que Ele trouxe aquela fome de sete anos a Israel, porque apesar de lhes ter falado pela boca de Eliseu, e dos seus demais profetas, e principalmente pela Lei de Moisés, continuaram endurecidos em seus pecados e não se arrependeram, convertendo-se ao Senhor.
Mas como Ele é poderoso para fazer distinção entre aqueles que O servem e aqueles que Lhe são desobedientes (II Pe 2.9: Apo 3.10), o Senhor cuidou da sunamita, por ela ter honrado o profeta Eliseu, fazendo com que este lhe alertasse com antecedência o mal que Ele traria sobre Israel, e o Senhor a conduziu em segurança à terra dos filisteus, e pela mesma providência fez com que ela retornasse em segurança a Israel e voltasse a entrar na posse de tudo o que lhe pertencia, movendo o próprio rei de Israel a cuidar dela e dos seus interesses (v. 1 a 6).
Outros países como no caso citado, o dos filisteus tiveram chuvas, ficando livres de doenças em suas lavouras e de pragas como gafanhotos, mas o próprio país dos israelitas estava sendo submetido a uma grande escassez, por causa da transgressão da aliança que tinham com o Senhor.
É algo triste para se ver, o ímpio prosperando em seus maus caminhos, enquanto o povo de Deus é castigado por causa dos seus pecados, sem compreender que a lei espiritual que os governa inclui a correção do Pai que ama os Seus filhos.
Nos versos 7 a 15, nós lemos sobre a visita que Eliseu fez à Síria, e da qual resultou a confirmação de que Hazael assumiria o trono daquele país no lugar de Ben-Hadade, porque havia sido escolhido pelo Senhor para ser o sucessor

dele desde os dias de Elias, a quem Deus havia dado o encargo de que fosse ungido como o futuro rei dos sírios.
É preciso distinguir a sua designação por Deus para ser o novo rei, da forma que ele se valeu, pelo uso da sua própria maldade, para começar a reinar, pois em vez de aguardar o tempo do Senhor, tal como Davi fizera em relação a Saul, Hazael se precipitou em abreviar o tempo de Deus e se lançou sobre Ben-Hadade e o matou com o uso de um cobertor molhado, sufocando-o em seu leito, aproveitando-se do fato de ser o confidente do rei, o homem de sua maior confiança, e que Ben-Hadade encontrava-se enfraquecido pela sua enfermidade.
É bem provável que este homicídio deve ter sido guardado em segredo ao povo da Síria, que deve ter julgado que a causa da morte do rei foi a enfermidade que lhe havia acometido.
Entretanto, quando Eliseu chegou em Damasco, capital da Síria, o rei Ben-Hadade, antes de ter sido assassinado por Hazael, pediu a este que honrasse o profeta com um grande presente, carregando quarenta camelos com tudo o que houvesse de bom em Damasco, e pediu que Hazael lhe perguntasse se ele sararia daquela doença (v. 9).
E quando este consultou Eliseu ele lhe disse que o rei sararia, mas ele morreria não pelo motivo daquela enfermidade que não era para morte.
Deus sabia do mal que o diabo colocaria no coração de Hazael para que assassinasse o rei Ben-Hadade, ainda que não tivesse revelado a Eliseu como o rei seria morto.
Mas ele viu o que Hazael faria em seu reinado, causando grande destruição em Israel, incluindo atrocidades contra mulheres grávidas e crianças (v. 12), e fitou os olhos em Hazael de modo tão impressivo que este ficou perturbado, e Eliseu chorou todo aquele grande sofrimento que ele causaria e que lhe foi permitido pelo Senhor ver antecipadamente (v.11).
Quando Hazael perguntou a Eliseu por que estava chorando, o profeta lhe disse todo o mal ele faria em Israel, e ele

retrucou tal possibilidade porque para fazer tudo aquilo que o profeta lhe dissera somente alguém de grande poder com um coroa na cabeça poderia fazê-lo, e então Eliseu lhe disse diretamente que o Senhor lhe havia mostrado que ele seria o novo rei da Síria (v. 13).

E quando Ben-Hadade perguntou a Hazael o que Eliseu lhe havia dito quanto à sua enfermidade, ele disse que certamente seria curado, mas no dia seguinte ele veio a matar o rei da maneira que comentamos anteriormente, e passou a reinar em seu lugar (v. 15).

Aqui se encerra portanto o resultado da breve visita de Eliseu a Damasco, e cabe ainda destacar que tudo indica que não recusou o grande presente que havia recebido de Ben-Hadade nesta ocasião, e nós podemos então tirar daqui um ensinamento sobre esta questão se os ministros do evangelho podem ou não receber presentes da parte daqueles que desejam honrar os seus ministérios, e a resposta clara é que nunca devem cobrar pelos serviços ministeriais que prestam em nome do Senhor, mas no que se refere à questão de receberem ofertas de gratidão e reconhecimento para o próprio aprazimento deles, se encontra na direção que receberem do Espírito Santo quanto à conveniência de recebê-las ou não, porque somente Deus conhece as intenções dos corações.

Entretanto, devemos nos guardar de criar posicionamentos finais extremados num ou noutro sentido, quanto a julgar por um lado que nunca se deve receber presentes e ofertas gratulatórios, ou por outro lado extremo que estes sempre devem ser recebidos, porque, como dissemos antes, isto é para ser feito debaixo da direção de Deus, o qual prova os nossos corações.

Nos versos 16 a 29 a cena muda do Reino do Norte para o Reino do Sul, porque nos é dado nestes versículos, um breve relado dos reinados de Jeorão, filho de Josafá (v. 16), e depois dele, o de Acazias, seu filho (v. 24), sobre os quais nós encontramos maiores informações no texto de II Crônicas 21

e 22, onde vemos quantas perturbações a aliança de Josafá com Acabe, aparentando-se com ele, através do casamento de seu filho Jeorão, com Atalia, filha de Acabe, trouxe a Judá. No verso 16 vemos que quando Josafá de Judá morreu, o rei Jorão de Israel encontrava-se em seu quinto ano de reinado, e portanto, Jeorão, filho de Josafá, começou consequentemente, a reinar a partir deste quinto ano do reinado de Jorão de Israel.

Ele tinha trinta e dois anos de idade quando começou a reinar sobre Israel, e viveu apenas 40 anos, porque reinou apenas oito anos, em razão de uma enfermidade terrível, que lhe acometeu da parte do Senhor, que fez com que suas entranhas saíssem para fora.

Tal seria a perversidade de Jeorão, que enquanto o profeta Elias vivia, ele escreveu uma carta com um juízo do Senhor contra Jeorão, que nem sequer ainda havia começado a reinar, dizendo todo o mal que lhe sucederia em razão da idolatria e de toda a perversidade (II Cron 21.11) que cometeria em Judá.

Pois este rei Jeorão, quando assumiu o trono, e não podemos esquecer que a esposa dele era Atalia, filha de Jezabel, matou todos os seus irmãos, sobrando somente o pequenino Joás, que fora escondido da sua fúria, e não contente em exterminá-los, também matou todos os príncipes que tinham grande influência em Judá, certamente pelo zelo que demonstravam pelo Senhor, debaixo do reinado de justiça de Josafá.

Esta carta que Elias escreveu deve ter sido entregue a Eliseu para que fosse enviada no momento próprio a Jeorão, de modo que soubesse que todos os juízos, que lhe sobreviriam, eram procedentes das mãos do Senhor, que havia conhecido toda a sua impiedade antes mesmo que começasse a reinar (II Crôn 21.12-15).

Tal foi a perversidade de Jeorão em Judá, que se diz dele que ao morrer não deixou de si saudades e nem sequer foi sepultado no sepulcro dos reis de Judá (II Crôn 21.19,20).

Cabe destacar que ele ficou sofrendo daquele terrível mal por dois anos (II Crôn 21.18), de forma que se manifestasse publicamente todo o grande desagrado que o Senhor tivera pelo seu modo de vida.
Ele vivera mal neste mundo e então não morreria em paz, senão do mesmo modo que ele vivera, a saber, mal.
O desagrado do Senhor pela idolatria que havia se espalhado em Judá, por obra de Jeorão e sua esposa Atalia, seria também manifestado em vários outros juízos previstos na Lei de Moisés para o caso de transgressão da aliança, como vimos anteriormente no capítulo 26 de Levítico.
E o mais comum deles que era o de entregar o Seu próprio povo nas mãos de nações inimigas e tirar de debaixo do seu domínio aqueles que lhes eram tributários, invertendo-se a posição de em vez de Israel ser o credor do mundo, passar a ser o devedor, em vez de ser cabeça das nações, ser a cauda.
Então nós vemos os edomitas sacudindo o jugo da servidão a Judá justamente nos dias de Jeorão, e outras nações subjugadas, como Libna, seguiram o exemplo deles (v. 20-22; II Crôn 21.8-10).
Como ele havia assassinado os seus irmãos, quando começou a reinar, o Senhor trouxe sobre ele os filisteus e os arábios, que saquearam o seu palácio, e levaram suas mulheres e filhos em cativeiro, tendo morto seus filhos mais velhos, ficando em Judá apenas o mais moço deles, Acazias, que viria a reinar depois da sua morte, porque o Senhor havia prometido a Davi que não lhe faltaria descendente no trono de Judá (II Crôn 21.16, 17; 22.1).
Assim, Acazias, filho de Jeorão começou a reinar no décimo ano do reinado de Jorão, rei de Israel, isto é, no último ano do reinado deste rei de Israel (v.24, 25).
Acazias tinha vinte e dois anos, quando começou a reinar, mas como sua mãe era Atalia, filha de Jezabel, esta o aconselhava a agir impiamente (II Crôn 22.3), e reinou somente um ano (v. 26) porque foi morto por Jeú, e não somente ele, como os príncipes de Judá, e os filhos dos

irmãos de Acazias, que haviam subido com ele a visitar Jorão, que havia sido ferido na batalha contra Hazael, rei da Síria, na qual havia sido ajudado por Acazias de Judá, que depois da morte de Josafá, seguia os conselhos dos anciãos de Israel e não dos de Judá, e é dito no texto de II Crônicas que esta visita que Acazias fizera a Jorão, por causa das feridas que ele havia sofrido na batalha contra os sírios, vinha da parte do Senhor, para trazer os seus juízos também contra ele, porque estava aparentado com a casa de Acabe, e Deus havia ungido Jeú para exterminar a casa de Acabe, conforme havia decidido fazer desde os dias do profeta Elias (II Crôn 22.7,8).

Nós veremos no capítulo seguinte como foi feita esta unção de Jeú, as palavras que lhes foram proferidas pelo profeta que o ungiu a mando de Eliseu, com a missão que o Senhor lhe dera para exterminar a casa de Acabe e a declaração dos motivos deste extermínio, sendo o principal deles, a perseguição e morte que Acabe e sua mulher Jezabel haviam feito aos profetas do Senhor.

Como daqui em diante o relato da história dos reis de Israel e de Judá começa a ganhar uma dimensão que pode eventualmente levar à confusão involuntária de nomes, tendo em vista principalmente que alguns destes reis foram homônimos, nós estamos apresentando a seguir uma tabela cronológica tanto dos reis do Reino do Norte (Israel), quanto dos reis do Reino do Sul (Judá), com indicação dos profetas que foram seus contemporâneos.

Cronologia do Reino do Sul

913 – Fim do reinado de Roboão e início do reinado de Abias > 911 - Fim de Abias e início de Asa > 870 - Fim de Asa e início de Josafá > 848 – Fim de Josafá e início de Jeorão > 841 – Fim de Jeorão e início de Acazias (Atalia usurpa o trono dando fim ao reinado de Acazias) > 835 – Fim de Atalia e início de Joás > 796 – Fim de Joás e início de Amazias > 780 – Início do

ministério do profeta Amós > 767 – Fim de Amazias e início de Uzias > 745 – Início do profeta Isaías > 740 – Fim de Uzias e Início de Jotão (início do profeta Miqueias) > 732 – Fim de Jotão e início de Acaz > 716 – Fim de Acaz e início de Ezequias (reforma religiosa) > 687 – Fim de Ezequias e início de Manassés > 642 – Fim de Manassés e início de Amom > Fim de Amom e início de Josias (reforma religiosa) > 639 – Início do profeta Sofonias > 630 – Início do profeta Naum > 626 – Início do profeta Jeremias > 609 – Fim de Josias e início de Jeoacaz/ Fim de Jeoacaz e início de Jeoaquim > 606 – Início do profeta Habacuque > 605 – Início do profeta Daniel (Daniel, príncipes de Judá e tesouros do templo levados para Babilônica) > 597 – Fim de Jeoaquim e início de Joaquim / Fim de Joaquim e início de Zedequias (Rei Joaquim profeta Ezequiel e líderes de Israel levados para Babilônia) > 592 – Início do profeta Ezequiel > 587 – Fim do reinado de Zedequias (destruição de Judá e do templo de Jerusalém, última leva de judeus para Babilônia) > 586 - Início do profeta Obadias.

Cronologia do Reino do Norte

909 – Fim do reinado de Jeroboão I e início de Nadabe > 908 - Fim de Nadabe e início de Baasa > 886 – Fim de Baasa e início de Elá > 885 – Fim de Elá e início de Zinri / Fim de Zinri e início de Onri > 874 -Fim de Onri e início de Acabe (expansão do culto a Baal / início do profeta Elias > 853 – Fim de Acabe e início de Acazias > 852 – Fim

de Acazias e início de Jorão > 850 – Início do profeta Eliseu > 841 – Fim de Jorão e início de Jeú > 835 - Início do profeta Joel > 814 – Fim de Jeú e início de Jeoacaz > 798 - Fim de Jeoacaz e início de Jeoás > 790 – Início do profeta Jonas > 782 – Fim de Jeoás e início de Jeroboão II > 780 – Início do profeta Amós > 760 – Início do profeta Oseias > 753 – Fim de

Jeroboão II e início de Zacarias > 752 – Fim de Zacarias e início de Salum / Fim de Salum e início de Menaem > 742 – Fim de Menaem e início de Pecaías > 740 – Fim de Pecaías e início de Peca > 732 – Fim de Peca e início de Oseias > 722 – Fim de Oseias (Israel levado cativo pela Assíria)

"1 Ora Eliseu havia falado àquela mulher cujo filho ele ressuscitara, dizendo: Levanta-te e vai, tu e a tua família, e peregrina onde puderes peregrinar; porque o Senhor chamou a fome, e ela virá sobre a terra por sete anos.
2 A mulher, pois, levantou-se e fez conforme a palavra do homem de Deus; foi com a sua família, e peregrinou na terra dos filisteus sete anos.
3 Mas ao cabo dos sete anos, a mulher voltou da terra dos filisteus, e saiu a clamar ao rei pela sua casa e pelas suas terras.
4 Ora, o rei falava a Geazi, o moço do homem de Deus, dizendo: Conta-me, peço-te, todas as grandes obras que Eliseu tem feito.
5 E sucedeu que, contando ele ao rei como Eliseu ressuscitara aquele que estava morto, eis que a mulher cujo filho ressuscitara veio clamar ao rei pela sua casa e pelas suas terras. Então disse Geazi: Ó rei meu senhor, esta é a mulher, e este o seu filho a quem Eliseu ressuscitou.
6 O rei interrogou a mulher, e ela lhe contou o caso. Então o rei lhe designou um oficial, ao qual disse: Faze restituir-lhe tudo quanto era seu, e todas as rendas das terras desde o dia em que deixou o país até agora.
7 Depois veio Eliseu a Damasco. E estando Ben-Hadade, rei da Síria, doente, lho anunciaram, dizendo: O homem de Deus chegou aqui.
8 Então o rei disse a Hazael: Toma um presente na tua mão, vai encontrar-te com o homem de Deus e por meio dele consulta ao Senhor, dizendo: Sararei eu desta doença?
9 Foi, pois, Hazael encontrar-se com ele, e levou consigo um presente, a saber, quarenta camelos carregados de tudo o

que havia de bom em Damasco. Ao chegar, apresentou-se a ele e disse: Teu filho Ben-Hadade, rei da Síria, enviou-me a ti para perguntar: sararei eu desta doença?
10 Respondeu-lhe Eliseu: Vai e dize-lhe: Hás de sarar. Contudo o Senhor me mostrou que ele morrerá.
11 E olhou para Hazael, fitando nele os olhos até que este ficou confundido; e o homem de Deus chorou.
12 Então disse Hazael: Por que meu senhor está chorando? E ele disse: Porque sei o mal que hás de fazer aos filhos de Israel: Porás fogo às suas fortalezas, matarás à espada os seus mancebos, despedaçarás os seus pequeninos e fenderás as suas mulheres grávidas.
13 Ao que disse Hazael: Que é o teu servo, que não é mais do que um cão, para fazer tão grande coisa? Respondeu Eliseu: O Senhor mostrou-me que tu hás de ser rei da Síria.
14 Então apartou-se de Eliseu, e voltou ao seu senhor, o qual lhe perguntou: Que te disse Eliseu? Respondeu ele: Disse-me que certamente sararás.
15 Ao outro dia Hazael tomou um cobertor, molhou-o na água e o estendeu sobre o rosto do rei, de modo que este morreu. E Hazael reinou em seu lugar.
16 Ora, no ano quinto de Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá, começou a reinar.
17 Tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém.
18 E andou no caminho dos reis de Israel, como também fizeram os da casa de Acabe, porque tinha por mulher a filha de Acabe; e fez o que era mau aos olhos do Senhor.
19 Todavia o Senhor não quis destruir a Judá, por causa de Davi, seu servo, porquanto lhe havia prometido que lhe daria uma lâmpada, a ele e a seus filhos, para sempre.
20 Nos seus dias os edomitas se rebelaram contra o domínio de Judá, e constituíram um rei para si.
21 Pelo que Jeorão passou a Zair, com todos os seus carros; e ele se levantou de noite, com os chefes dos carros, e feriu os

edomitas que o haviam cercado; mas o povo fugiu para as suas tendas.
22 Assim os edomitas ficaram rebelados contra o domínio de Judá até o dia de hoje. Também Libna se rebelou nesse mesmo tempo.
23 O restante dos atos de Jeorão, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas de Judá?
24 Jeorão dormiu com seus pais, e foi sepultado junto a eles na cidade de Davi. E Acazias, seu filho, reinou em seu lugar.
25 No ano doze de Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, começou a reinar Acazias, filho de Jeorão, rei de Judá.
26 Acazias tinha vinte e dois anos quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém. O nome de sua mãe era Atalia; era neta de Onri, rei de Israel.
27 Ele andou no caminho da casa de Acabe, e fez o que era mau aos olhos do Senhor, como a casa de Acabe, porque era genro de Acabe.
28 Ora, ele foi com Jorão, filho de Acabe, a Ramote-Gileade, a pelejar contra Hazael, rei da Síria; e os sírios feriram a Jorão.
29 Então voltou o rei Jorão para se curar em Jizreel das feridas que os sírios lhe fizeram em Ramá, quando pelejou contra Hazael, rei da Síria; e desceu Acazias, filho de Jeorão, rei de Judá, para ver Jorão, filho de Acabe, em Jizreel, porquanto estava doente." (II Rs 8.1-29).

II Reis 9

Juízos de Deus Contra os Reis Idólatras e Jezabel

Desde os dias de Elias que Deus havia decidido ungir Jeú como rei de Israel para trazer os Seus juízos sobre a casa de Acabe, e nós vemos neste nono capítulo de II Reis, que estaremos comentando, como esta unção foi realizada nos dias de Eliseu.

Os terríveis juízos de morte que Deus trouxe aos idólatras, necromantes, adivinhos, feiticeiros e enfim, a todos os que se encontravam servindo ou consultando os espíritos das trevas, consoante o que havia prescrito na Lei de Moisés, e que vemos sendo executados em muitas páginas do Velho Testamento, como os que foram trazidos por exemplo, à casa de Acabe, estão registrados na Bíblia, especialmente para que ninguém se iluda na dispensação da graça, pensando que o fato dEle estar agindo com toda a Sua longanimidade, suportando as obras das trevas na referida dispensação, e até mesmo perdoando e salvando a muitos que têm se convertido destas obras associadas a demônios e ao culto deles, para a Sua luz, signifique que já não se encontram mais debaixo da Sua ira e juízos todos aqueles que ainda permanecem na prática de tais obras, ira esta que se manifestará no dia do Juízo Final.

É duro ter que afirmar esta sentença de condenação, mas é nosso dever expor tudo o que se encontra revelado nas Escrituras, para nossa advertência, de modo que escapemos destes juízos pelo arrependimento e pela fé em Cristo. Apesar de ser duro, é então grande prova de amor e misericórdia para com as pessoas, pregar essa verdade, que será resultante da recusa da oferta da graça do evangelho.

Leia por exemplo II Tes 2.9-12 que é bastante elucidativo quanto ao que estamos afirmando.

Cabe destacar ainda que mesmo na dispensação da graça nós vemos o Senhor ameaçando com o mesmo juízo de morte física àqueles que fazem o Seu povo errar voltando-se para a adoração de falsos deuses, e a todos aqueles que se submetem a isto sem se arrependerem deste horrível pecado (Apo 2.18-23).

Assim, o mesmo juízo de morte que sobreviria à Jezabel do Velho Testamento, também sobreviria à do Novo Testamento, que é citada no texto de Apo 2.18-23.

Quando o Senhor começou a se mover para julgar a casa de Acabe e especialmente Jezabel, Ele mandou Eliseu enviar um dos jovens profetas a ungir Jeú, chefe do exército do rei Jorão, que havia permanecido em Ramote-Gileade, com o exército de Israel, depois que Jorão voltou à sua casa real em Jizreel, por ter sido ferido por Hazael, da Síria, contra quem ele estava lutando juntamente com o rei de Judá, Acazias.

A ocasião era portanto propícia para que Jeú conspirasse contra Jorão, e ao mesmo tempo pudesse pôr termo à vida do rei Acazias de Judá, que foi a visitar Jorão em Jizreel.

Depois que o jovem profeta ungiu Jeú, saiu apressadamente seguindo as instruções que Eliseu lhe dera, e os oficiais do exército que se encontravam com Jeú vieram ter com ele querendo saber o que o profeta lhe dissera e zombaram dele chamando-o de louco (v. 11).

Eles o chamaram deste modo por causa da vida devotada que ele tinha ao Senhor, em tudo diferente da vida mundana deles.

E não é incomum que todos os servos consagrados do Senhor sejam assim chamados por aqueles que são do mundo.

Mas Jeú colocou uma repreensão nas palavras deles dizendo-lhes que eles bem sabiam quem era aquele que viera ter com ele, e o teor de tudo o que dissera em relação ao que o Senhor determinara que deveria ser feito por ele como o novo rei de Israel.

Não foi por zelo da santidade do Senhor e nem pelo desejo de pôr fim à idolatria de Jorão, pelo extermínio da casa de

Acabe, que eles aclamaram Jeú como novo rei de Israel, ali mesmo, mas certamente pelo acesso que eles próprios teriam a posições mais elevadas no reino, por serem as pessoas mais achegadas àquele que seria o novo rei.
Mas para a determinação do juízo do Senhor contra a casa de Acabe, não fazia qualquer diferença que fosse levado a efeito por mãos santas ou por mãos ímpias.
O temperamento furioso de Jeú era bem apropriado àquela execução, ainda que o Senhor não tenha prazer no que é furioso, senão naqueles que são mansos e humildes de coração.
Mas, como dissemos, o temperamento de Jeú contribuiria para a realização do propósito determinado por Deus, contra a descendência de Acabe e sua esposa Jezabel.
Então Jeú partiu com todo o exército de Ramote-Gileade para Jizreel, e quando o sentinela da torre viu tropas à distância se aproximando da cidade, avisou o rei Jorão e este enviou um mensageiro para perguntar se a vinda deles era em paz, mas Jeú o deixou sem resposta, porque não permitiu que o mensageiro retornasse, e quando lhe foi enviado outro mensageiro com a mesma pergunta, este também foi impedido de retornar a Jorão.
Quando foi dito ao rei que a marcha da tropa era apressada, e que parecia ser Jeú que vinha furiosamente adiante deles, então o próprio Jorão saiu ao seu encontro fazendo-se acompanhar do rei de Judá, Acazias, e isto procedia do Senhor, para que ambos fossem mortos por Jeú, o que de fato ocorreu.
Pode parecer a um juízo mais apressado que Jeú era um verdadeiro servo de Deus, e que estava agindo por motivo de zelo da Sua santidade e Palavra, especialmente pelo modo como respondeu a Jorão quando este lhe perguntou se havia paz :
"Que paz, enquanto as prostituições da tua mãe Jezabel e as suas feitiçarias são tantas?" (v. 22).

Nos versos 30 a 37 nós encontramos os fatos relativos à morte de Jezabel, que sabendo que os dois reis haviam sido mortos por Jeú, sendo um deles o seu próprio filho, tentou impressionar Jeú, adornando-se com as vestes e a coroa real e quando este veio ter com ela, perguntou a ele se tivera paz Zinri (v. 31) que havia assassinado o rei Elá, filho do rei Baasa, e que havia exterminado toda a descendência deste, segundo a palavra do Senhor (I Rs 16.8-12), e que foi submetido por Deus a um igual juízo.

Entretanto a perversa Jezabel não poderia, em sua impiedade, pesar os motivos que levaram Zinri a executar o juízo de Deus contra Baasa, e pensava que com isto poderia intimidar Jeú, quanto ao perigo de ter também a sua descendência exterminada pelo Senhor, pelo fato de ter recebido dEle a comissão de exterminar a casa de Acabe.

O fato é que ele não se impressionou nem um pouco, antes foi quem intimidou os servos de Jezabel, que se encontravam com ela, perguntando quais deles se colocariam do seu lado, ficando implícito que caso a protegessem teriam que se ver com ele.

Assim, como percebeu que dois ou três daqueles eunucos olharam para ele esperando somente que lhes expedisse a sua ordem, então ordenou que a lançassem janela abaixo, e eles o fizeram.

Em sinal de desprezo a Jezabel, Jeú não somente atropelou o corpo dela com o seu carro, como também o deixou estirado na rua e foi comer e beber.

Depois de certo tempo decidiu sepultá-la por ser filha do rei de Sidom (I Rs 16.31), mas quando foram buscá-la os cães haviam devorado a sua carne de tal maneira que lhe restou senão apenas a ossada e as palmas das mãos e os pés (v. 35) cumprindo-se assim a palavra que o Senhor havia falado contra ela através de Elias quanto ao modo como deveria morrer.

“1 Depois o profeta Eliseu chamou um dos filhos dos profetas, e lhe disse: Cinge os teus lombos, toma na mão este vaso de azeite e vai a Ramote-Gileade;
2 quando lá chegares, procura a Jeú, filho de Josafá, filho de Ninsi; entra, faze que ele se levante do meio de seus irmãos, e leva-o para uma câmara interior.
3 Toma, então, o vaso de azeite, derrama-o sobre a sua cabeça, e dize: Assim diz o Senhor: Ungi-te rei sobre Israel. Então abre a porta, foge e não te detenhas.
4 Foi, pois, o jovem profeta, a Ramote-Gileade.
5 E quando chegou, eis que os chefes do exército estavam sentados ali; e ele disse: Chefe, tenho uma palavra para te dizer. E Jeú perguntou: A qual de todos nós? Respondeu ele: A ti, chefe!
6 Então Jeú se levantou, e entrou na casa; e o mancebo derramou-lhe o azeite sobre a cabeça, e lhe disse: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Ungi-te rei sobre o povo do Senhor, sobre Israel.
7 Ferirás a casa de Acabe, teu senhor, para que eu vingue da mão de Jezabel o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor.
8 Pois toda a casa de Acabe perecerá; e destruirei de Acabe todo filho varão, tanto o escravo como o livre em Israel.
9 Porque hei de fazer a casa de Acabe como a casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como a casa de Baasa, filho de Aías.
10 Os cães comerão a Jezabel no campo de Jizreel; não haverá quem a enterre. Então o mancebo abriu a porta e fugiu.
11 Saiu então Jeú aos servos de seu senhor; e um lhe perguntou: Vai tudo bem? Por que veio a ti esse louco? E ele lhes respondeu: Bem conheceis o homem e o seu falar.
12 Mas eles replicaram. É mentira; dize-no-lo, pedimos-te. Ao que disse Jeú: Assim e assim ele me falou, dizendo: Assim diz o Senhor: Ungi-te rei sobre Israel.

13 Então se apressaram, e cada um tomou a sua capa e a pôs debaixo dele, no mais alto degrau; e tocaram a buzina, e disseram: Jeú reina!
14 Assim Jeú, filho de Josafá, filho de Ninsi, conspirou contra Jorão. (Ora, tinha Jorão cercado a Ramote-Gileade, ele e todo o Israel, por causa de Hazael, rei da Síria;
15 porém o rei Jorão tinha voltado para se curar em Jizreel das feridas que os sírios lhe fizeram, quando pelejou contra Hazael, rei da Síria.) E disse Jeú: Se isto é o vosso parecer, ninguém escape nem saia da cidade para ir dar a nova em Jizreel.
16 Então Jeú subiu a um carro, e foi a Jizreel; porque Jorão estava acamado ali; e também Acazias, rei de Judá, descera para ver Jorão.
17 O atalaia que estava na torre de Jizreel viu a tropa de Jeú, que vinha e disse: Vejo uma tropa. Disse Jorão: Toma um cavaleiro, e envia-o ao seu encontro a perguntar: Há paz?
18 E o cavaleiro lhe foi ao encontro, e disse: Assim diz o rei: Há paz? Respondeu Jeú: Que tens tu que fazer com a paz? Passa para trás de mim. E o atalaia deu aviso, dizendo: Chegou a eles o mensageiro, porém não volta.
19 Então Jorão enviou outro cavaleiro; e, chegando este a eles, disse Assim diz o rei: Há paz? Respondeu Jeú: Que tens tu que fazer com a paz? Passa para trás de mim.
20 E o atalaia deu aviso, dizendo: Também este chegou a eles, porém não volta; e o andar se parece com o andar de Jeú, filho de Ninsi porque anda furiosamente.
21 Disse Jorão: Aparelha-me o carro! E lho aparelharam. Saiu Jorão, rei de Israel, com Acazias, rei de Judá, cada um em seu carro para irem ao encontro de Jeú, e o encontraram no campo de Nabote, o jizreelita.
22 E sucedeu que, vendo Jorão a Jeú, perguntou: Há paz, Jeú? Respondeu ele: Que paz, enquanto as prostituições da tua mãe Jezabel e as suas feitiçarias são tantas?
23 Então Jorão deu volta, e fugiu, dizendo a Acazias: Há traição, Acazias!

24 Mas Jeú, entesando o seu arco com toda a força, feriu Jorão entre as espáduas, e a flecha lhe saiu pelo coração; e ele caiu no seu carro.
25 Disse então Jeú a Bidcar, seu ajudante: Levanta-o, e lança-o no campo da herança de Nabote, o jizreelita; pois lembra-te de indo eu e tu juntos a cavalo após seu pai Acabe, o Senhor pôs sobre ele esta sentença, dizendo:
26 Certamente vi ontem o sangue de Nabote e o sangue de seus filhos, diz o Senhor; e neste mesmo campo te retribuirei, diz o Senhor. Agora, pois, levanta-o, e lança-o neste campo, conforme a palavra do Senhor.
27 Quando Acazias, rei de Judá, viu isto, fugiu pelo caminho da casa do jardim. E Jeú o perseguiu, dizendo: A este também! Matai-o! Então o feriram no carro, à subida de Gur, que está junto a Ibleão; mas ele fugiu para Megido, e ali morreu.
28 E seus servos o levaram num carro a Jerusalém, e o sepultaram na sua sepultura junto a seus pais, na cidade de Davi.
29 Ora, Acazias começara a reinar sobre Judá no ano undécimo de Jorão, filho de Acabe.
30 Depois Jeú veio a Jizreel; o que ouvindo Jezabel, pintou-se em volta dos olhos, e enfeitou a sua cabeça, e olhou pela janela.
31 Quando Jeú entrava pela porta, disse ela: Teve paz Zinri, que matou a seu senhor?
32 Ao que ele levantou o rosto para a janela e disse: Quem é comigo? quem? E dois ou três eunucos olharam para ele.
33 Então disse ele: Lançai-a daí abaixo. E lançaram-na abaixo; e foram salpicados com o sangue dela a parede e os cavalos; e ele a atropelou.
34 E tendo ele entrado, comeu e bebeu; depois disse: Olhai por aquela maldita, e sepultai-a, porque é filha de rei.
35 Foram, pois, para a sepultar; porém não acharam dela senão a caveira, os pés e as palmas das mãos.
36 Então voltaram, e lho disseram. Pelo que ele disse: Esta é a palavra do Senhor, que ele falou por intermédio de Elias, o

tisbita, seu servo, dizendo: No campo de Jizreel os cães comerão a carne de Jezabel,

37 e o seu cadáver será como esterco sobre o campo, na herdade de Jizreel; de modo que não se poderá dizer: Esta é Jezabel." (II Rs 9.1-37).

II Reis 10

A Justiça é Estar em Cristo

Nós temos aprendido fartamente, conforme é um dos principais propósitos e utilidade das Escrituras, acerca da justiça de Deus.
A Bíblia ensina que a finalidade da lei é o próprio Cristo, para a justiça de todo o que crê.
Mas não basta saber e dizer simplesmente que a justiça de Deus é Cristo (Jer 23.5,6), porque Ele próprio se tornou da parte de Deus para nós a nossa justiça, como também a nossa sabedoria, santificação e redenção (I Cor 1.30), pois é necessário conhecer os muitos aspectos e realidades espirituais em que consiste esta justiça que está em Cristo e que é manifestada por Ele a nós, nos sendo atribuída e também implantada em nosso caráter, pelo trabalho progressivo do Espírito Santo. E para este propósito cooperam as tribulações que sofremos neste mundo.
Isto se aprende no relato das Escrituras, conforme temos aprendido até aqui, desde o seu primeiro livro de Gênesis, de modo que possamos pensar, julgar e praticar esta reta justiça que nos é revelada por Deus em Sua Palavra.
A lei deve ser apreciada e cumprida, mas sempre debaixo da fé, do amor e da misericórdia, que são procedentes da nossa comunhão com o Senhor através do Espírito Santo.
Nós vemos que Israel não teve a devida consideração para com a Palavra de Deus durante séculos, chegando mesmo a adorarem falsos deuses contra as exigências da Sua Lei.
Isto culminou, por causa desta transgressão da Palavra de Deus, como a expulsão deles da sua própria terra.
Mas quando retornaram curados de sua idolatria, e convencidos de que foi esta falta de apreço pela Lei do Senhor a causa do seu cativeiro, começaram então a se entregar a

uma frenética interpretação das Escrituras para que pudessem pautar suas vidas de acordo com as exigências da Lei, e foram tantas as tradições e interpretações que incorporaram às Escrituras em obras como o Talmude, por exemplo, configurando aquilo que se chamou de tradição rabínica, que acabaram por se afastar ainda mais da vontade do Senhor, porque não O buscavam, não prezavam a comunhão com Ele, não se submetiam à direção do seu Espírito, não viviam na fé, no amor, na misericórdia.

Enfim, não levavam em conta a necessidade de conversão, de um novo nascimento do Espírito, para poderem efetivamente servirem a Deus.

E de fato, se o homem não nascer de novo ele não pode servir a Deus.

Se ele não tiver o Espírito Santo habitando nele, transformando o seu coração, não pode cumprir verdadeiramente a Palavra do Senhor, e viver de modo que lhe seja agradável.

Nunca, em tempo algum, Deus planejou algo diferente da necessidade de que o homem, para se tornar um verdadeiro santo, pudesse fazê-lo por algum outro caminho diferente do necessário encontro pessoal com Ele.

É pelo mesmo Espírito Santo, pelo qual foram criadas todas as coisas, que é também criado um filho de Deus.

A pessoa viverá então sem o conhecimento verdadeiro do Senhor, até o dia que tenha um encontro pessoal com Cristo, por ter nascido do Espírito Santo.

Um Joiada teve certamente esta experiência e esta foi a razão da sua vida piedosa por longos 130 anos.

Um Salomão teve também esta experiência pessoal, mas desagradou ao Senhor no final da sua vida, por ter abandonado o seu primeiro amor.

Então, Salomão nos ensina que não é necessário apenas nascer de novo para se agradar ao Senhor, é preciso também andar em santidade de vida, submetendo-se continuamente

à direção e instrução do mesmo Espírito Santo, que nos converteu a Deus.
Estando então plenamente convictos de que a justiça não pode ser procedente exclusivamente do conhecimento da Lei, porque depende da união com Cristo e do trabalho interno do Espírito Santo no coração, transformando pecadores em novas criaturas, podemos partir seguros para o estudo das Escrituras, sem o risco de nos tornarmos legalistas e frios observadores da Lei, como foram os fariseus nos dias de Jesus, e pela assistência do Espírito Santo, poderemos compreender e praticar a justiça do reino de Deus, aprendendo que esta justiça é a própria pessoa de Cristo, sendo oferecido a nós para cobrir os nossos pecados, e para nos transformar à Sua própria imagem e semelhança.
A recusa desta participação na justiça de Deus, na vida de Cristo, é o que traz os juízos condenatórios sobre estes que se rebelam contra Deus.
Por isso é extremamente importante aprender e ensinar o povo do Senhor acerca da verdadeira justiça, porque disto depende um viver plenamente abençoado por Deus, em todas as circunstâncias, agradáveis ou adversas, por podermos contar com a Sua santa presença, porque Ele não pode recompensar as obras infrutíferas das trevas, senão somente as boas obras de justiça, que somos chamados por Ele a praticar diante de todos os homens, para que o Seu Santo Nome seja glorificado por eles (Mt 5.16).
É por isso que temos visto que até mesmo as obras que precisam estar sendo praticadas em nome da justiça, como as de Baasa, de Zinri, do próprio Jeú, não trouxeram afinal glória ao nome do Senhor, porque não foram feitas segundo a reta justiça, que é de acordo com os preceitos e condições estabelecidos pelo Senhor em Sua Palavra.
Se eles não amavam os mandamentos do Senhor, se não haviam nascido de novo do Espírito, que obras de justiça poderiam ter praticado que trouxesse verdadeira glória ao Seu nome?

Eles não passaram portanto de meros instrumentos dos Seus juízos, em Suas mãos, tal como eram os reis ímpios das nações pagãs, que subjugavam Israel para castigo da impiedade dos israelitas, conforme determinado por Deus.
Estes também não deram glória ao Senhor apesar de terem sido os instrumentos da Sua justiça.
E é ainda este o motivo de tantas obras serem feitas em nome de Deus pela Igreja, e que não Lhe trazem nenhuma glória, e nenhuma bênção verdadeira aos que as praticam, por não andarem na justiça que procede do Senhor e que nos é ensinada nas Escrituras.
Nós vemos no décimo capitulo de II Reis que Jeú não conheceu a justiça de Deus que é pela fé, e que une a alma e o coração do cristão ao Senhor, levando-o a amar a Sua Palavra, e por isso ele permaneceu na idolatria de Jeroboão, e a manteve em Israel, apesar de ter sido extremamente zeloso em cumprir a missão que Deus lhe dera de exterminar a casa de Acabe, indo até mesmo além do que lhe fora ordenado, erradicando o culto a Baal de Israel pela morte de todos os seus adoradores, e pela destruição do templo que fora dedicado à sua adoração em Samaria, desde os dias de Acabe.
Os setenta descendentes de Acabe, que poderiam ter alguma aspiração de subir ao trono de Israel, depois da morte de Jorão por Jeú, foram decapitados a pedido deste aos anciãos de Israel.
Eles haviam apoiado Jezabel na morte dos profetas do Senhor e na morte de Nabote, e agora estavam sendo convocados por Jeú a apoiá-lo no extermínio daqueles que haviam apoiado anteriormente.
E valendo-se da palavra que o Senhor havia proferido contra toda a casa de Acabe, através de Elias (v. 10) ele destruiu todos os demais parentes e amigos íntimos e sacerdotes de Acabe, que viviam em Jizreel (v. 11).
A caminho de Samaria ele encontrou 42 irmãos de Acazias, rei de Judá, que não sabiam ainda que este havia sido morto

por Jeú, e tendo declarado a ele que se dirigiam a Jizreel para honrar os príncipes da casa de Acabe, Jeú ordenou que fossem mortos (v. 12 a 14).

Prosseguindo em direção a Samaria, não somente destruiu o restante da descendência de Acabe, que se encontrava na capital do Reino do Norte, como também usou de um estratagema, fingindo-se adorador de Baal, convocou todos os seus adoradores para estarem com ele em sua casa de culto em Samaria, e depois de tomar as devidas providências e cautelas para se certificar que não havia nenhum servo do Senhor entre eles, ordenou a oitenta de seus soldados que os matassem a todos sem deixar escapar nenhum deles, porque quem permitisse a fuga de algum deles, responderia com a sua própria vida, no lugar daquele que deixasse escapar (v. 24 a 26).

Por tudo isto o Senhor prometeu a Jeú que manteria seus descendentes no trono de Israel até a sua quarta geração (v. 30).

Mas como o seu coração não foi inteiramente íntegro para com o Senhor e o povo continuou idolatrando os bezerros de ouro, foi nos seus dias que os termos de Israel foram reduzidos pelo rei da Síria, Hazael, que tomou a maior parte dos territórios de Israel que ficavam na Transjordânia (v. 32, 33).

Mas lhe foi permitido ainda reinar por 28 anos, até o dia da sua morte, sendo sucedido por seu filho Jeocaz (5.36).

"1 Ora, Acabe tinha setenta filhos em Samaria. E Jeú escreveu cartas, e as enviou a Samaria, aos chefes de Jizreel, aos anciãos, e aos aios dos filhos de Acabe, dizendo:

2 Logo que vos chegar esta carta, visto que estão convosco os filhos de vosso senhor, como também carros, e cavalos, e uma cidade fortificada, e armas,

3 escolhei o melhor e mais reto dos filhos de vosso senhor, ponde-o sobre o trono de seu pai, e pelejai pela casa de vosso senhor.

4 Eles, porém, temeram muitíssimo, e disseram: Eis que dois reis não lhe puderam resistir; como, pois, poderemos nós resistir-lhe?
5 Então o que tinha cargo da casa, o que tinha cargo da cidade, os anciãos e os aios mandaram dizer a Jeú: Nós somos teus servos, e tudo quanto nos ordenares faremos; a homem algum constituiremos rei. Faze o que parecer bem aos teus olhos.
6 Depois lhes escreveu outra carta, dizendo: Se sois comigo, e se quereis ouvir a minha voz, tomai as cabeças dos homens, filhos de vosso senhor, e amanhã a estas horas vinde ter comigo a Jizreel: Ora, os filhos do rei, que eram setenta, estavam com os grandes da cidade, que os criavam.:
7 Sucedeu pois, que, chegada a eles a carta, tomaram os setenta filhos do rei e os mataram; puseram as cabeças deles nuns cestos, e lhas mandaram a Jizreel.
8 Veio um mensageiro e lhe anunciou, dizendo: Trouxeram as cabeças dos filhos do rei. E ele disse: Ponde-as em dois montões à entrada da porta, até pela manhã.
9 Ao sair ele pela manhã, parou, e disse a todo o povo: Vós sois justos; eis que eu conspirei contra o meu senhor, e o matei; mas quem feriu a todos estes?
10 Sabei, pois, agora que, da palavra do senhor, que o Senhor falou contra a casa de Acabe, nada cairá em terra; porque o Senhor tem feito o que falou por intermédio de seu servo Elias.
11 E Jeú feriu todos os restantes da casa de Acabe em Jizreel, como também a todos os seus grandes, os seus amigos íntimos, e os seus sacerdotes, até não lhe deixar ficar nenhum de resto.
12 Então Jeú se levantou e partiu para ir a Samaria. E, estando no caminho, em Bete-Equede dos pastores,
13 encontrou-se com os irmãos de Acazias, rei de Judá, e perguntou: Quem sois vós? Responderam eles: Somos os irmãos de Acazias; e descemos a saudar os filhos do rei e os filhos da rainha.

14 Então disse ele: Apanhai-os vivos. E eles os apanharam vivos, quarenta e dois homens, e os mataram junto ao poço de Bete-Equede, e a nenhum deles deixou de resto.
15 E, partindo dali, encontrou-se com Jonadabe, filho de Recabe, que lhe vinha ao encontro, ao qual saudou e lhe perguntou: O teu coração é sincero para comigo como o meu o é para contigo? Respondeu Jonadabe: É. Então, se é, disse Jeú, dá-me a tua mão. E ele lhe deu a mão; e Jeú fê-lo subir consigo ao carro,
16 e disse: Vem comigo, e vê o meu zelo para com o Senhor. E fê-lo sentar consigo no carro.
17 Quando Jeú chegou a Samaria, feriu a todos os que restavam de Acabe em Samaria, até os destruir, conforme a palavra que o Senhor dissera a Elias.
18 Depois ajuntou Jeú todo o povo, e disse-lhe: Acabe serviu pouco a Baal; Jeú, porém, muito o servirá.
19 Pelo que chamai agora à minha presença todos os profetas de Baal, todos os seus servos e todos os seus sacerdotes; não falte nenhum, porque tenho um grande sacrifício a fazer a Baal; aquele que faltar não viverá. Jeú, porém, fazia isto com astúcia, para destruir os adoradores de Baal.
20 Disse mais Jeú: Consagrai a Baal uma assembleia solene. E eles a apregoaram.
21 Também Jeú enviou mensageiros por todo o Israel; e vieram todos os adoradores de Baal, de modo que não ficou deles homem algum que não viesse. E entraram na casa de Baal, e encheu-se a casa de Baal, de um lado a outro.
22 Então disse ao que tinha a seu cargo as vestimentas: Tira vestimentas para todos os adoradores de Baal. E eles lhes tirou para fora as vestimentas.
23 E entrou Jeú com Jonadabe, filho de Recabe, na casa de Baal, e disse aos adoradores de Baal: Examinai, e vede bem, que porventura não haja entre vós algum servo do Senhor, mas somente os adoradores de Baal. dom; porém não puderam.

24 Assim entraram para oferecer sacrifícios e holocaustos. Ora, Jeú tinha posto de prontidão do lado de fora oitenta homens, e lhes tinha dito: Aquele que deixar escapar algum dos homens que eu vos entregar nas mãos, pagará com a própria vida a vida dele.
25 Sucedeu, pois, que, acabando de fazer o holocausto, disse Jeú aos da sua guarda, e aos oficiais: Entrai e matai-os! não escape nenhum! Então os feriram ao fio da espada; e os da guarda e os oficiais os lançaram fora e, entrando no santuário da casa de Baal,
26 tiraram as colunas que nela estavam, e as queimaram.
27 Também quebraram a coluna de Baal, e derrubaram a casa de Baal, fazendo dela uma latrina, como é até o dia de hoje.
28 Assim Jeú exterminou de Israel a Baal.
29 Todavia Jeú não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com que fez Israel pecar, a saber, dos bezerros de ouro, que estavam em Betel e em Dã.
30 Ora, disse o Senhor a Jeú: Porquanto executaste bem o que é reto aos meus olhos, e fizeste à casa de Acabe conforme tudo quanto eu tinha no meu coração, teus filhos até a quarta geração se assentarão no trono de Israel.
31 Mas Jeú não teve o cuidado de andar de todo o seu coração na lei do Senhor Deus de Israel, nem se apartou dos pecados de Jeroboão, com os quais este fez Israel pecar.
32 Naqueles dias começou o Senhor a diminuir os termos de Israel. Hazael feriu a Israel em todas as suas fronteiras,
33 desde o Jordão para o nascente do sol, a toda a terra de Gileade, aos gaditas, aos rubenitas e aos manassitas, desde Aroer, que está junto ao ribeiro de Arnom, por toda a Gileade e Basã.

34 Ora, o restante dos atos de Jeú, e tudo quanto fez, e todo o seu poder, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel?
35 Jeú dormiu com seus pais, e o sepultaram em Samaria. Em seu lugar reinou seu filho Jeoacaz.

36 Os dias que Jeú reinou sobre Israel em Samaria foram vinte e oito anos." (II Rs 10.1-36).

II Reis 11

Garantida a Descendência de Davi no Trono

Jeoseba, do hebraico iheoseba, que significa Jeová jurou ou Jeová prometeu, é um nome muito apropriado para alguém que seria usada para garantir o juramento e a promessa que o Senhor fizera a Davi, de manter a sua descendência no trono de Israel, e também que a sua casa fosse firmada para sempre, porque não poderia faltar descendentes a Davi no trono, porque Deus havia determinado trazer o Messias ao mundo através da sua descendência.

E como o diabo procurou por todos os meios destruir a descendência de Davi, para fazer caducar a palavra de Deus, foi-lhe permitido pelo Senhor, que levasse o seu intento maligno a extremos, porque restou a Davi apenas um descendente chamado Joás, cuja vida seria preservada por esta mulher chamada Jeoseba, que era filha do rei Jeorão, seguramente não com Atalia, e que era esposa do sacerdote Joiada.

Ambos haviam sido separados pelo Senhor desde há muito, para aquela hora de preservar o Noé da casa de Davi, pelo qual se daria sequência à sua descendência.

Ao mesmo tempo que o Inimigo tentava exterminar com a descendência de Davi, Deus em Sua providência foi purificando de um modo radical o trono de Davi em Judá, das impurezas de Jeorão e Acazias, respectivamente, marido e filho de Atalia, filha de Jezabel, que o diabo conseguira conduzir ao reino de Judá, através do casamento de Atalia com Jeorão, mediante o consentimento do pai deste, a saber, o rei Josafá.

Ela não somente influenciou o seu esposo a seguir os seus passos na adoração a Baal, como educou o filho deles,

Acazias, neste caminho de trevas, e certamente não somente este, como todos os seus irmãos e netos.
Assim duas coisas seriam basicamente necessárias para purificação do trono de Judá deste desvio e erros.
A primeira tinha a ver com a destruição de tudo aquilo que Atalia havia trazido do Reino do Norte para Judá, especialmente o culto de Baal (v. 18); e a segunda, seria a educação de um descendente de Davi desde a mais tenra infância, nos caminhos do Senhor, longe de toda e qualquer influência perniciosa, que havia penetrado na casa de Davi.
O próprio rei Jeorão, filho de Josafá, havia exterminado todos os seus irmãos, quando subiu ao trono (II Crôn 21.4); os filisteus e arábios haviam exterminado os filhos de Jeorão, exceto Acazias (II Crôn 22.1); Jeú matou os filhos dos irmãos de Acazias (II Crôn 22.8), e agora, vemos neste 11º capítulo de II Reis, a mãe de Acazias, Atalia, exterminando todos os filhos de Acazias, que eram seus próprios netos, exceto a um recém-nascido de nome Joás, que foi escondido pela esposa do sacerdote Joiada, de nome Jeoseba, numa das câmaras do templo do Senhor, que serviam de abrigo aos sacerdotes (v. 2,3 e II Crôn 22.11,12).
Durante seis anos Joás esteve aos cuidados de Jeoseba e do sacerdote Joiada, sendo escondido de Atalia, e sendo ensinado por eles nos caminhos do Senhor.
Tudo isto nos ensina sobre a importância de ensinar nossos filhos nos caminhos de Deus e preservá-los de toda má influência, especialmente durante a sua infância, de maneira que esta não venha a contribuir para que não tenham a formação de um caráter santo e justo.
Nós encontramos maiores informações sobre as ações de Joiada para entronizar Joás em II Crôn 22, e sobre o reinado de Joás propriamente dito, em II Crôn 23 e no 12º capítulo deste livro de II Reis.
Neste 11º capítulo são descritas as ações de Joiada para conduzir Joás ao trono, quando este tinha somente sete anos de idade, valendo-se especialmente da troca de turnos de

sacerdotes num sábado, não os liberando naquele dia, de modo que ficou com um efetivo duplo de homens à sua disposição para atuarem tanto no templo, quanto na casa do rei, os quais armou com os escudos e lanças, que se encontravam no templo desde os dias de Davi, e os repartiu em três grupamentos, de modo que especialmente o pequenino rei fosse protegido de uma possível investida daqueles que viessem a ousar a seguir Atalia.

Assim, Joás pôde ser proclamado rei junto às colunas do pórtico do templo (II Crôn 23.11,13), e Atalia ainda tentou reagir gritando traição! traição! na esperança de que o povo se levantasse contra o levante, mas ninguém se dispôs a ficar do lado dela porque a ordem era a de que fosse morto todo aquele que o fizesse (v. 15).

E ela foi retirada do templo para que não fosse morta ali, e sendo levada para fora veio a ser morta na frente do palácio real (v. 16).

"1 Vendo pois Atalia, mãe de Acazias, que seu filho era morto, levantou-se, e destruiu toda a descendência real.

2 Mas Jeoseba, filha do rei Jeorão, irmã de Acazias, tomou a Joás, filho de Acazias, furtando-o dentre os filhos do rei, aos quais matavam na recâmara, e o escondeu de Ataliá, a ele e à sua ama, de sorte que não o mataram.

3 E esteve com ela escondido na casa do Senhor seis anos; e Atalia reinava sobre o país.

4 No sétimo ano, porém, Joiada mandou chamar os centuriões dos caritas e os oficiais da guarda, e fê-los entrar consigo na casa do Senhor; e fez com eles um pacto e, ajuramentando-os na casa do Senhor, mostrou-lhes o filho do rei.

5 Então lhes ordenou, dizendo: Eis aqui o que haveis de fazer: uma terça parte de vós, os que entrais no sábado, fará a guarda da casa do rei;

6 outra terça parte estará à porta Sur; e a outra terça parte à porta detrás dos da guarda. Assim fareis a guarda desta casa, afastando a todos.
7 As duas companhias, a saber, todos os que saem no sábado, farão a guarda da casa do Senhor junto ao rei;
8 e rodeareis o rei, cada um com as suas armas na mão, e aquele que entrar dentro das fileiras, seja morto; e estai vós com o rei quando sair e quando entrar.
9 Fizeram, pois, os centuriões conforme tudo quanto ordenara o sacerdote Joiada; e tomando cada um os seus homens, tanto os que entravam no sábado como os que saíam no sábado, vieram ter com o sacerdote Joiada.
10 O sacerdote entregou aos centuriões as lanças e os escudos que haviam sido do rei Davi, e que estavam na casa do Senhor.
11 E os da guarda, cada um com as armas na mão, se puseram em volta do rei, desde o lado direito da casa até o lado esquerdo, ao longo do altar e da casa.
12 Então Joiada lhes apresentou o filho do rei, pôs-lhe a coroa, e lhe deu o testemunho; e o fizeram rei e o ungiram e, batendo palmas, clamaram: Viva o rei!
13 Quando Atalia ouviu o vozerio da guarda e do povo, foi ter com o povo na casa do Senhor;
14 e olhou, e eis que o rei estava junto à coluna, conforme o costume, e os capitães e os trombeteiros junto ao rei; e todo o povo da terra se alegrava e tocava trombetas. Então Atalia rasgou os seus vestidos, e clamou: Traição! Traição!
15 Então Joiada, o sacerdote, deu ordem aos centuriões que comandavam as tropas, dizendo-lhes: Tirai-a para fora por entre as fileiras, e a quem a seguir matai-o à espada. Pois o sacerdote dissera: Não seja ela morta na casa do Senhor.
16 E lançaram-lhe as mãos e ela foi pelo caminho da entrada dos cavalos à casa do rei, e ali a mataram.
17 Ora, Joiada firmou um pacto entre o Senhor e o rei e o povo, pelo qual este seria o povo do Senhor; como também firmou pacto entre o rei e o povo.

18 Então todo o povo da terra entrou na casa de Baal, e a derrubaram; como também os seus altares, e as suas imagens, totalmente quebraram; e a Matã, sacerdote de Baal, mataram diante dos altares. Também o sacerdote pôs vigias sobre a casa do Senhor.
19 E tomou os centuriões, os caritas, a guarda, e todo o povo da terra; e conduziram da casa do Senhor o rei, e foram pelo caminho da porta da guarda, à casa do rei; e ele se assentou no trono dos reis.
20 E todo o povo da terra se alegrou, e a cidade ficou em paz, depois que mataram Atalia à espada junto à casa do rei.
21 Joás tinha sete anos quando começou a reinar." (II Rs 11.1-21).

II Reis 12

O Justo Permanecerá

A chave para a mensagem principal aos cristãos, nos capítulos 11 e 12 do livro de II Reis, chama-se Joiada, cujo nome no original hebraico é ihoiada, que significa conhecido por Jeová, e de fato ele era bem conhecido do Senhor, porque não foi sem razão que Ele lhe deu longevidade para viver 130 anos (II Crôn 24.15), com pleno vigor ainda em sua velhice e mantendo diante dEle uma vida irrepreensível e piedosa, para principalmente garantir a continuidade da descendência de Davi no trono de Judá, porque como vimos no capítulo anterior a este 12º de II Reis, que estaremos comentando, Joás foi o único descendente que lhe restara e que seria fatalmente morto por Atalia, ou impedido de subir ao trono, não fora a instrumentalidade de Joaida, nas mãos de Deus.

Ele foi portanto, mantido em vida por tanto tempo, especialmente, para este propósito de que a promessa do Senhor feita a Davi não viesse a caducar, e ainda, que o Senhor seja poderoso para garanti-la por outros meios, este foi o que Ele escolhera para exaltar o Seu grande nome, quanto a não permitir que nenhum dos Seus propósitos seja frustrado.

Joiada havia sido contemporâneo dos reis piedosos Asa e Josafá, que haviam reinado em Judá sucessivamente por 66 anos (Asa, 41 anos e Josafá 25).

E deve ter sido muito duro para um sacerdote piedoso como Joiada ver não somente o ofício sacerdotal, como o culto ao Senhor e o Seu templo serem grandemente desprezados e perseguidos nos dias em que Jeorão, esposo de Atalia, Acazias, filho deste, e a própria Atalia, mantiveram o culto a

Baal em Judá por 16 anos (Jeorão, 8 anos, Acazias 1 ano e Atalia 7 anos).
Com isto nós podemos entender todo o vigor de suas ações para tirar Atalia do trono, com vistas a garantir a sucessão dos descendentes de Davi, conforme promessa do Senhor.
Certamente, o seu desejo não era apenas o de manter um descendente de Davi no trono, mas uma sucessão de reis piedosos, porque Jeorão e Acazias eram seus descendentes e foram reis ímpios, que não honraram o Senhor.
O mais espantoso disto tudo, quanto ao poder e soberania de Deus, para cumprir os Seus propósitos, é que Joiada já era de idade avançada quando Joás começou a reinar com apenas sete anos de idade, debaixo da tutela de Joiada, pois Joás morreu aos 47 anos de idade, e ainda que Joiada tenha morrido antes de Joás, ele teria no mínimo 83 anos quando Joás nasceu.
Quantas lições o Senhor nos dá através da vida de Joiada, como por exemplo, a paciência no sofrimento de suportar um ministério infiel de reis ímpios, por longos dezesseis anos, depois de ter estado debaixo da direção piedosa de reis como Asa e Josafá, por um período tão longo de 66 anos.
Isto serve de modelo para nós quanto à paciência com que devemos suportar ministros que não apascentam o rebanho do Senhor com conhecimento e inteligência.
Outra grande lição é a de que Ele pode dar força e determinação a pessoas ainda que avançadas em idade ou mesmo portadoras de enfermidades, de forma que possam cumprir com todo vigor a Sua vontade.
Este era o segredo por detrás do poder de um Richard Baxter, de um Spurgeon, de um William Tyndalle, que foram usados poderosamente pelo Senhor por um longo tempo, a par de todas as enfermidades que tiveram ou de sua idade avançada.
“29 Ele dá força ao cansado, e aumenta as forças ao que não tem nenhum vigor.
30 Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos cairão,

31 mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; andarão, e não se fatigarão." (Is 40.29-31).

"1 Foi no ano sétimo de Jeú que Joás começou a reinar, e reinou quarenta anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Zíbia, de Berseba.
2 E Joás fez o que era reto aos olhos do Senhor todos os dias em que o sacerdote Joiada o instruiu.
3 Contudo os altos não foram tirados; o povo ainda sacrificava e queimava incenso neles.
4 Disse Joás aos sacerdotes: Todo o dinheiro das coisas consagradas que se trouxer à casa do Senhor, o dinheiro daquele que passa o arrolamento, o dinheiro de cada uma das pessoas, segundo a sua avaliação, e todo o dinheiro que cada um trouxer voluntariamente para a casa do Senhor,
5 recebam-no os sacerdotes, cada um dos seus conhecidos, e reparem os estragos da casa, todo estrago que se achar nela.
6 Sucedeu porém que, no vigésimo terceiro ano do rei Joás, os sacerdotes ainda não tinham reparado os estragos da casa.
7 Então o rei Joás chamou o sacerdote Joiada e os demais sacerdotes, e lhes disse: Por que não reparais os estragos da casa? Agora, pois, não tomeis mais dinheiro de vossos conhecidos, mas entregai-o para o reparo dos estragos da casa.
8 E consentiram os sacerdotes em não tomarem mais dinheiro do povo, e em não mais serem os encarregados de reparar os estragos da casa.
9 Mas o sacerdote Joiada tomou uma arca , fez um buraco na tampa, e a pôs ao pé do altar, à mão direita de quem entrava na casa do Senhor. E os sacerdotes que guardavam a entrada metiam ali todo o dinheiro que se trazia à casa do Senhor.
10 Sucedeu pois que, vendo eles que já havia muito dinheiro na arca, o escrivão do rei e o sumo sacerdote vinham, e ensacavam e contavam o dinheiro que se achava na casa do Senhor.

11 E entregavam o dinheiro, depois de pesado, nas mãos dos que faziam a obra e que tinham a seu cargo a casa do Senhor; e eles o distribuíam aos carpinteiros, e aos edificadores que reparavam a casa do Senhor;
12 como também aos pedreiros e aos cabouqueiros; e para se comprar madeira e pedras de cantaria a fim de repararem os estragos da casa do Senhor, e para tudo quanto exigia despesa para se reparar a casa.
13 Todavia, do dinheiro que se trazia à casa do Senhor, não se faziam nem taças de prata, nem espevitadeiras, nem bacias, nem trombetas, nem vaso algum de ouro ou de prata para a casa do Senhor;
14 porque o davam aos que faziam a obra, os quais reparavam com ele a casa do Senhor.
15 E não se tomavam contas aos homens em cujas mãos entregavam aquele dinheiro para o dar aos que faziam a obra, porque eles se haviam com fidelidade.
16 Mas o dinheiro das ofertas pela culpa, e o dinheiro das ofertas pelo pecado, não se trazia à casa do Senhor; era para os sacerdotes.
17 Então subiu Hazael, rei da Síria, e pelejou contra Gate, e a tomou. Depois Hazael virou o rosto para marchar contra Jerusalém.
18 Pelo que Joás, rei de Judá, tomou todas as coisas consagradas que Josafá, Jeorão e Acazias, seus pais, reis de Judá, tinham consagrado, e tudo o que ele mesmo tinha oferecido, como também todo o ouro que se achou nos tesouros da casa do Senhor e na casa do rei, e o mandou a Hazael, rei da Síria, o qual se desviou de Jerusalém.
19 Ora, o restante dos atos de Joás, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
20 Levantaram-se os servos de Joás e, conspirando contra ele, o feriram na casa de Milo, junto ao caminho que desce para Sila.

21 Foram Jozacar, filho de Simeate, e Jeozabade, filho de Somer, seus servos que o feriram, e ele morreu. Sepultaram-no com seus pais na cidade de Davi. E Amazias, seu filho, reinou em seu lugar." (II Rs 12.1-21).

II Reis 13

A Morte do Profeta Eliseu

O 13º capítulo de II Reis retoma a história da sucessão dos reis do Reino do Norte, com a citação a Jeoacaz, filho de Jeú, que passou a reinar depois da morte de seu pai.
Ele reinou 17 anos, dando continuidade ao culto corrompido que Jeroboão havia criado, que em vez de adorar o Criador em espírito e em verdade, consistia numa celebração carnal a bois que haviam sido esculpidos em ouro pela imaginação humana.
De tal forma Israel havia sido entregue pelo Senhor às nações inimigas, especialmente ao poder da Síria, que nos dias de Jeoacaz, o exército de Israel que chegou a contar nos dias de Davi com 630.000 homens, sem contar os 470.000 de Judá (I Crôn 21.5), foi reduzido ao número desprezível de apenas 10.000 homens de infantaria, e tinha somente 10 carros e 50 cavaleiros (v. 7), e foi pela Sua exclusiva misericórdia e por causa da promessa que havia feito aos patriarcas de ser o Deus de Israel (v. 23), que Ele conteve o brasume da Sua ira contra os pecados deles, e foi isto que não permitiu que fossem inteiramente consumidos já naquela ocasião, porque já se encontravam maduros para tal juízo, tal como o mundo atual se encontra, e que ainda não foi sujeitado aos juízos finais de Deus, exclusivamente por causa da Sua longanimidade.
Nos próprios dias de Jeoacaz o Senhor havia operado um grande livramento da opressão da Síria, mas nem com isto se arrependeram e se desviaram dos seus pecados (v. 4 a 6).
Jeoacaz foi contemporâneo do rei Joás de Judá, e o seu filho Jeoás começou a reinar em Israel, depois da sua morte, a partir do 37º ano do reinado de Joás de Judá, que seria por

conseguinte, contemporâneo de Jeoás, por apenas mais três anos, porque reinou 40 anos sobre Judá.
O reinado de Jeoás de Israel durou 16 anos (v. 10) e foi nos dias do seu reinado que morreu o profeta Eliseu, do qual se diz neste capítulo ter sido visitado por Jeoás em seu leito de enfermidade, o qual, vendo o estado em que o profeta se encontrava, que indicava estar bem próxima a hora da sua morte, começou a chorar e exclamou as mesmas palavras que Eliseu havia proferido quando Elias foi arrebatado: “Meu pai, meu pai! carro de Israel, e seus cavaleiros!” (v. 14).
Ele reconhecia que era por meio das palavras do Seu grande profeta que Deus dava vitórias a Israel sobre os seus inimigos, e ele era então de fato melhor do que milhares de soldados, com suas intercessões em favor de Israel, diante do Senhor, assim como o fora John Knox nos dias da rainha Maria, da Escócia, que dizia temer mais as orações de Knox do que todos os exércitos inimigos.
E Eliseu, mesmo morrendo, mostrou-se mais forte e valoroso do que o próprio rei, porque animado pelo Espírito do Senhor pediu ao rei que pegasse um arco e flechas e que as lançasse através da janela do seu quarto ferindo a terra, e pondo a sua mão sobre a do rei, este lançou apenas três flechas, e por isso o profeta lhe repreendeu porque ele deveria ter ferido a terra cinco ou seis vezes e não apenas três, porque somente com cinco ou seis, viria a obter uma vitória total sobre os sírios, mas como não o fizera, ele apenas os venceria em três batalhas sucessivas (v. 19).
Não muito depois disto, Eliseu morreu e é narrado no verso 21 mais um milagre de Deus, que foi feito por causa de Eliseu, mesmo depois de morto, porque um homem de Israel que havia morrido foi lançado sobre a sepultura do profeta, quando aqueles que iriam sepultá-lo viram se aproximar uma tropa de moabitas, que havia invadido Israel, e tão logo o seu corpo tocou os ossos de Eliseu o citado homem ressuscitou.

Este capítulo é encerrado com a narrativa de que apesar de Hazael da Síria ter oprimido Israel durante todos os dias do rei Jeoacaz (v. 22), entretanto, nos dias do seu filho, o rei Jeoás, por ter honrado o profeta do Senhor na hora da sua morte, e por ter-lhe obedecido quando lhe ordenou que lançasse flechas através da janela do seu quarto, é dito no último verso que foi dado a ele retomar das mãos do rei Ben-Hadade, filho do rei Hazael, as cidades de Israel que os sírios haviam dominado, depois de ter vencido Ben-Hadade em três batalhas sucessivas, conforme lhe havia sido prometido pelo Senhor através de Eliseu (v. 25).
Nós vemos que Hazael, não necessariamente para honrar o rei que havia assassinado, mas provavelmente para disfarçar o crime que havia cometido no passado, deu ao seu próprio filho o nome dele, a saber, Ben-Hadade.
Assim nem todo beijo é sinal de amor e honra, e Judas que o diga, e nem toda homenagem é também sinal de uma verdadeira honra, porque os motivos do coração devem ser pesados antes de se chegar a qualquer conclusão final.
“17 Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles.
18 Porque os tais não servem a Cristo nosso Senhor, mas ao seu ventre; e com palavras suaves e lisonjas enganam os corações dos inocentes.” (Rom 16.17,18).
“Ainda aos violadores do pacto ele perverterá com lisonjas; mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte, e fará proezas.” (Dn 11.32).
Estes dois textos bíblicos são muito apropriados, especialmente para estes nossos dias em que as pessoas estão mais dispostas a se deixarem conduzir por palavras de louvor dirigidas a elas, ainda que não sinceras e desprovidas de mérito e significado, do que pela verdade da Palavra de Deus.
Por manterem esta predisposição que lhes é estimulada, tanto de fora quanto internamente de seus próprios

corações, buscam insaciavelmente satisfazer a sua grande fome de autoestima, e acabam na condição citada pelo apóstolo Paulo em II Tim 4.3,4:
"3 Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos,
4 e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas.".

"1 No vigésimo terceiro ano de Joás, filho de Acazias, rei de Judá, começou a reinar Jeoacaz, filho de Jeú, sobre Israel, em Samaria, e reinou dezessete anos.
2 E fez o que era mau aos olhos do Senhor, porque seguiu os pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar; não se apartou deles.
3 Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel; e o entregou continuadamente na mão de Hazael, rei da Síria, e na mão de Ben-Hadade, filho de Hazael.
4 Jeoacaz, porém, suplicou diante da face do Senhor; e o senhor o ouviu, porque viu a opressão com que o rei da Síria oprimia a Israel,
5 (pelo que o Senhor deu um libertador a Israel, de modo que saiu de sob a mão dos sírios; e os filhos de Israel habitaram nas suas tendas, como dantes.
6 Contudo não se apartaram dos pecados da casa de Jeroboão, com os quais ele fizera Israel pecar, porém andaram neles; e também a Asera ficou em pé em Samaria.)
7 porque, de todo o povo, não deixara a Jeoacaz mais que cinquenta cavaleiros, dez carros e dez mil homens de infantaria; porquanto o rei da Síria os tinha destruído e os tinha feito como o pó da eira.
8 Ora, o restante dos atos de Jeoacaz, e tudo quanto fez, e o seu poder, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel?
9 E Jeoacaz dormiu com seus pais; e o sepultaram em Samaria. E Jeoás, seu filho, reinou em seu lugar.

10 No ano trinta e sete de Joás, rei de Judá, começou a reinar Jeoás, filho de Jeoacaz, sobre Israel, em Samaria, e reinou dezesseis anos.
11 E fez o que era mau aos olhos do Senhor; não se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar, porém andou neles.
12 Ora, o restante dos atos de Jeoás, e tudo quanto fez, e o seu poder, com que pelejou contra Amazias, rei de Judá, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel?
13 Jeoás dormiu com seus pais, e Jeroboão se assentou no seu trono. Jeoás foi sepultado em Samaria, junto aos reis de Israel.
14 Estando Eliseu doente da enfermidade de que morreu, Jeoás, rei de Israel, desceu a ele e, chorando sobre ele exclamou: Meu pai, meu pai! carro de Israel, e seus cavaleiros!
15 E Eliseu lhe disse: Toma um arco e flechas. E ele tomou um arco e flechas.
16 Então Eliseu disse ao rei de Israel: Põe a mão sobre o arco. E ele o fez. Eliseu pôs as suas mãos sobre as do rei,
17 e disse: Abre a janela para o oriente. E ele a abriu. Então disse Eliseu: Atira. E ele atirou. Prosseguiu Eliseu: A flecha do livramento do Senhor é a flecha do livramento contra os sírios; porque ferirás os sírios em Afeque até os consumir.
18 Disse mais: Toma as flechas. E ele as tomou. Então disse ao rei de Israel: Fere a terra. E ele a feriu três vezes, e cessou.
19 Ao que o homem de Deus se indignou muito contra ele, e disse: Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então feririas os sírios até os consumir; porém agora só três vezes ferirás os sírios.
20 Depois morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, as tropas dos moabitas invadiam a terra à entrada do ano.
21 E sucedeu que, estando alguns a enterrarem um homem, viram uma dessas tropas, e lançaram o homem na sepultura

de Eliseu. Logo que ele tocou os ossos de Eliseu, reviveu e se levantou sobre os seus pés.

22 Hazael, rei da Síria, oprimiu a Israel todos os dias de Jeoacaz.

23 O Senhor, porém, teve misericórdia deles, e se compadeceu deles, e se tornou para eles, por amor do seu pacto com Abraão, Isaque e Jacó; e não os quis destruir nem lançá-los da sua presença

24 Ao morrer Hazael, rei da Síria, Ben-Hadade, seu filho, reinou em seu lugar.

25 E Jeoás, filho de Jeoacaz, retomou das mãos de Ben-Hadade, filho de Hazael, as cidades que este havia tomado das mãos de Jeoacaz, seu pai, na guerra; três vezes Jeoás o feriu, e recuperou as cidades de Israel." (II Rs 13.1-25).

II Reis 14

O Perigo de Não Dar Ouvido aos Profetas do Senhor

Jeoás era o segundo dos quatro descendentes de Jeú que Deus lhe havia prometido que teria a sua sucessão garantida no trono de Israel, por tudo que fizera à descendência de Acabe e ao culto a Baal.
Foi este rei Jeoás, que nós vimos honrando ao profeta Eliseu, no capítulo anterior a este 14º de II Reis que estaremos comentando, e que em razão disso recebeu da parte de Deus, que pudesse derrotar os sírios em três batalhas nos dias do rei Ben-Hadade, filho do rei Hazael.
É importante fixarmos isto para entendermos qual foi um dos motivos de ter Deus concedido também ao rei Jeoás de Israel que vencesse o rei de Judá, Amazias, conforme se vê neste capítulo 14º.
Amazias, rei de Judá, filho de Joás, começou a reinar no 2º ano do reinado de Jeoás, e reinou 29 anos em Jerusalém (v. 1).
Assim como seu pai Joás, Amazias começou bem mas não perseverou em seguir ao Senhor, e também seguiu os passos de seu pai quanto a não dar a devida honra aos Seus profetas, porque se Joás havia assassinado ao profeta Zacarias, filho do sacerdote Joiada, Amazias ameaçou de morte um profeta que o Senhor lhe enviara para perguntar-lhe por que ele buscou aos deuses do povo que não pôde ser livrado das suas mãos, pois os edomitas foram entregues a ele por Deus, e depois de tê-los derrotado, Amazias trouxe consigo os deuses de Edom e passou a adorá-los, queimando-lhes incenso.
Ele havia dito ao profeta que se calasse, porque não lhe havia encarregado de ser o seu conselheiro.
Ao que o profeta lhe disse que sabia que Deus havia resolvido destruir Amazias, pelo que ele havia feito, e por não ter dado

ouvido ao conselho que ele lhe dera da parte do Senhor (II Crôn 25.14-16).
Este foi portanto o real motivo da queda de Amazias diante do rei de Israel, e o orgulho dele foi apenas o meio que lhe conduziu à ruína, porque tendo se elevado o seu coração depois da vitória que Deus lhe concedera sobre os edomitas, ele foi provocar o rei Jeoás de Israel por sua livre iniciativa, sem que o Senhor estivesse naquilo, e não sabendo portanto que a mão do Senhor seria agora contra ele.
Ele julgava que se encontrava debaixo do favor geral de Deus, independentemente da sua maneira de se comportar, ignorante do fato de que o Senhor sempre age por princípios e nunca por favoritismo.
Por isso é nosso dever sempre examinarmos o nosso coração, conforme nos ordena a Palavra, para que vejamos se há em nós algum caminho mau, de forma que o confessemos e abandonemos, para voltarmos a trilhar pela vereda da justiça, na qual encontraremos as bênçãos de Deus.
Porém, como falamos anteriormente, isto estava oculto ao coração orgulhoso de Amazias, que pensava que tendo ouvido anteriormente o profeta que lhe dissera que não subisse à guerra contra os edomitas, juntamente com os 100.000 soldados israelitas, que ele havia tomado a soldo por cem talentos de prata, porque se o fizesse ele perderia a guerra, mas caso subisse só à peleja com o exército de Judá, seria vitorioso.
Quando ele considerou a perda financeira porque já havia pago os cem talentos de prata, o profeta lhe disse que "muito mais do que isso pode dar-te o Senhor." (II Crôn 25.9).
Assim era o Senhor com Amazias antes que ele viesse a se desviar da Sua presença, por conta da própria bênção que havia recebido (a vitória sobre os edomitas) e por causa da qual o seu coração se exaltou.
Ele falhou no teste, na prova da sua dependência de Deus e do aprendizado da necessidade de sempre esperar nEle, para

todas as decisões relativas à Sua obra, especialmente aquelas que envolvem o Seu povo.
Amazias exporia milhares de vidas por um desejo caprichoso, movido pelo seu orgulho.
Até mesmo o prejuízo que lhe foi imposto pelas forças de Efraim, que ele havia despedido a mando do Senhor, deveria ter sido suportado por ele como prova da sua obediência a Deus, e deveria aguardar nEle com paciência, mas parece que ele intentou vingar-se a si mesmo pelos três mil homens de Judá que haviam sido feridos por aqueles soldados efraimitas, que ele havia despedido (II Crôn 25.13), e então, talvez por algum ressentimento contra Deus, julgando que Ele não o protegera totalmente, entregou-se à adoração dos deuses dos edomitas, a quem ele havia vencido, e foi declarar guerra a Jeoás, rei de Israel (II Crôn 25.17).
Cabe destacar que a provocação de Amazias foi respondida com uma parábola e uma resposta direta:
“18 Mas Jeoás, rei de Israel, mandou responder a Amazias, rei de Judá: O cardo que estava no Líbano mandou dizer ao cedro que estava no Líbano: Dá tua filha por mulher a meu filho. Mas uma fera que estava no Líbano passou e pisou o cardo.
19 Tu dizes a ti mesmo: Eis que feri Edom. Assim o teu coração se eleva para te gloriares. Agora, pois, fica em tua casa; por que te meterias no mal, para caíres tu e Judá contigo?” (II Crôn 25.18,19).
Na parábola, Jeoás se comparou ao carvalho que é uma árvore sólida e imponente, e a Amazias ele comparou a um cardo que é uma erva daninha. E ele mostrou pela parábola a Amazias que os desejos do cardo podem ser facilmente dissipados porque ele pode ser destruído pelas pisadas dos animais do campo, o que de modo nenhum pode suceder ao carvalho.
Mas, nem com esta advertência Amazias voltou atrás no seu intento de guerrear contra Israel e é dito em II Crôn 25.20 que isto vinha de Deus, para entregá-lo nas mãos dos seus inimigos, porquanto buscou os deuses dos edomitas.

E guerreando Judá contra Israel foram derrotados em Bete-Semes, e Jeoás foi misericordioso para com Amazias não o matando, mas impôs a ele a vergonha de ser trazido como seu prisioneiro para a sua própria cidade de Jerusalém, onde tomou todo o ouro e prata, e todos os utensílios que se achavam na casa de Deus, bem como os tesouros do palácio de Amazias, e ainda fez reféns que levou consigo para Samaria.

E foi dado a Amazias ainda viver mais 15 anos depois da morte de Jeoás, mas como ele persistiu em não seguir ao Senhor foi morto por uma conspiração em Laquis, depois de ter fugido de seus perseguidores em Jerusalém (II Crôn 25.25-28).

O rei Uzias, que é chamado pelo nome de Azarias no verso 21, passou a reinar no lugar de Amazias, quando tinha apenas 16 anos.

E no 15º ano do reinado de Amazias de Judá, começou a reinar em Israel, depois de Jeoás, o rei Jeroboão II, que era o terceiro descendente de Jeú a assumir o trono, e através do qual Israel veio a ter grande prosperidade material, nos 41 anos do seu reinado (v. 23 a 29).

Foi nos dias deste rei que o profeta Jonas realizou o seu ministério (v. 25), e também o profeta Amós, que sendo de Judá, foi enviado a ele pelo Senhor com os juízos que nós encontramos no seu livro, porque se deu com Jeroboão II o mesmo que ocorreu com Uzias, pois nenhum dos dois soube se manter em humildade perante o Senhor, na prosperidade que receberam dele, e deixando que seus corações se exaltassem, vieram a transgredir os Seus mandamentos.

Cabe, entretanto, destacar que Jeroboão II nunca se desviou dos pecados do culto aos bezerros de ouro, e não demonstrou um verdadeiro temor ao Senhor como Uzias havia de

Este capítulo é encerrado com a citação do início do reinado de Zacarias, sucessor de Jeroboão II, que seria o quarto e último descendente de Jeú no trono de Israel, conforme promessa feita pelo Senhor a ele, e como veremos adiante,

Zacarias reinou apenas seis meses, por ter sido vítima de uma conspiração.
Quanto à questão de ficarem sujeitos aos juízos de Deus todos aqueles que desprezam e desonram os Seus profetas, conforme aprendemos neste capítulo, deve ser considerado de quão grande juízo então não estão sujeitos aqueles que desprezarem e desonrarem o Grande Profeta, o Senhor Jesus Cristo.
Por isso desde os dias de Moisés os israelitas foram alertados sobre a Sua vinda como Profeta, cujas palavras não poderiam ser desprezadas de modo algum, porque fazê-lo implicaria em risco para a própria vida:
"15 O Senhor teu Deus te suscitará do meio de ti, dentre teus irmãos, um profeta semelhante a mim; a ele ouvirás;
16 conforme tudo o que pediste ao Senhor teu Deus em Horebe, no dia da assembleia, dizendo: Não ouvirei mais a voz do Senhor meu Deus, nem mais verei este grande fogo, para que não morra.
17 Então o Senhor me disse: Falaram bem naquilo que disseram.
18 Do meio de seus irmãos lhes suscitarei um profeta semelhante a ti; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.
19 E de qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu exigirei contas." (Dt 18.15-19).
Esta profecia de Moisés acerca de Jesus merece uma atenção e reflexão maior da nossa parte, principalmente para entendermos tudo o que tem ocorrido à nação de Israel, desde que eles rejeitaram a Jesus por não aceitarem que Ele fosse de fato o Profeta e o Messias.
"11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
12 Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus;" (Jo 1.11,12).
Se o não ouvir os profetas do Senhor trazia a Israel perdas terríveis em guerras, a quanto maior juízo eles não estariam

sujeitos então rejeitando o Profeta pelo qual os demais exerceram seus ministérios?
Eles não somente não o receberam como o assassinaram.
Eles o conduziram à cruz pelas mãos dos romanos, e por terem-no desonrado a tão grande nível, eles próprios foram entregues nas mãos dos romanos por Deus, e estes os expulsaram do território de Israel em 70 d.C. e para lá viriam a retornar somente em meados do século XX, para que o Senhor possa cumprir neles tudo o que havia prometido

“1 No segundo ano de Jeoás, filho de Jeoacaz, rei de Israel, começou a reinar Amazias, filho de Joás, rei de Judá.
2 Tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Jeoadim, de Jerusalém.
3 E fez o que era reto aos olhos do Senhor, ainda que não como seu pai Davi; fez, porém, conforme tudo o que fizera Joás, seu pai.
4 Contudo os altos não foram tirados; o povo ainda sacrificava e queimava incenso neles.
5 Sucedeu que, logo que o reino foi confirmado na sua mão matou aqueles seus servos que haviam matado o rei, seu pai;
6 porém os filhos dos assassinos não matou, segundo o que está escrito no livro da lei de Moisés, conforme o Senhor deu ordem, dizendo: Não serão mortos os pais por causa dos filhos, nem os filhos por causa dos pais; mas cada um será morto pelo seu próprio pecado.
7 Também matou dez mil edomitas no Vale do Sal, e tomou em batalha a Sela; e chamou o seu nome Jocteel, nome que conserva até hoje.
8 Então Amazias enviou mensageiros a Jeoás, filho de Jeoacaz, filho de Jeú, rei de Israel, dizendo: Vem, vejamo-nos face a face.
9 Mandou, porém, Jeoás, rei de Israel, dizer a Amazias, rei de Judá: O cardo que estava no Líbano mandou dizer ao cedro

que estava no Líbano: Dá tua filha por mulher a meu filho. Mas uma fera que estava no Líbano passou e pisou o cardo.
10 Na verdade feriste Edom, e o teu coração se ensoberbeceu; gloria-te disso, e fica em tua casa; pois, por que te entremeterias no mal, para caíres tu, e Judá contigo?
11 Amazias, porém, não o quis ouvir. De modo que Jeoás, rei de Israel, subiu; e ele e Amazias, rei de Judá, viram-se face a face, em Bete-Semes, que está em Judá.
12 Então Judá foi derrotado diante de Israel, e fugiu cada um para a sua tenda.
13 E Jeoás, rei de Israel, aprisionou Amazias, rei de Judá, filho de Joás, filho de Acazias, em Bete-Semes e, vindo a Jerusalém, rompeu o seu muro desde a porta de Efraim até a porta da esquina, quatrocentos côvados.
14 E tomou todo o ouro e a prata e todos os vasos que se achavam na casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, como também reféns, e voltou para Samaria.
l5 Ora, o restante dos atos de Jeoás, o que fez, e o seu poder, e como pelejou contra Amazias, rei de Judá, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel?
16 E dormiu Jeoás com seus pais, e foi sepultado em Samaria, junto aos reis de Israel. Jeroboão, seu filho, reinou em seu lugar.
17 Amazias, filho de Joás, rei de Judá, viveu quinze anos depois da morte de Jeoás, filho de Jeoacaz, rei de Israel.
18 Ora, o restante dos atos de Amazias, porventura não está escrito no livro das crônicas dos reis de Judá?
19 Conspiraram contra ele em Jerusalém, e ele fugiu para Laquis; porém enviaram após ele até Laquis, e ali o mataram.
20 Então o trouxeram sobre cavalos; e ele foi sepultado em Jerusalém, junto a seus pais, na cidade de Davi.
21 E todo o povo de Judá tomou a Azarias, que tinha dezesseis anos, e fê-lo rei em lugar de Amazias, seu pai.
22 Ele edificou a Elate, e a restituiu a Judá, depois que o rei dormiu com seus pais.

23 No décimo quinto ano de Amazias, filho de Joás, rei de Judá, começou a reinar em Samaria, Jeroboão, filho de Jeoás, rei de Israel, e reinou quarenta e um anos.
24 E fez o que era mau aos olhos do Senhor; não se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar.
25 Foi ele que restabeleceu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até o mar da Arabá, conforme a palavra que o Senhor, Deus de Israel, falara por intermédio de seu servo Jonas filho do profeta Amitai, de Gate-Hefer.
26 Porque viu o Senhor que a aflição de Israel era muito amarga, e que não restava nem escravo, nem livre, nem quem socorresse a Israel.
27 E ainda não falara o Senhor em apagar o nome de Israel de debaixo do céu; porém o livrou por meio de Jeroboão, filho de Jeoás.
28 Ora, o restante dos atos de Jeroboão, e tudo quanto fez o seu poder, como pelejou e como reconquistou para Israel Damasco e Hamate, que tinham sido de Judá, porventura não estão escritos no livro das crônicas de Israel?
29 E Jeroboão dormiu com seus pais, os reis de Israel. E Zacarias, seu filho, reinou em seu lugar." (II Rs 14.1-29).

II Reis 15

A Extinção de Israel (Reino do Norte)

No verso 23 do capítulo anterior a este 15º de II Reis, que estaremos comentando, é dito que Jeroboão II começou a reinar em Israel a partir do 15º ano do reinado de Amazias, rei de Judá.

E no primeiro versículo deste capítulo 15º é dito que Azarias (Uzias), rei de Judá, filho de Amazias, começou a reinar a partir do 27º ano do reinado de Jeroboão II, e no verso 2 se diz que ele tinha 15 anos quando começou a reinar, e reinou 51 anos em Jerusalém.

Ora, se Amazias reinou 29 anos (II Crôn 25.1), então Uzias esteve debaixo de tutores durante os 13 primeiros anos do seu reinado, até que chegasse ao 27º ano do reinado de Jeroboão II, quando começou efetivamente a reinar.

Seu pai havia morrido no 14º ano do reinado de Jeroboão II, totalizando assim os 29 anos do seu reinado, e deste 14º ano de Jeroboão II até o 27º ano do seu reinado, foi o período em que Uzias esteve debaixo de tutores, até que completasse 16 anos, pois se diz que ele começou a reinar no 27º ano de Jeroboão II.

São dedicados apenas os sete primeiros versículos deste capítulo de II Reis, para este rei de Judá, mas nós encontramos todo um capítulo dedicado a ele em II Crônicas (cap 26) que narra toda a prosperidade que Judá experimentou nos seus dias, porque ele se dispôs a buscar o Senhor incentivado pelas palavras do profeta Zacarias (II Crôn 26.5), não o profeta Zacarias, cujo livro inspirado leva o seu nome, porque este pertence a um período bem posterior, relativo ao retorno de Judá do cativeiro em Babilônia.

Assim, ele prosperou não somente contra as nações inimigas (II Crôn 26.6 a 8), como pôde obter excelentes safras

agrícolas, pela regularidade de chuvas e ausência de pragas e doenças, porque o Senhor era com ele, e lhe foi permitido também fortificar-se militarmente pelo fabrico de armas e artefatos de guerra, como por exemplo, torres de vigilância e defesa contra possíveis ataques inimigos.

Mas, o seu próprio fortalecimento e prosperidade foi a causa da sua ruína, porque como outros, antes dele, também permitiu que o seu coração se elevasse por causa da prosperidade (II Crôn 26.15,16), e veio a transgredir contra o Senhor, não respeitando o ofício sacerdotal, e nem a pessoa dos Seus sacerdotes, porque entrou no templo para queimar incenso, e ficou indignado contra 80 sacerdotes, que lhe haviam repreendido pelo que fizera, e é bem provável que em sua indignação, intentasse fazer mal a eles, no que foi impedido por uma resposta direta do próprio Deus em seu corpo, indicando-lhe que não lhe era permitido entrar na área sagrada e interna do templo, senão somente os sacerdotes, porque ficou leproso em sua testa, a saber, num lugar bem visível, de maneira que teria que sair apressadamente da área do templo, para que não fosse morto pelo Senhor, porque esta era vedada aos leprosos.

Por causa do seu pecado não foi curado da sua lepra até o dia da sua morte, e foi obrigado a morar numa casa separada por ter sido excluído da casa do Senhor, e assim até mesmo o que lhe era permitido antes do seu pecado, passou também a lhe ser proibido, a saber, participar dos serviços de adoração do templo e a residir no palácio real.

O rei Zacarias, filho de Jeroboão II foi morto por Salum, que passou a reinar no seu lugar (v. 10), mas este reinou somente um mês porque Menaém, matou Salum e reinou em seu lugar (v. 14).

Este Menaém agiu com cruel brutalidade, porque tendo sofrido oposição de parte dos israelitas matou os habitantes de Tifsa e de suas cercanias, cortando ao meio as mulheres grávidas (v. 16), e vencendo assim as resistências através de

intimidação, permaneceu no trono de Israel por 10 anos (v. 17).
Ele se aliou à Assíria pagando mil talentos de prata a Pul, rei dos assírios, para garanti-lo no trono, livrando-o de possíveis ameaças, tanto internas, quanto externas, e com isto ele conseguiu que o seu filho Pecaías viesse a assumir o trono depois da sua morte (v. 17 a 22).
Entretanto, Pecaías reinou somente dois anos, porque Peca, general do seu exército conspirou contra ele e o matou em seu próprio palácio e passou a reinar em seu lugar (v. 25).
Este Peca começou a reinar no último ano do reinado de Uzias, isto é, no 52º ano, e reinou vinte anos em Israel (v. 27).
Como os reis de Israel, de há muito haviam transformado o reinado num simples e grande balcão de negócios, para tratarem dos seus próprios interesses, e não dos de Deus para quem eles deveriam reinar seguindo as Suas leis e mandamentos, então não seria nada surpreendente que o Senhor viesse a agir no sentido de dissolver o Reino do Norte.
Desta forma, foi nos dias de Peca que Tiglate-Pileser da Assíria levou em cativeiro os habitantes de várias cidades do Norte de Israel, inclusive todos os da terra de Gileade, da Galileia e da tribo de Naftali (v. 29).
Enfraquecido pelo ataque dos assírios, Peca foi morto por Oseias (v. 20), que passou a reinar em seu lugar e que reinou os últimos 9 anos de existência do Reino do Norte, porque Oseias foi impedido de continuar reinando pelos assírios, que puseram termo ao Reino do Norte, porque o rei Salmanaser da Assíria levou todo Israel em cativeiro, e os dispersou por outras nações fazendo-os habitar em Hala, Habor e nas cidades dos medos (17.1-6).
Deus havia protestado contra os pecados de Israel (Reino do Norte), através do ministério de vários profetas, inclusive de Isaías, que foi contemporâneo de Uzias e destes últimos reis de Israel, que viveram depois de Jeroboão II, rei ao qual o Senhor enviara o profeta Amós de Judá, e que foi desprezado por ele, tanto quanto o profeta Oseias, cujo ministério se

estendeu desde os dias de Jeroboão II até além do fim do Reino do Norte.

O profeta Miqueias também protestou contra o pecado de Israel, tendo iniciado seu ministério nos dias do rei Peca.

O profeta Joel já havia protestado contra o pecado deles, possivelmente nos dias do rei Jeú, e também não lhe deram ouvidos.

E nós vimos quantos profetas o Senhor lhes enviara desde os primeiros dias de Jeroboão I, como por exemplo aquele que profetizou contra o altar do bezerro de ouro de Betel, e se dispensa qualquer comentário quanto ao ministério de Elias e Eliseu entre eles, com manifestações de sinais e prodígios, e nem assim se converteram da sua idolatria ao Senhor, e se recusavam em guardar os Seus mandamentos, então a longanimidade do Senhor esperou cerca de 200 anos até expulsá-los por toda a terra pelas mãos dos reis assírios, em 732 a .C. (cativeiro da Galileia, Gileade e Naftali) e em 722 a .C. (cativeiro de Samaria e de todas as demais cidades de Israel).

Quando ocorreu a primeira leva de cativos de Israel nos dias do rei Peca, reinava em Judá o rei Jotão, filho do rei Uzias (v. 7).

E quando ocorreu a segunda leva que correspondeu ao fim do Reino do Norte, nos dias do rei Oseias, reinava em Judá o rei Acaz, filho do rei Jotão.

Como Uzias ficou leproso, Jotão seu filho, assumiu as rédeas do reino enquanto seu pai vivia, e é por isso que se diz em II Crôn 27.1 que ele reinou 16 anos, e no verso 30 deste capítulo de II Reis, que Oseias de Israel começou a reinar no 20º ano do reinado de Jotão de Judá, apesar de ser confirmado no verso 33 que ele reinou 16 anos.

Isto indica portanto que ele havia começado efetivamente a reinar antes da morte de seu pai Uzias, sendo os 16 anos do seu reinado equivalentes ao período que reinou depois da morte do seu pai.

Oseias reinou apenas nove anos, porque como já dissemos ele foi impedido de continuar reinando simplesmente porque o Reino do Norte foi extinto pelos assírios no 9º ano do seu reinado, quando o rei Ezequias de Judá encontrava-se no seu 6º ano de reinado (18.10).

"1 No ano vinte e sete de Jeroboão, rei de Israel, começou a reinar Azarias, filho de Amazias, rei de Judá.
2 Tinha dezesseis anos quando começou a reinar, e reinou cinquenta e dois anos, em Jerusalém. O nome de sua mãe era Jecolia, de Jerusalém.
3 E fez o que era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera Amazias, seu pai.
4 Contudo os altos não foram tirados; o povo ainda sacrificava e queimava incenso neles.
5 E o Senhor feriu o rei, de modo que ficou leproso até o dia da sua morte; e habitou numa casa separada; e Jotão, filho do rei, tinha o cargo da casa, julgando o povo da terra.
6 Ora, o restante dos atos de Azarias, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
7 E Azarias dormiu com seus pais, e com eles o sepultaram na cidade de Davi: E Jotão, seu filho, reinou em seu lugar.
8 No ano trinta e oito de Azarias, rei de Judá, reinou Zacarias, filho de Jeroboão, sobre Israel, em Samaria, seis meses.
9 E fez o que era mau aos olhos do Senhor, como tinham feito seus pais; nunca se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar.
10 Salum, filho de Jabes, conspirou contra ele; feriu-o diante do povo, matou-o e reinou em seu lugar.
11 Ora o restante dos atos de Zacarias está escrito no livro das crônicas dos reis de Israel.
12 Esta foi a palavra do Senhor, que ele falara a Jeú, dizendo: Teus filhos, até a quarta geração, se assentarão sobre o trono de Israel. E assim foi.

13 Salum, filho de Jabes, começou a reinar no ano trinta e nove de Uzias, rei de Judá, e reinou um mês em Samaria.
14 E Menaém, filho de Gadi, subindo de Tirza, veio a Samaria; feriu a Salum, filho de Jabes, em Samaria, matou-o e reinou em seu lugar.
15 Ora, o restante dos atos de Salum, e a conspiração que fez, estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel.
16 Então Menaém feriu a Tifsa, e a todos os que nela havia, como também a seus termos desde Tirza; porque não lha tinham aberto, por isso a feriu; e fendeu a todas as mulheres grávidas que nela estavam.
17 No ano trinta e nove de Azarias, rei de Judá, Menaém, filho de Gadi, começou a reinar sobre Israel, e reinou dez anos em Samaria.
18 E fez o que era mau aos olhos do Senhor; em todos os seus dias nunca se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar.
19 Então veio Pul, rei da Assíria, contra a terra; e Menaém deu a Pul mil talentos de prata, para que este o ajudasse a firmar o reino na sua mão.
20 Menaém exigiu este dinheiro de todos os poderosos e ricos em Israel, para o dar ao rei da Assíria, de cada homem cinquenta siclos de prata; assim voltou o rei da Assíria, e não se demorou ali na terra.
21 Ora, o restante dos atos de Menaém, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel?
22 Menaém dormiu com seus pais. E Pecaías, seu filho, reinou em seu lugar.
23 No ano cinquenta de Azarias, rei de Judá, Pecaías, filho de Menaém, começou a reinar sobre Israel em Samaria, e reinou dois anos.
24 E fez o que era mau aos olhos do Senhor; nunca se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar.

25 E Peca, chefe das suas tropas, filho de Remalias, conspirou contra ele, e o feriu em Samaria, no castelo da casa do rei, juntamente com Argobe e com Arié; e com Peca estavam cinquenta homens dos filhos dos gileaditas; e o matou, e reinou em seu lugar.
26 Ora, o restante dos atos de Pecaías, e tudo quanto fez, estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel.
27 No ano cinquenta e dois de Azarias, rei de Judá, Peca, filho de Remalias, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, e reinou vinte anos.
28 E fez o que era mau aos olhos do Senhor; nunca se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, com os quais ele fizera Israel pecar.
29 Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser rei da Assíria e tomou Ijom, Abel-Bete-Maacá, Janoa, Quedes, Hazor, Gileade e Galileia, toda a terra de Naftali; e levou cativos os habitantes para a Assiria.
30 E Oseias, filho de Elá, conspirou contra Peca, filho de Remalias, o feriu e matou, e reinou em seu lugar, no vigésimo ano de Jotão, filho de Uzias.
31 Ora, o restante dos atos de Peca, e tudo quanto fez, estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel.
32 No segundo ano de Peca, filho de Remalias, rei de Israel, começou a reinar Jotão, filho de Uzias, rei de Judá.
33 Tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Jenisa, filha de Zadoque.
34 E fez o que era reto aos olhos do Senhor; fez conforme tudo quanto fizera seu pai Uzias.
35 Contudo os altos não foram tirados; o povo ainda sacrificava e queimava incenso neles. Pois ele que edificou a porta alta da casa do Senhor.
36 Ora, o restante dos atos de Jotão, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?

37 Naqueles dias começou o Senhor a enviar contra Judá Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias.
38 E Jotão dormiu com seus pais, e com eles foi, sepultado na cidade de Davi, seu pai. E Acaz, seu filho, reinou em seu lugar." (II Rs 15.1-38).

II Reis 16

A Impiedade do Rei Acaz

O piedoso rei Jotão, filho de Uzias, do qual se lê em II Crôn 27.6 que: "se tornou poderoso, porque dirigiu os seus caminhos na presença do Senhor seu Deus.", foi sucedido no trono por seu filho Acaz, que não andou nos seus caminhos, conforme vemos neste 16º capitulo de II Reis, que estaremos comentando, e no relato do 28º capítulo de II Crônicas.
Acaz começou a reinar no 17º ano do reinado de Peca, o filho de Remalias, que é citado em Isaías 7.9, do qual ele tremia de medo (Is 7.16), e também de Rezim, rei da Síria, também citado no mesmo texto de Isaías, e dos quais o Senhor lhe daria livramento, não por nenhum merecimento dele ou qualquer justiça que nele houvesse, senão para cumprir o seu propósito de não permitir que a Assíria, que ele havia levantado como instrumento da Sua justiça sobre o mundo ímpio de então, e que viria a subjugar o próprio Reino do Norte, não fosse o executor de seus juízos também sobre Judá (Reino do Sul), para quem o Senhor tinha planos diferentes, a saber, que fossem levados em cativeiro não pela Assíria, mas por Babilônia, e não naquele tempo, mas somente depois de 605 a .C., isto é, mais de cem anos depois do cativeiro de Israel.
E deve-se ter em conta que havia profecias relativas a Judá, que ainda não tinham sido cumpridas, como a da destruição do altar do bezerro de ouro de Betel, pelo rei Josias, e como sabemos que a Palavra do Senhor não pode falhar seria mais fácil ele riscar a Assíria totalmente do mapa já naquela época, do que permitir que uma só Palavra Sua caísse por terra.
Assim, nós vemos porque foi permitido ao rei Acaz de Judá, ser livrado da destruição, a par de toda a transgressão que este rei cometeu no Reino do Sul, e não somente isto, ele

pôde até mesmo desfrutar de livramentos da parte do Senhor, como já dissemos antes, sem que tivesse qualquer merecimento para desfrutar disto.
Acaz não somente andou nos caminhos dos reis de Israel, como lhes superou fazendo passar pelo fogo um de seus filhos (v. 3), possivelmente dedicando-o a Moloque, divindade amonita, e oferecia sacrifícios e queimava incenso a outros deuses (v. 4), e Jerusalém somente não caiu nas mãos do rei Rezim da Síria, e de Peca, de Israel, quando estes a cercaram, porque não era chegado ainda o tempo da sua destruição (v. 5).
Por isso, apesar de Judá ter sido poupado da destruição, no entanto não deixou de receber os devidos juízos da parte do Senhor contra os pecados deles, porque foi permitido aos sírios que levassem uma grande multidão de Judá em cativeiro para a Síria, e a Peca de Israel que matasse de Judá num só dia 120.000 dos seus homens valentes, porque estes haviam abandonado o Senhor (II Crôn 28.5,6).
E se não fosse pela intervenção do Senhor, que enviou aos israelitas o profeta Odede, para repreendê-los por terem tomado 200.000 pessoas de Judá, que pretendiam escravizar no Reino do Norte, o reinado de Acaz teria sido submetido a uma total ruína, mas como não era ainda a hora da destruição determinada pelo Senhor, os israelitas ouviram o profeta Odede, porque lhes foi dito que viria grande mal da parte do Senhor sobre eles caso não devolvessem os judeus à sua própria terra (II Crôn 28.8-15).
Estes acontecimentos levaram Acaz a pedir auxílio a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, mas este o colocou em aperto em vez de ajudá-lo, porque lhe exigiu um grande tributo, que ele teve que pagar saqueando a sua própria casa e a dos príncipes de Judá, e também o templo do Senhor (II Crôn 28. 16-21).
Em todo o seu aperto Acaz nunca se voltou para o Senhor, e não se humilhou diante dEle, pelos juízos que estava sofrendo, ao contrário honrou os deuses da Síria, e não somente profanou o templo do Senhor, como espalhou

altares por Israel, para a adoração de outros deuses (II Crôn 28. 22-25).
Como se tudo isto não bastasse ele também honrou o rei da Assíria, por ter este levado o povo de Damasco, em cativeiro e por ter matado a Rezim, o rei sírio, indo a Damasco, para se encontrar com ele, e foi nesta ocasião que ele viu o altar dos deuses, da Síria em Damasco e enviou um desenho deste para o sacerdote Urias, em Judá ordenando-lhe que fosse edificado um semelhante àquele para substituir o altar de bronze, do templo do Senhor, no qual ele passou a oferecer sacrifícios aos deuses da Síria.
E tendo deslocado o altar de bronze para ficar ao Norte do altar que mandara edificar, pediu a Urias que mantivesse o altar de bronze do Senhor ao seu dispor, para que pudesse fazer dele o seu oráculo, função que nunca fora designada por Deus para o referido altar, senão a de que se apresentasse nele holocaustos (v. 10-15).
Veja que não era um rei estrangeiro que estava profanando o templo do Senhor, senão o rei de Judá, a quem cabia preservá-lo.
Ele tirou também o mar de fundição, o grande reservatório de água que ficava sobre os doze bois de bronze, de sobre estes (v. 17), e o triste em tudo isto é que o sacerdote Urias fez tudo o que lhe ordenou Acaz, sem que ele e os demais sacerdotes, se lhe opusessem, como era o dever deles, tal como os que se opuseram ao rei Uzias nos seus dias.
Mas tudo isto era um indicativo de que o reino de Judá, no tempo próprio, também receberia a devida retribuição do Senhor, sendo também enviado para o cativeiro.

“1 No ano dezessete de Peca, filho de Remalias, começou a reinar Acaz, filho de Jotão, rei de Judá.
2 Tinha Acaz vinte anos quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém; e não fez o que era reto aos olhos do Senhor seu Deus, como tinha feito Davi, seu pai,

3 mas andou no caminho dos reis de Israel, e até fez passar pelo fogo o seu filho, segundo as abominações dos gentios que o Senhor lançara fora de diante dos filhos de Israel.
4 Também oferecia sacrifícios e queimava incenso nos altos e nos outeiros, como também debaixo de toda árvore frondosa.
5 Então subiu Rezim, rei da Síria, com Peca, filho de Remalias, rei de Israel, contra Jerusalém, para lhe fazer guerra; e cercaram a Acaz, porém não puderam vencê-lo.
6 Nesse mesmo tempo Rezim, rei da Síria, restituiu Elate a Síria, lançando fora dela os judeus; e os sírios vieram a Elate, e ficaram habitando ali até o dia de hoje.
7 Então Acaz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, dizendo: Eu sou teu servo e teu filho; sobe, e livra-me das mãos do rei da Síria, e das mãos do rei de Israel, os quais se levantaram contra mim.
8 E tomou Acaz a prata e o ouro que se achou na casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, e mandou um presente ao rei da Assíria.
9 E o rei da Assíria lhe deu ouvidos e, subindo contra Damasco, tomou-a, levou cativo o povo para Quir, e matou Rezim.
10 Então o rei Acaz foi a Damasco para se encontrar com Tiglate-Pileser, rei da Assíria; e, vendo o altar que estava em Damasco, enviou ao sacerdote Urias a figura do altar, e o modelo exato de toda a sua obra.
11 E Urias, o sacerdote, edificou o altar; conforme tudo o que o rei Acaz lhe tinha enviado de Damasco, assim o fez o sacerdote Urias, antes que o rei Acaz viesse de Damasco.
12 Tendo o rei vindo de Damasco, viu o altar; e, acercando-se do altar, ofereceu sacrifício sobre ele;
13 queimou o seu holocausto e a sua oferta de cereais, derramou a sua libação, e espargiu o sangue dos seus sacrifícios pacíficos sobre o altar.

14 E o altar de bronze, que estava perante o Senhor, ele o tirou da parte fronteira da casa, de entre o seu altar e a casa do Senhor, e o colocou ao lado setentrional do seu altar.
15 E o rei Acaz ordenou a Urias, o sacerdote, dizendo: No grande altar queima o holocausto da manhã, como também a oferta de cereais da noite, o holocausto do rei e a sua oferta de cereais, o holocausto de todo o povo da terra, a sua oferta de cereais e as suas libações; e todo o sangue dos holocaustos, e todo o sangue dos sacrifícios espargirás nele; porém o altar de bronze ficará ao meu dispor para nele inquirir.
16 Assim fez Urias, o sacerdote, conforme tudo quanto o rei Acaz lhe ordenara.
17 Também o rei Acaz cortou as almofadas das bases, e de cima delas removeu a pia; tirou o mar de sobre os bois de bronze, que estavam debaixo dele, e o colocou sobre um pavimento de pedra.
18 Também o passadiço coberto para uso no sábado, que tinham construído na casa, e a entrada real externa, retirou da casa do Senhor, por causa do rei da Assíria.
19 Ora, o restante dos atos de Acaz, e o que fez porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
20 E dormiu Acaz com seus pais, e com eles foi sepultado na cidade de Davi. E Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar.” (II Rs 16.1-20).

II Reis 17

A Formação do Culto Misto dos Samaritanos

Há um princípio no caráter de Deus que o leva a dar oportunidades àqueles que Ele sabe que melhorarão com o tempo, à medida que são submetidos progressivamente à ação da Sua graça, e nós vemos isto nas ações de Jesus em Seu ministério terreno, e do trabalho dEle na Sua Igreja.
Isto está ilustrado na parábola da figueira estéril à qual ele deu tempo e tratos culturais, para que viesse a frutificar, e que seria cortada somente se não respondesse de modo favorável à oportunidade que lhe estava sendo dada de frutificar.
Mas quando esta esperança foge totalmente, como foi o caso do Reino do Norte, e as pessoas se tornam como espinheiros, dos quais não se pode esperar nenhum fruto, o destino delas então é o de serem cortadas e queimadas em fogo inextinguível.
Os israelitas do Reino do Norte haviam se desviado de tal maneira do Senhor, e se entregaram tanto às práticas pagãs, que eles se degeneraram completamente e passaram a ser como qualquer uma das nações, que não conheciam a Deus, senão ainda piores do que elas.
Por isso, o Senhor os rejeitou de tal forma, que permitindo que fossem entregues nas mãos dos assírios, viriam a manter no esquecimento, a forma devida de se servir ao Senhor, em sua própria terra, porque foram espalhados por outras nações, vindo a assimilar com o passar dos anos a identidade cultural delas.
Mas, como em Judá ainda havia um remanescente fiel, o Senhor proveria um destino diferente para eles, pois ainda que sendo levados a partir de 605 a.C. até 586 a.C. para Babilônia, não somente os manteria reunidos numa só nação,

onde receberiam um tratamento digno muito diferente do que havia sofrido Israel sob os assírios, e além disso, o Senhor não os deixou sem o ministério dos profetas em Babilônia, porque antes mesmo que toda a nação fosse levada para lá em cativeiro, Ele lhes enviou para estarem com eles os profetas Daniel (605 a. C.) e Ezequiel (597 a.C.), de modo que fossem curados de sua idolatria, e que achassem favor junto ao rei de Babilônia.

Deus amaldiçoou de tal forma a criação, depois que o pecado entrou no mundo, que desde então, para que o homem tenha verdadeira alegria e paz em sua alma, depende de recebê-las diretamente dEle, porque são tantas as pressões, decepções, perdas, fraquezas, perseguições e toda sorte de adversidades internas, inerentes à própria natureza terrena decaída; e externas, relativas ao mundo de pecado, que não poderá ter de modo algum um viver abençoado, se isto não lhe for concedido particularmente pelo Senhor.

Deste modo, tudo o que é adverso contribui para que se busque a Deus, para achar nEle graça e auxílio, de forma que se receba dEle descanso e paz para a alma.

Por isso, importa ter uma vida agradável ao Senhor, achegando-nos a Ele em inteira certeza de fé, por meio de um coração verdadeiro, purificado da má consciência, e o corpo lavado de toda impureza carnal por estar lavado com a água limpa da santificação do Espírito Santo (Hb 10.22), porque de outro modo não se pode privar da intimidade com Ele e das Suas bênçãos, porque Deus é totalmente santo e justo, a par de ser amoroso e misericordioso.

Então, como poderia Israel com seus grosseiros pecados não perdoados, pela falta de arrependimento deles, contar com as bênçãos do Senhor para sempre?

Eles seriam rejeitados por Deus do mesmo modo como lhe haviam rejeitado desprezando os Seus profetas, Seus mandamentos, a Sua Palavra.

O que sucedeu a eles é para a nossa própria advertência, de modo que não nos iludamos que podemos ter uma vida

abençoada pelo Senhor vivendo da mesma maneira que eles viveram no passado, ou seja, sem que andemos em retidão na Sua presença, por não procurarmos fazer aquilo que Lhe é agradável, não pelo que julguemos que Lhe seja agradável, mas consoante uma firme perseverança em obedecer a tudo que nos tem ordenado em Sua Palavra.

A expulsão de Israel da terra da promessa é uma ilustração da nossa própria expulsão da comunhão com o Senhor, se não praticarmos o que é reto aos Seus olhos.

Não importa a beleza dos cultos que Lhe prestamos, a suntuosidade dos nossos templos, a afinação dos louvores que Lhe entoamos, se não prezamos e guardamos os Seus mandamentos, por um andar no Espírito Santo, produzindo no nosso coração o Seu fruto no nosso viver diário.

Este 17º capítulo de II Reis descreve o motivo dos israelitas terem sido expulsos da sua terra pelo Senhor, e como ela passou a ser habitada por povos que não O conheciam, e que misturaram as suas práticas de adoração pagã com algumas das prescrições da Lei de Moisés, que lhes foram ensinadas por um sacerdote de Israel, que foi trazido de volta do cativeiro, especialmente para tal propósito (v. 28), porque julgavam que os leões, que haviam ocupado a terra que fora deixada desocupada dos seus habitantes, por causa do cativeiro, estavam atacando os seus novos habitantes porque isto deveria ser um juízo do Deus daquela terra por não estar sendo também cultuado por eles, e como esta gente não conhecia ao Senhor, como os próprios israelitas, que haviam virado as Suas costas para Ele, ignoravam que Deus exige um culto exclusivo dos Seus servos, e que é uma maior abominação para Ele ser colocado ao lado de outros deuses do que não receber qualquer tipo de adoração, porque esta mistura do que é frio com o que é quente produz a mornidão que O leva a nos expulsar da Sua boca.

É então melhor ser frio não conhecendo as coisas que são devidas ao Senhor, do que conhecê-las e permitir que a

adoração que é devida exclusivamente a Ele seja mesclada com a adoração de outros deuses ou com práticas mundanas. Na própria Lei Ele nos adverte que não terá por inocente a todo aquele que tiver outros deuses diante dEle.
Então, em vez de verdadeira adoração o que eles tinham era uma superstição.
E este seu culto mesclado prosseguiu até os dias do ministério terreno do Senhor Jesus, porque no tempo de Alexandre, o Grande, um sacerdote de Judá, unido aos samaritanos edificou o templo do monte Gerizim, alegando que fora ali que Abraão tinha levado Isaque quando tivera a Sua fé provada por Deus, e baseavam a sua religião somente no Pentateuco, rejeitando o restante do Antigo Testamento, e apesar de guardarem o sábado, as festas e a circuncisão, deles falou o Senhor Jesus que não conheciam o que adoravam (Jo 4.22).
Por isso se diz destas pessoas que passaram a habitar nos territórios desocupados de Israel o que nós lemos no verso 41:
"Assim estas nações temiam ao Senhor, mas serviam também as suas imagens esculpidas; também seus filhos, e os filhos de seus filhos fazem até o dia de hoje como fizeram seus pais.".
Desta forma, os israelitas que haviam sido deixados em Israel, quando seus irmãos foram levados pela Assíria, seguiram este culto misto e não se arrependeram de suas antigas más obras, apesar de todos os juízos que o Senhor trouxera sobre Israel (v. 34 a 40).

"1 No ano duodécimo de Acaz, rei de Judá, começou a reinar Oseias, filho de Elá, e reinou sobre Israel, em Samaria nove anos.
2 E fez o que era mau aos olhos do Senhor, contudo não como os reis de Israel que foram antes dele.
3 Contra ele subiu Salmanasar, rei da Assiria; e Oseias ficou sendo servo dele e lhe pagava tributos.

4 O rei da Assíria , porém, achou em Oseias conspiração; porque ele enviara mensageiros a Sô, rei do Egito, e não pagava, como dantes, os tributos anuais ao rei da Assíria; então este o encerrou e o pôs em grilhões numa prisão.
5 E o rei da Assíria subiu por toda a terra, e chegando a Samaria sitiou-a por três anos.
6 No ano nono de Oseias, o rei da Assíria tomou Samaria, e levou Israel cativo para a Assíria; e fê-los habitar em Hala, e junto a Habor, o rio de Gozã, e nas cidades dos medos.
7 Assim sucedeu, porque os filhos de Israel tinham pecado contra o Senhor seu Deus que os fizera subir da terra do Egito, de debaixo da mãe de Faraó, rei do Egito, e porque haviam temido a outros deuses,
8 e andado segundo os costumes das nações que o Senhor lançara fora de diante dos filhos de Israel, e segundo os que os reis de Israel introduziram.
9 Também os filhos de Israel fizeram secretamente contra o Senhor seu Deus coisas que não eram retas. Edificaram para si altos em
todas as suas cidades, desde a torre das atalaias até a cidade fortificada;
10 Levantaram para si colunas e aserins em todos os altos outeiros, e debaixo de todas as árvores frondosas;
11 queimaram incenso em todos os altos, como as nações que o Senhor expulsara de diante deles; cometeram ações iníquas, provocando à ira o Senhor,
12 e serviram os ídolos, dos quais o Senhor lhes dissera: Não fareis isso.
13 Todavia o Senhor advertiu a Israel e a Judá pelo ministério de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Voltai de vossos maus caminhos, e guardai os meus mandamentos e os meus estatutos, conforme toda a lei que ordenei a vossos pais e que vos enviei pelo ministério de meus servos, os profetas.

l4 Eles porém, não deram ouvidos; antes endureceram a sua cerviz, como fizeram seus pais, que não creram no Senhor seu Deus;
15 rejeitaram os seus estatutos, e o seu pacto, que fizera com os pais deles, como também as advertências que lhes fizera; seguiram a vaidade e tornaram-se vãos, como também seguiram as nações que estavam ao redor deles, a respeito das quais o Senhor lhes tinha ordenado que não as imitassem.
16 E, deixando todos os mandamentos do Senhor seu Deus, fizeram para si dois bezerros de fundição, e ainda uma Asera; adoraram todo o exército do céu, e serviram a Baal.
17 Fizeram passar pelo fogo seus filhos, suas filhas, e deram-se a adivinhações e encantamentos; e venderam-se para fazer o que era mau aos olhos do Senhor, provocando-o à ira.
18 Pelo que o Senhor muito se indignou contra Israel, e os tirou de diante da sua face; não ficou senão somente a tribo de Judá.
19 Nem mesmo Judá havia guardado os mandamentos do Senhor seu Deus; antes andou nos costumes que Israel introduzira.
20 Pelo que o Senhor rejeitou toda a linhagem de Israel, e os oprimiu, entregando-os nas mãos dos despojadores, até que os expulsou da sua presença.
21 Pois rasgara Israel da casa de Davi; e eles fizeram rei a Jeroboão, filho de Nebate, o qual apartou Israel de seguir o Senhor, e os fez cometer um grande pecado.
22 Assim andaram os filhos de Israel em todos os pecados que Jeroboão tinha cometido; nunca se apartaram deles;
23 até que o Senhor tirou Israel da sua presença, como falara por intermédio de todos os seus servos os profetas. Assim foi Israel transportado da sua terra para a Assíria, onde está até o dia de hoje.
24 Depois o rei da Assíria trouxe gente de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Hamate e de Sefarvaim, e a fez habitar nas cidades

de Samaria em lugar dos filhos de Israel; e eles tomaram Samaria em herança, e habitaram nas suas cidades.
25 E sucedeu que, no princípio da sua habitação ali, não temeram ao Senhor; e o Senhor mandou entre eles leões, que mataram alguns deles.
26 Pelo que foi dito ao rei da Assíria: A gente que transportaste, e fizeste habitar nas cidades de Samaria, não conhece a lei do deus da terra; por isso ele tem enviado entre ela leões que a matam, porquanto não conhece a lei do deus da terra.
27 Então o rei da Assíria mandou dizer: Levai ali um dos sacerdotes que transportastes de lá para que vá e habite ali, e lhes ensine a lei do deus da terra.
28 Veio, pois, um dos sacerdotes que eles tinham transportado de Samaria, e habitou em Betel, e lhes ensinou como deviam temer ao Senhor.
29 Todavia as nações faziam cada uma o seu próprio deus, e os punham nas casas dos altos que os samaritanos tinham feito, cada nação nas cidades que habitava.
30 Os de Babilônia fizeram e Sucote-Benote; os de Cuta fizeram Nergal; os de Hamate fizeram Asima;
31 os aveus fizeram Nibaz e Tartaque: e os sefarvitas queimavam seus filhos no fogo e a adrameleque e a Anameleque, deuses de Sefarvaim.
32 Temiam também ao Senhor, e dentre o povo fizeram para si sacerdotes dos lugares altos, os quais exerciam o ministério nas casas dos lugares altos.
33 Assim temiam ao Senhor, mas também serviam a seus próprios deuses, segundo o costume das nações do meio das quais tinham sido transportados.
34 Até o dia de hoje fazem segundo os antigos costumes: não temem ao Senhor; nem fazem segundo os seus estatutos, nem segundo as suas ordenanças; nem tampouco segundo a lei, nem segundo o mandamento que o Senhor ordenou aos filhos de Jacó, a quem deu o nome de Israel,

35 com os quais o Senhor tinha feito um pacto, e lhes ordenara, dizendo: Não temereis outros deuses, nem vos inclinareis diante deles, nem os servireis, nem lhes oferecereis sacrifícios;
36 mas sim ao Senhor, que vos fez subir da terra do Egito com grande poder e com braço estendido, a ele temereis, a ele vos inclinareis, e a ele oferecereis sacrifícios.
37 Quanto aos estatutos, às ordenanças, à lei, e ao mandamento, que para vós escreveu, a esses tereis cuidado de observar todos os dias; e não temereis outros deuses;
38 e do pacto que fiz convosco não vos esquecereis. Não temereis outros deuses,
39 mas ao Senhor vosso Deus temereis, e ele vos livrará das mãos de todos os vossos inimigos.
40 Contudo eles não ouviram; antes fizeram segundo o seu antigo costume.
41 Assim estas nações temiam ao Senhor, mas serviam também as suas imagens esculpidas; também seus filhos, e os filhos de seus filhos fazem até o dia de hoje como fizeram seus pais." (II Rs 17.1-41).

II Reis 18

A Fé do Rei Ezequias é Provada

A Assíria havia sido levantada nos dias do rei Ezequias, como o grande instrumento dos juízos de Deus sobre os pecados das nações, assim como seria levantada Babilônia depois deles, e a Média e a Pérsia depois de Babilônia; a Grécia, depois destes, e finalmente os romanos.
Nós vimos nos capítulos anteriores a este 18º de II Reis, que estaremos comentando, que a Síria e Israel haviam sido levados em cativeiro pelos reis assírios.
Nós vimos também que o rei Acaz, pai do rei Ezequias havia sido livrado da destruição pela pura misericórdia do Senhor, e pelo fato de que não havia chegado ainda a hora de Judá ser levado ao cativeiro, consoante o Seu propósito.
Este capítulo 18º de II Reis nos dá conta do modo como se elevou o coração do rei Assírio Senaqueribe, em razão do grande poder que o seu país estava tendo sobre as demais nações, e esquecido que isto havia sido dado diretamente a eles por Deus, começaram a se exacerbar nas suas ações, usando de extrema crueldade para com os povos conquistados e se exaltando contra o próprio Deus de Israel, uma vez que já haviam levado o Reino do Norte para o cativeiro, quando Senaqueribe veio afrontar o Senhor, nos dias de Ezequias, sem saber o grande juízo que Ele estava forjando contra os assírios.
Não havia melhor ocasião do que aquela para visitar o orgulho dos assírios com juízos, porque a santidade do Senhor estava sendo vindicada pelo piedoso rei Ezequias, que não somente empreendeu uma grande reforma religiosa em Judá, restaurando tudo o que havia sido destruído pelo seu pai (Acaz), e de Ezequias se diz o que nós lemos no verso 3: “Ele fez o que era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o

que fizera Davi, seu pai.", isto é, ele era um crente verdadeiro tal como fora Davi antes dele, e ainda nós lemos sobre quem ele havia sido no verso 5: "Confiou no Senhor Deus de Israel, de modo que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele.".
Isto significa que não houve nenhum rei no período do reino dividido em Judá, que tivesse confiado tanto no Senhor como Ezequias.
E a grande fé dele seria honrada por Deus de várias formas, e especialmente na derrota que imporia aos assírios, sem o auxílio de mãos humanas, conforme veremos no capítulo seguinte.
E a qualidade da fé de Ezequias era tanto subjetiva quanto objetiva, porque não era fé na fé, ou mera confiança em Deus baseada em sentimentos e emoções, mas fé na Sua Palavra e na disposição de cumpri-la integralmente, como se afirma no verso 6: "Porque se apegou ao Senhor; não se apartou de o seguir, e guardou os mandamentos que o Senhor ordenara a Moisés.".
E o resultado disto não poderia ser outro senão o que se diz no verso 7: "Assim o Senhor era com ele; para onde quer que saísse prosperava.".
Comunhão com Deus, poder contar com Suas bênçãos, prosperidade, isto é, poder avançar contando com a boa mão do Senhor sendo-lhe favorável em tudo, dando vitória sobre os inimigos, a mesma prosperidade que Josué havia experimentado no passado, e que lhe foi prometida pelo Senhor, caso andasse nos Seus caminhos, não se desviando deles, por um estrito cumprimento dos Seus mandamentos.
De outro modo, como a pequena Judá poderia resistir ao poder da Assíria, se o Senhor não fosse com eles?
Por isso se diz ainda na parte "b" do verso 7, em que consistiu também a prosperidade de Ezequias: "Rebelou-se contra o rei da Assíria, e recusou servi-lo.".
Com a mesma fé e obediência de Ezequias nós podemos também resistir ao pecado e ao diabo e recusarmo-nos a

servi-los, porque certamente o Senhor dar-nos-á vitória sobre ambos.

Foi de tal ordem a reforma empreendida por Ezequias, que somente ele teve a ousadia que ninguém havia tido antes dele de despedaçar a serpente de bronze que Moisés havia feito no deserto (v. 5), e que os israelitas haviam transformado em objeto de adoração, porque não somente discerniu que aquilo configurava uma idolatria, como também percebeu que não valeria a pena manter aquele objeto como uma relíquia preciosa, porque sempre conduziria a uma possível idolatria, e Ezequias estava bem convicto do quanto isto desagradava a Deus.

Aquela serpente foi usada num momento específico, para curar os israelitas das feridas das serpentes abrasadoras do deserto, mas muitos israelitas deviam continuar atribuindo ao objeto propriamente dito o poder de curá-los de suas enfermidades, quando que na verdade foi o Senhor e não a serpente de bronze quem havia curado os israelitas no deserto nos dias de Moisés.

Esta foi feita a mando de Deus, para servir de figura ao modo de salvação, que é por se olhar com os olhos da fé para Cristo, que se fez maldição no nosso lugar.

Como Samaria havia sido tomada pelos assírios no 6º ano do reinado de Ezequias, pelo rei Salmanasar (v. 9, 10), Senaqueribe, que reinou depois dele, sentiu-se incentivado cerca de oito anos depois, isto é no 14º ano do reinado de Ezequias, a invadir Judá (v. 13), e como havia conseguido se apoderar das cidades fortificadas de Judá, Ezequias por prudência propôs-lhe ser seu tributário, e o rei da Assíria lhe cobrou 300 talentos de prata e trinta de ouro (v. 14,15), e Ezequias não sabia que a sua fé viria a ser provada nisto tudo de maneira que o grande nome do Senhor viesse a ser exaltado.

O diabo parecia já ter vencido a guerra por esta única batalha, mas esta vantagem inicial somente serviria para trazer maior

honra ao Senhor, porque estava comprovado que Judá jamais poderia se livrar do poder da Assíria, pela sua própria força.
Ezequias aprenderia que não adianta negociar com o inimigo, não adianta fazer concessões ao diabo, para que ele não nos prejudique ainda mais, porque sempre desonrará os seus tratos, conforme é próprio à sua natureza mentirosa, enganosa, destruidora, e sempre desejará muito mais de nós, e foi exatamente isto o que ocorreu com Ezequias, porque não honrando o que havia sido negociado, Senaqueribe subiu a Jerusalém com um grande exército e enviou três dos seus principais generais para afrontarem o exército de Judá e o Deus de Israel (v. 17).
Naquela ocasião o Egito devia estar tentando efetuar uma aliança com outras nações, para poder fazer frente ao poder da Assíria, e esta foi uma das razões apresentadas por Senaqueribe através de seus três generais para ter se antecipado invadindo Judá, sob a alegação de que seria vão os israelitas esperarem receber auxílio do Egito em carros e cavaleiros, e ainda que a própria Assíria desse 2.000 cavalos a Judá, Ezequias não teria cavaleiros suficientes para colocar sobre eles (v. 23).
Então ele conclui com o seguinte argumento: De que valeria confiarem no Egito? (v. 21). De que adiantaria adorarem ao Deus cujo altar havia sido restaurado pelo rei de Judá no templo de Jerusalém? (v. 22).
E então os três generais mensageiros de Senaqueribe mentiram aos judeus dizendo que foi o próprio Senhor que lhes havia ordenado subir contra Judá para destruí-la (v. 25).
Eles não disseram isto sequer por confiarem no Senhor e temê-lo, mas simplesmente para intimidarem os judeus e queriam dizer que o próprio Deus de Israel estava do lado dos assírios, juntamente com os demais deuses deles.
Percebendo qual era o intento deles, a embaixada que Ezequias enviou aos generais assírios pediu que lhes falasse em aramaico e não em hebraico, de modo que os judeus que estavam ao redor não compreendessem o que eles estavam

dizendo, para que suas mãos não ficassem frouxas para a guerra (v. 26).
E tendo percebido isto, Rabsaqué, que falava pelo rei da Assíria, liderando o grupo de três generais, começou a afrontar diretamente todos os judeus, dizendo que era exatamente este o propósito da sua mensagem, e por isso lhes estava falando na própria língua deles, de maneira que entendessem quais eram as intenções da Assíria em relação a eles, que era a de conduzi-los em cativeiro, sem que lhes opusessem qualquer resistência.
E eles passaram a afrontar os deuses das demais nações e o próprio Deus de Israel, dizendo que nenhum deles puderam livrar os seus povos das mãos da Assíria.
Estas palavras foram bastante perturbadoras a ponto de fazer com que os homens que Ezequias havia enviado a ter com os assírios retornassem a ele com suas vestes rasgadas, e lhe contaram tudo o que Rabsaqué lhes havia dito.
Qual foi a razão de tanta fúria do diabo?
A resposta está no texto paralelo de II Crônicas 29, no qual nós vemos que o povo havia sido reconduzido ao Senhor por Ezequias, e tornaram a adorá-lo de acordo com as prescrições da Lei de Moisés.
E Ezequias havia feito uma restauração do ofício dos sacerdotes e dos levitas, que louvavam e ofereciam sacrifícios a Deus.
Tudo o que o diabo havia conseguido fazer através de Acaz, Deus havia desfeito através de Ezequias, e esta era a razão do Inimigo estar se levantando tão furiosamente contra tudo isto, tentando intimidar os judeus para que não perseverassem na sua fidelidade ao Senhor.
Mas nós veremos no capitulo seguinte qual foi a atitude de Ezequias em relação às ameaças do inimigo e qual foi a resposta que Deus deu à fé demonstrada pelo Seu servo.

“1 Ora, sucedeu que, no terceiro ano de Oseias, filho de Elá, rei de Israel, começou a reinar Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá.
2 Tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Abi, filha de Zacarias.
3 Ele fez o que era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera Davi, seu pai.
4 Tirou os altos, quebrou as colunas, e deitou abaixo a Asera; e despedaçou a serpente de bronze que Moisés fizera (porquanto até aquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso), e lhe chamavam Neustã.
5 Confiou no Senhor Deus de Israel, de modo que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele.
6 Porque se apegou ao Senhor; não se apartou de o seguir, e guardou os mandamentos que o Senhor ordenara a Moisés.
7 Assim o Senhor era com ele; para onde quer que saísse prosperava. Rebelou-se contra o rei da Assíria, e recusou servi-lo.
8 Feriu os filisteus até Gaza e os seus termos, desde a torre dos atalaias até a cidade fortificada.
9 No quarto ano do rei Ezequias que era o sétimo ano de Oseias, filho de Elá, rei de Israel, Salmanasar, rei da Assíria, subiu contra Samaria, e a cercou
10 e, ao fim de três anos, tomou-a. No ano sexto de Ezequias, que era o ano nono de Oseias, rei de Israel, Samaria foi tomada.
11 Depois o rei da Assíria levou Israel cativo para a Assíria, e os colocou em Hala, e junto ao Habor, rio de Gozã, e nas cidades dos medos;
12 porquanto não obedeceram à voz do senhor seu Deus, mas violaram o seu pacto, nada ouvindo nem fazendo de tudo quanto Moisés, servo do Senhor, tinha ordenado.

13 No ano décimo quarto do rei Ezequias, subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades fortificadas de Judá, e as tomou.
14 Pelo que Ezequias, rei de Judá, enviou ao rei da Assíria, a Laquis, dizendo: Pequei; retira-te de mim; tudo o que me impuseres suportarei. Então o rei da Assíria impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro.
15 Assim deu Ezequias toda a prata que se achou na casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei.
16 Foi nesse tempo que Ezequias, rei de Judá, cortou das portas do templo do Senhor, e dos umbrais, o ouro de que ele mesmo os cobrira, e o deu ao rei da Assíria.
17 Contudo este enviou de Laquis Tartã, Rabe-Sáris e Rabsaqué, com um grande exército, ao rei Ezequias, a Jerusalém; e subiram, e vieram a Jerusalém. E, tendo chegado, pararam ao pé do aqueduto da piscina superior, que está junto ao caminho do campo do lavandeiro.
18 Havendo eles chamado o rei, saíram-lhes ao encontro Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo, e Sebna, o escrivão, e Joá, filho de Asafe, o cronista.
19 E Rabsaqué lhes disse: Dizei a Ezequias: Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Que confiança é essa em que te estribas?
20 Dizes (são, porém, palavras vãs): Há conselho e poder para a guerra. Em quem, pois, agora confias, que contra mim te revoltas?
21 Estás confiando nesse bordão de cana quebrada, que é o Egito; o qual, se alguém nele se apoiar, entrar-lhe-á pela mão e a traspassará; assim é Faraó, rei do Egito para com todos os que nele confiam.
22 Se, porém, me disserdes: No Senhor nosso Deus confiamos; porventura não é esse aquele cujos altos e altares Ezequias tirou dizendo a Judá e a Jerusalém: Perante, este altar adorareis em Jerusalém?

23 Ora pois faze uma aposta com o meu senhor, o rei da Assíria: dar-te-ei dois mil cavalos, se tu puderes dar cavaleiros para eles.
24 Como, então, poderias repelir um só príncipe dos menores servos de meu senhor, quando estás confiando no Egito para obteres carros e cavaleiros?
25 Porventura teria eu subido sem o Senhor contra este lugar para o destruir? Foi o Senhor que me disse: sobe contra esta terra e a destrói.
26 Então disseram Eliaquim, filho de Hilquias, e Sebna, e Joá, a Rabsaqué: Rogamos-te que fales aos teus servos em aramaico, porque bem o entendemos; e não nos fales na língua judaica, aos ouvidos do povo que está em cima do muro.
27 Rabsaqué, porém, lhes disse: Porventura mandou-me meu senhor para falar estas palavras a teu senhor e a ti, e não aos homens que estão sentados em cima do muro que juntamente convosco hão de comer o seu excremento e beber a sua urina?
28 Então pondo-se em pé, Rabsaqué clamou em alta voz, na língua judaica, dizendo: Ouvi a palavra do grande rei, do rei da Assíria.
29 Assim diz o rei: Não vos engane Ezequias; porque não vos poderá livrar da minha mão;
30 nem tampouco vos faça Ezequias confiar no Senhor, dizendo: Certamente nos livrará o Senhor, e esta cidade não será entregue na mão do rei da Assíria.
31 Não deis ouvidos a Ezequias; pois assim diz o rei da Assíria: Fazei paz comigo, e saí a mim; e coma cada um da sua vide e da sua figueira, e beba cada um a água da sua cisterna;
32 até que eu venha, e vos leve para uma terra semelhante à vossa, terra de trigo e de mosto, terra de pão e de vinhas, terra de azeite de oliveiras e de mel; para que vivais e não morrais. Não deis ouvidos a Ezequias, quando vos envenena, dizendo: O Senhor nos livrará.

33 Porventura os deuses das nações puderam livrar, cada um a sua terra, das mãos do rei da Assíria?
36 Que é feito dos deuses de Hamate e de Arpade? Que é feito dos deuses de Sefarvaim, de Hena e de Iva? porventura livraram Samaria da minha mão?
35 Dentre todos os deuses das terras, quais são os que livraram a sua terra da minha mão, para que o Senhor livre Jerusalém da minha mão?
36 O povo, porém, ficou calado, e não lhe respondeu uma só palavra, porque o rei ordenara, dizendo: Não lhe respondais.
37 Então Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo, e Sebna, o escrivão, e Joá, filho de Asafe, o cronista, vieram a Ezequias com as vestes rasgadas, e lhe fizeram saber as palavras de Rabsaqué." (II Rs 18.1-37).

II Reis 19

Um Só Anjo Matou 185.000 Assírios

Ainda que o Senhor possa perdoar e salvar a qualquer que tenha desonrado o Seu nome blasfemando dEle, especialmente na dispensação da graça, conforme nos ensinou o próprio Jesus (Mt

12.32), no entanto isto não é algo que possa ser feito sem que não nos exponhamos a um grande risco de sofrer os Seus juízos, para vindicar a santidade do Seu nome, ao qual atribui grande estima e honra, a ponto de ter incluído um mandamento específico entre os dez mandamentos da Lei de Moisés pelo qual proíbe o uso vão do Seu santo nome, e interpôs uma ameaça, afirmando que não terá por inocente a todo que vier a fazê-lo (Êx 20.7).
Não admira portanto que Jesus tenha também ensinado o dever de santificar o nome de Deus, como a primeira coisa a ser lembrada em nossas orações (Mt 6.9).
Era exatamente contra o grande nome de Deus que os assírios estavam blasfemando, e então, qual seria a resposta que poderiam esperar da parte do Senhor, na vindicação do Seu nome?
O capítulo 19º de Reis revela a resposta.
E ainda que o rei Ezequias não tivesse se humilhado e buscado o Seu auxílio, pedindo que Ele fosse consultado pelo profeta Isaías, os assírios receberiam das Suas poderosas mãos o devido castigo.
E 185.000 homens do exército deles, que se encontrava acampado ao redor de Jerusalém, foram destruídos a um só tempo, pelo anjo do Senhor, na mesma noite em que o Senhor deu resposta à oração de Ezequias, através do profeta

Isaías, na forma de uma resposta à carta afrontosa que Senaqueribe havia enviado a Ezequias (v. 35).
E o rei assírio fugiu apavorado para a sua terra, por ter visto a grande destruição que o próprio Deus fizera em seu exército sem qualquer auxílio de mãos humanas, e quando ele estava adorando no templo do deus Nisroque, em Nínive, capital da Assíria, dois de seus próprios filhos o mataram à espada no templo em que se encontrava, e com isto o Senhor revelou a ele qual era o poder do deus Nisroque para livrá-lo das Suas mãos, e dos seus inimigos, pois, como se exaltara sobre o Senhor em nome deste deus falso, ele não foi capaz sequer de livrá-lo daqueles que eram da sua própria casa, e um outro filho dele, chamado Esar-Hadom, assumiu o reino da Assíria (v. 37).
Este capítulo é auto-explicativo em quase tudo o que contém, e dispensa qualquer comentário, e por isso recomendamos uma releitura do próprio texto bíblico, especialmente das seguintes passagens:
a) O pedido que Ezequias fez a Isaías através dos mensageiros que lhe enviou, para que orasse ao Senhor em favor de Judá, pela vindicação que o Senhor faria da santidade do Seu nome, que havia sido blasfemado pelos assírios (vide versos 3 e 4).
b) A resposta inicial que o Senhor deu a Ezequias através do profeta Isaías, prometendo que faria Senaqueribe voltar à Assíria onde seria morto à espada (vide versos 6 e 7).
c) A oração que Ezequias fez no templo depois de ter recebido uma carta de Senaqueribe, na qual lhe dizia para que não confiasse no Seu Deus (vide versos 14 a 19).
d) A resposta que Deus deu à oração de Ezequias enviando-lhe uma mensagem através do profeta Isaías (vide versos 20 a 34).
Para melhor informação de toda a fidelidade de Ezequias para com o Senhor antes de ter-se levantado Senaqueribe contra ele, podem ser consultados os capítulos 29 a 31 de II Crônicas, em que vemos sobretudo o seu esforço para cumprir em Judá tudo o que estava contido na Lei de Moisés.

“1 Quando o rei Ezequias ouviu isto rasgou as suas vestes, cobriu-se de saco, e entrou na casa do Senhor.
2 Então enviou Eliaquim, o mordomo, e Sebna, o escrivão, e os anciãos dos sacerdotes, cobertos de sacos, ao profeta Isaías, filho de Amoz.
3 Eles lhe disseram: Assim diz Ezequias: Este dia é dia de angústia, de vituperação e de blasfêmia; porque os filhos chegaram ao parto, e não há força para os dar à luz.
4 Bem pode ser que o Senhor teu Deus tenha ouvido todas as palavras de Rabsaque, a quem o seu senhor, o rei da Assiria, enviou para afrontar o Deus vivo, e repreenda as palavras que o senhor teu Deus ouviu. Faze, pois, oração pelo resto que ainda fica.
5 Foram, pois, os servos do rei Ezequias ter com Isaias.
6 E Isaías lhes disse: Assim direis a vosso senhor: Assim diz o Senhor: Não temas as palavras que ouviste, com as quais os servos do rei da Assíria me blasfemaram.
7 Eis que meterei nele um espírito, e ele ouvirá uma nova, e voltará para a sua terra; e à espada o farei cair na sua terra.
8 Voltou, pois, Rabsaqué e achou o rei da Assíria pelejando contra Libna, porque soubera que o rei havia partido de Laquis.
9 E o rei, ouvindo dizer acerca de Tiraca, rei da Etiópia: Eis que saiu para te fazer guerra, tornou a enviar mensageiros a Ezequias, dizendo:
10 Assim falareis a Ezequias, rei de Judá: Não te engane o teu Deus, em quem confias, dizendo: Jerusalém não será entregue na mão do rei da Assíria.
11 Eis que já tens ouvido o que os reis da Assíria fizeram a todas as terras, destruindo-as totalmente; e tu serias poupado?
12 Porventura os deuses das nações a quem meus pais destruíram, puderam livrá-las, a saber, Gozã, Harã, Rezefe, e os filhos de Eden que estavam em Telassar?

13 Que é feito do rei de Hamate, do rei de Arpade, do rei da cidade de Sefarvaim, de Hena e de Iva?
14 Ezequias, pois, tendo recebido a carta das mãos dos mensageiros, e tendo-a lido, subiu à casa do Senhor, e a estendeu perante o Senhor.
15 E Ezequias orou perante o Senhor, dizendo: Ó Senhor Deus de Israel, que estás assentado sobre os querubins, tu mesmo, só tu és Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste o céu e a terra.
16 Inclina, ó Senhor, o teu ouvido, e ouve; abre, ó Senhor, os teus olhos, e vê; e ouve as palavras de Senaqueribe, com as quais enviou seu mensageiro para afrontar o Deus vivo.
17 Verdade é, ó Senhor, que os reis da Assíria têm assolado as nações e as suas terras,
18 e lançado os seus deuses no fogo porquanto não eram deuses mas obra de mãos de homens, madeira e pedra; por isso os destruíram.
19 Agora, pois, Senhor nosso Deus, livra-nos da sua mão, para que todos os reinos da terra saibam que só tu, Senhor, és Deus.
20 Então Isaías, filho de Amoz, mandou dizer a Ezequias: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Ouvi o que me pediste no tocante a Senaqueribe, rei da Assíria.
21 Esta é a palavra que o Senhor falou a respeito dele: A virgem, a filha de Sião, te despreza e te escarnece; a filha de Jerusalém meneia a cabeça por detrás de ti.
22 A quem afrontaste e blasfemaste? E contra quem alçaste a voz, e ergueste os olhos ao alto? Contra o Santo de Israel!
23 Por meio de teus mensageiros afrontaste o Senhor, e disseste: Com a multidão de meus carros subi ao alto dos montes, aos lados do Líbano; cortei os seus altos cedros, e as suas mais formosas faias, e entrei na sua mais distante pousada, no bosque do seu campo fértil.
24 Eu cavei, e bebi águas estrangeiras; e com as plantas de meus pés sequei todos os rios do Egito.

25 Porventura não ouviste que já há muito tempo determinei isto, e já desde os dias antigos o planejei? Agora, porém, o executei, para que fosses tu que reduzisses as cidades fortificadas a montões desertos.
26 Por isso os moradores delas tiveram pouca força, ficaram pasmados e confundidos; tornaram-se como a erva do campo, como a relva verde, e como o feno dos telhados, que se queimam antes de amadurecer.
27 Eu, porém, conheço o teu assentar, o teu sair e o teu entrar, bem como o teu furor contra mim.
28 Por causa do teu furor contra mim, e porque a tua arrogância subiu aos meus ouvidos, porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio na tua boca, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste.
29 E isto te será por sinal: Este ano comereis o que nascer por si mesmo, e no ano seguinte que daí proceder; e no terceiro ano semeai e comei, e plantai vinhas, e comei os seus frutos.
30 Pois o que escapou da casa de Judá, e ficou de resto, tornará a lançar raízes para baixo, e dará fruto para cima.
31 Porque de Jerusalém sairá o restante, e do monte Sião os que escaparem; o zelo do Senhor fará isto.
32 Portanto, assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria: Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma; tampouco virá perante ela com escudo, nem contra ela levantará tranqueira.
33 Pelo caminho por onde veio, por esse mesmo voltará, e nesta cidade não entrará, diz o Senhor.
34 Porque eu defenderei esta cidade para livrá-la, por amor de mim e por amor do meu servo Davi.
35 Sucedeu, pois, que naquela mesma noite saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles: e, levantando-se os assírios pela manhã cedo, eis que aqueles eram todos cadáveres.
36 Então Senaquerib, rei da Assíria, se retirou e, voltando, habitou em Nínive.

37 E quando ele estava adorando na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o mataram à espada e fugiram para a terra de Arará. E Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar.” (II Rs 19.1-37).

II Reis 20

As Lutas Virão Apesar da nossa Fidelidade

Ezequias reinou 29 anos (18.2). Foi no 14º ano do seu reinado que Senaqueribe subiu contra ele como vimos no capítulo décimo oitavo (18.13).

Como neste 20º capitulo de II Reis, que estaremos comentando, é dito que o Senhor lhe acrescentou 15 anos de vida, quando ele estava com uma enfermidade que era para morte (20.1), então podemos concluir que foi exatamente no 14º ano do seu reinado, quando foi cercado pelas tropas da Assíria, que o Senhor lhe dissera através de Isaías, que ele morreria.

E daí podemos entender a afirmação do verso 6 em que o Senhor lhe prometeu livrar das mãos da Assíria, que parece estar deslocada, depois de tudo o que lemos nos capítulos anteriores, porque na verdade, a narrativa deste capítulo, relativo à cura de Ezequias, pertence ao mesmo período da invasão de Judá pelos assírios.

Nós vemos então que Ezequias, em toda a sua fidelidade estava sendo provado duramente em sua fé, não somente pela invasão dos assírios, quanto por uma grave enfermidade, da qual lhe foi dito pelo Senhor, pelo seu profeta, que resultaria na sua morte.

E pela fé ele pôde vencer não somente os assírios, como também a enfermidade, porque argumentou com o Senhor baseado na grande fidelidade que vinha tendo para com Ele, e se firmou nas Suas promessas, em recompensar a obediência aos Seus mandamentos, conforme consta na Sua Palavra, como em Lev 26.3-12, por exemplo.

Ao que tudo indica a palavra que o Senhor deu a Ezequias, através de Isaías, que ele morreria, era realmente para provar a fé dele, assim como havia feito com Abraão, em relação a

Isaque no passado, porque Manassés, seu filho, que viria a sucedê-lo, tinha apenas 12 anos quando subiu ao trono (II Crôn 33.1), e assim, ele foi gerado por Ezequias 3 anos depois de ter sido curado pelo Senhor da sua grave enfermidade.

E como poderia o trono de Davi ficar sem sucessor, caso ele tivesse morrido antes de ter gerado Manassés?

Como Josias seria gerado caso viesse a falhar a sucessão da linhagem de Davi ao trono, depois de Ezequias?

Entretanto, poderoso era o Senhor para gerar um filho a Manassés mesmo no período em que se encontrava enfermo, e assim, tudo isto não passa apenas de cogitações, porque não há impossíveis para Deus.

É interessante observar que mesmo tendo o Senhor prometido uma cura miraculosa a Ezequias, o profeta Isaías ordenou que se fizesse uma pasta de figos para ser colocada sobre o local da enfermidade (v. 7), porque com isto a úlcera seria curada.

Certamente isto tinha em vista colocar à prova a obediência de Ezequias ao profeta, e para auxiliá-lo na sua fé de que seria de fato curado, tal como Jesus havia feito com o lodo que aplicou aos olhos do cego, de modo que não houvesse dúvida no coração do rei, que deveria estar dividido em razão de o mesmo profeta ter-lhe dito antes que o Senhor afirmara que ele morreria daquela enfermidade.

E tão dividido ele ainda se encontrava entre os pensamentos sobre uma possível morte e uma possível cura, que ele pediu ao profeta um sinal de que seria de fato curado.

E este lhe propôs então algo sobrenatural, que somente o Senhor poderia fazer, a saber, que ele escolhesse entre o avançar ou o retroceder da sombra do relógio solar em 10 graus.

Como o avançar é o movimento natural, ainda que o avanço súbito de 10 graus num só instante somente poderia ser efetuado pelo poder sobrenatural do Senhor, governante do universo, então ele pediu que a sombra retrocedesse, em vez de avançar, e isto sucedeu quando Isaías orou pedindo que o

Senhor o fizesse como sinal de que o rei seria curado (v. 8 a 11).
Naquela época Babilônia se encontrava debaixo do poder da Assíria (17.24), mas o rei de Babilônia sabendo que Ezequias se encontrava enfermo, enviou-lhe uma embaixada portando cartas e um presente (v. 12), e Ezequias lhes mostrou tudo o que havia em Jerusalém, sem saber que aquilo serviria para despertar a cobiça deles no futuro, em face das grandes riquezas que viram sobretudo no palácio real.
E o Senhor disse a Ezequias, através do profeta Isaías o que os babilônios viriam a fazer em Judá, não somente saqueando os tesouros que Ezequias havia juntado, como também levariam cativos os seus descendentes para Babilônia.
Não podemos pesar os motivos de Ezequias e com que tom ele disse a Isaías que boas eram aquelas palavras que o Senhor pronunciara através dele, porque todo este mal não ocorreria em seus dias.
Entretanto, não podemos afirmar que houve qualquer ironia nelas em face da piedade do rei, e a honra que devotava ao Senhor e ao Seu profeta.
Elas podem sim, ter expressado o seu alívio quando soube que aquele grande mal não ocorreria enquanto estivesse vivendo.

“1 Por aquele tempo Ezequias ficou doente, à morte. O profeta Isaías, filho de Amoz, veio ter com ele, e lhe disse: Assim diz, o Senhor: Põe em ordem a tua casa porque morrerás, e não viverás.
2 Então o rei virou o rosto para a parede, e orou ao Senhor, dizendo:
3 Lembra-te agora, ó Senhor, te peço, de como tenho andado diante de ti com fidelidade e integridade de coração, e tenho feito o que era reto aos teus olhos. E Ezequias chorou muitíssimo.
4 E sucedeu que, não havendo Isaías ainda saído do meio do pátio, veio a ele a palavra do Senhor, dizendo:

5 Volta, e dize a Ezequias, príncipe do meu povo: Assim diz o Senhor Deus de teu pai Davi: Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas. Eis que eu te sararei; ao terceiro dia subirás à casa do Senhor.
6 Acrescentarei aos teus dias quinze anos; e das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade; e defenderei esta cidade por amor de mim, e por amor do meu servo Davi.
7 Disse mais Isaías: Tomai uma pasta de figos e ponde-a sobre a úlcera; e ele sarará.
8 Perguntou, pois, Ezequias a Isaías: Qual é o sinal de que o Senhor me sarará, e de que ao terceiro dia subirei à casa do Senhor?
9 Respondeu Isaías: Isto te será sinal, da parte do Senhor, de que o Senhor cumprirá a palavra que disse: Adiantar-se-á a sombra dez graus, ou voltará dez graus atrás?
10 Então disse Ezequias: É fácil que a sombra decline dez graus; não seja assim, antes volte a sombra dez graus atrás.
11 Então o profeta Isaías clamou ao Senhor, que fez voltar a sombra dez graus atrás, pelos graus que já tinha declinado no relógio de sol de Acaz.
12 Naquele tempo Merodaque-Baladã, filho de Baladã, rei de Babilônia, enviou cartas e um presente a Ezequias, porque ouvira que Ezequias tinha estado doente.
13 E Ezequias deu audiência aos mensageiros, e lhes mostrou toda a casa de seu tesouro, a prata e o ouro, as especiarias e os melhores unguentos, a sua casa de armas e tudo quanto havia nos seus tesouros; coisa nenhuma houve que lhes não mostrasse, nem em sua casa, nem em todo o seu domínio.
14 Então o profeta Isaías veio ao rei Ezequias, e lhe perguntou: Que disseram aqueles homens, e donde vieram a ti? Respondeu Ezequias: Vieram de um país mui remoto, de Babilônia.
15 E disse ele: Que viram em tua casa? E disse Ezequias: Viram tudo quanto há em minha casa; não há coisa nenhuma nos meus tesouros que eu não lhes mostrasse.
16 Então disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra do Senhor:

17 Eis que vêm dias em que será levado para a Babilônia tudo quanto houver em minha casa, bem como o que os teus pais entesouraram até o dia de hoje; não ficará coisa alguma, diz o Senhor.
18 E até mesmo alguns de teus filhos, que procederem de ti, e que tu gerares, levarão; e eles serão eunucos no paço do rei de Babilônia.
19 Então disse Ezequias a Isaías: Boa é a palavra do Senhor que disseste. Disse mais: Pois não é assim, se em meus dias vai haver paz e segurança?
20 Ora, o restante dos atos de Ezequias, e todo o seu poder, e como fez a piscina e o aqueduto, e como fez vir a água para a cidade, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
21 E Ezequias dormiu com seus pais. E Manassés, seu filho, reinou em seu lugar." (II Rs 20.1-21).

II Reis 21

Permanecer no Pecado Para que a Graça Seja Mais Abundante?

Em II Crôn 33.10-19 nós temos o relato da conversão do rei Manassés, depois de ter sido preso pelos assírios e deportado para Babilônia, porque no seu exílio se humilhou diante do Senhor, e se arrependeu dos seus pecados, especialmente de todo o mal que fizera a Judá, por ter reintroduzido a idolatria que seu pai Ezequias havia erradicado em seus dias.
É bem provável que as condições de prosperidade e de paz do reino que ele experimentou até os 12 anos, enquanto seu pai vivia, somadas à aflição do seu cativeiro em Babilônia, devem ter contribuído muito para o seu arrependimento.
Nós não sabemos explicar porque alguns homens como Davi, Ezequias e Josias, por exemplo, perseveram em seguir ao Senhor todos os dias das suas vidas; e porque outros se permitem desviar no fim dos seus dias como foi o caso de Salomão, Joás e Uzias, e ainda de outros, que apesar do bom testemunho de seus pais, como foi o caso de Manassés, não seguem logo os seus passos, e atraídos pelo mundo e governados pelos desejos da carne, adiam por muito tempo a decisão de consagrarem suas vidas a Deus.
Então, nós encontramos este período de densas trevas na história de Judá, porque o filho de um rei piedoso não se dispôs a seguir o exemplo que fora deixado pelo seu pai, e se entregou à prática de todo tipo de abominações aos olhos do Senhor, como por exemplo a adoração do deus Moloque, tendo inclusive oferecido seus filhos em holocausto a ele (II Rs 21.6), e recorreu também aos adivinhos e feiticeiros, e como se isto fosse pouco, ainda profanou o templo do Senhor colocando nele altares para sacrificar a outros deuses e uma Aserá (II Rs 21.4,5 e 7).

E foi por causa desta profanação do templo, consentida pelos judeus, que o Senhor decretou o seu cativeiro (v. 14), assim como pelos crimes contra inocentes que Manassés praticara (24.3,4).
Deus enviaria os judeus ao cativeiro porque sabia que a idolatria e a injustiça estava no coração deles, porque senão, em caso contrário teriam resistido ao que Manassés estava fazendo.
E os atos de Manassés colocaram à prova o que estava de fato no coração deles, mesmo quando se encontravam sob Ezequias, e ao que parece, haviam se rendido às suas reformas por obrigação, mas não com um coração voluntário, e pronto para servir ao Senhor, por amarem de fato a Sua vontade e Palavra.
E isto se confirma no verso 15, onde o Senhor diz qual era a causa do cativeiro que Ele havia sentenciado no verso anterior (14):
"porquanto fizeram o que era mau aos meus olhos, e me provocaram à ira, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje." (II Rs 21.15).
Isto é, na verdade foi por amor aos patriarcas que o Senhor os suportou por todo aquele tempo, desde a saída do Egito, porque nunca o amaram a ponto de fazerem toda a Sua vontade, revelando ao mundo, que era um povo justo e santo, por guardarem os mandamentos do Seu Deus.
Como seguiram os passos de Manasses, é dito no verso 16 que ele havia derramado muito sangue inocente, isto é, eles pagaram o preço por terem confirmado no trono as injustiças de um rei injusto, que certamente se voltaria contra eles, não julgando com justiça, sentenciando à morte quem não era merecedor disto segundo a Lei.
Esta desordem social produziu as condições favoráveis para que a iniquidade se multiplicasse em Judá nos dias de Manassés, de forma que lemos o seguinte em II Crôn 33.9:
"Manassés tanto fez errar a Judá e aos moradores de Jerusalém, que eles fizeram o mal, ainda mais do que as

nações que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel.” (II Crôn 33.9).
Por isso, devemos ter muito cuidado quando pregarmos ou ensinarmos sobre o perdão de Deus, tomando a vida de Manassés como exemplo, pelo fato dele ter se convertido próximo ao final do seu longo reinado de injustiças de 55 anos.
Por que qual é a honra que estaremos dando ao Senhor enfatizando a disponibilidade do Seu perdão para quem viveu de modo tão contrário à Sua vontade e que serviu grandemente ao Inimigo na destruição de tantas vidas?
Que isto não sirva portanto de incentivo, ainda que indiretamente, para dizer que as pessoas podem permanecer nos seus pecados e adiarem o mais possível a sua conversão, porque estamos afinal diante de um Deus perdoador.
Longe de nós tal atitude, por que como poderia o Senhor aprovar um tal pensamento?
Isto equivale a fazer aquilo que Paulo condena com uma pergunta que traz a resposta em si mesma: “permaneceremos no pecado para que a graça seja mais abundante?”.
Ainda que permaneça verdadeiro que Deus pode perdoar os piores pecadores, no entanto, não traz nenhuma glória ao Seu nome que alguém viva a transgredir deliberadamente a Sua vontade, por abusar da Sua graça e do Seu perdão.
Os que agem deste modo correm um grande risco, que somente os insensatos ousam experimentar.
É preciso lembrar que Jesus não condenou aquela mulher adúltera, em face do arrependimento demonstrado por ela, mas também lhe disse que não pecasse mais dali em diante.
Ele também disse para aquele paralítico que curou junto ao tanque de Betesda, que não pecasse mais, para que não lhe sucedesse algo pior.
E é o próprio Jesus quem nos ensinou também que se um demônio é expulso de alguém, que permanece escravizado ao pecado, esta pessoa virá a ser possuída por sete espíritos

malignos piores ainda do que o primeiro, caso não se consagre a Deus.

Muitas outras passagens bíblicas poderiam ser citadas para que entendamos que não podemos confundir o perdão do Senhor aos nossos pecados como um indulto para que continuemos pecando, ou pensarmos que o fato de adiarmos a nossa conversão possa de alguma forma Lhe trazer qualquer tipo de glória, honra ou agrado.

Longe de nós tal pensamento.

A loucura e insensatez de Manassés, ainda que ele tivesse se convertido, veio a influenciar o seu filho Amom, e nisto se demonstra uma grande outra desvantagem em se viver no pecado.

Amom, que passou a reinar depois da morte de Manassés, seguiu os passos do seu pai, não no que se referia ao bem, mas ao mal que havia aprendido com ele no seu período de transgressor voluntário da vontade do Senhor.

E assim ele tornou a reedificar os altares que Manassés havia destruído depois que se converteu ao Senhor (II Rs 21.20 a 22).

Ele tinha somente 22 anos quando começou a reinar, e como se vislumbrava nele o mesmo caminho de injustiças de Manassés, os seus próprios servos o mataram em sua casa, e com isto ele reinou somente dois anos (II Rs 21. 23).

Josias, filho de Amom era muito menino quando mataram seu pai, mas ele foi conduzido ao trono quando era ainda uma criança, como veremos no capítulo seguinte (v. 24, 26), afastado o risco de ser extinta a descendência de Davi por um possível assassinato dele por parte daqueles que mataram Amom com a possível intenção de se apoderarem do trono, porque o povo de Judá não somente preservou a vida de Josias, como também mataram aqueles que haviam assassinado o seu pai (v. 24).

“1 Manassés tinha doze anos quando começou a reinar, e reinou cinquenta e cinco anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Hefzibá.
2 E fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme as abominações das nações que o Senhor desterrara de diante dos filhos de Israel.
3 Porque tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, tinha destruído, e levantou altares a Baal, e fez uma Asera como a que fizera Acabe, rei de Israel, e adorou a todo o exército do céu, e os serviu.
4 E edificou altares na casa do Senhor, da qual o Senhor tinha dito: Em Jerusalém porei o meu nome.
5 Também edificou altares a todo o exército do céu em ambos os átrios da casa do Senhor.
6 E até fez passar seu filho pelo fogo, e usou de augúrios e de encantamentos, e instituiu adivinhos e feiticeiros; fez muito mal aos olhos do Senhor, provocando-o à ira.
7 Também pôs a imagem esculpida de Asera, que tinha feito, na casa de que o Senhor dissera a Davi e a Salomão, seu filho: Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi dentre todas as tribos de Israel, porei o meu nome para sempre;
8 e não mais farei andar errante o pé de Israel desta terra que tenho dado a seus pais, contanto que somente tenham cuidado de fazer conforme tudo o que lhes tenho ordenado, e conforme toda a lei que Moisés, meu servo, lhes ordenou.
9 Eles, porém, não ouviram; porque Manassés de tal modo os fez errar, que fizeram pior do que as nações que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel.
10 Então o Senhor falou por intermédio de seus servos os profetas, dizendo:
11 Porquanto Manassés, rei de Judá, cometeu estas abominações, fazendo pior do que tudo quanto fizeram os amorreus, que foram antes dele, e com os seus ídolos fez Judá também pecar;

12 por isso assim diz o Senhor Deus de Israel: Eis que trago tais males sobre Jerusalém e Judá, que a qualquer que deles ouvir lhe ficarão retinindo ambos os ouvidos.
13 Estenderei sobre Jerusalém o cordel de Samaria e o prumo da casa de Acabe; e limparei Jerusalém como quem limpa a escudela, limpando-a e virando-a sobre a sua face.
14 Desampararei os restantes da minha herança, e os entregarei na mão de seus inimigos. tornar-se-ão presa e despojo para todos os seus inimigos;
15 porquanto fizeram o que era mau aos meus olhos, e me provocaram à ira, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje.
16 Além disso, Manassés derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu Jerusalém de um a outro extremo, afora o seu pecado com que fez Judá pecar fazendo o que era mau aos olhos do Senhor.
17 Quanto ao restante dos atos de Manassés, e a tudo quanto fez, e ao pecado que cometeu, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
18 E Manassés dormiu com seus pais, e foi sepultado no jardim da sua casa, no jardim de Uzá. E Amom, seu filho, reinou em seu lugar.
19 Amom tinha vinte e dois anos quando começou a reinar, e reinou dois anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Mesulemete, filha de Haniz, de Jotba.
20 Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, como fizera Manassés, seu pai;
21 e andou em todo o caminho em que seu pai andara, e serviu os ídolos que ele tinha servido, e os adorou.
22 Assim deixou o Senhor, Deus de seus pais, e não andou no caminho do Senhor.
23 E os servos de Amom conspiraram contra ele, e o mataram em sua casa.
24 O povo da terra, porém, matou a todos os que conspiraram contra o rei Amom, e constituiu Josias, seu filho, rei em seu lugar.

25 Quanto ao restante dos atos de Amom, porventura não está escrito no livro das crônicas dos reis de Judá?
26 E o puseram na sua sepultura, no jardim de Uzá. E Josias, seu filho, reinou em seu lugar." (II Rs 21.1-26).

II Reis 22

A Piedade do Rei Josias

Quando Jeroboão I instituiu o culto aos bezerros de ouro em Israel, logo no início da divisão do reino de Israel em Reino do Norte e Reino do Sul, o nome de Josias havia sido anunciado pelo profeta que Deus havia enviado a Jeroboão, para protestar contra o culto idolátrico que ele havia introduzido em Israel.

O Reino do Norte já havia sido extinto quando Josias começou a reinar, então aquela profecia tinha mais a ver com o prenúncio da piedade deste rei que o Senhor conhecera em Sua presciência, do que com um juízo localizado sobre a idolatria de Jeroboão.

Aquela profecia trazia então uma mensagem de condenação às vidas dos reis ímpios de Israel, aos seus sacerdotes idólatras, aos príncipes e todo o povo de Israel, que sempre cultuariam os bezerros de ouro, desde os dias de Jeroboão I, até o dia em que Israel seria extinto pela sua expulsão da terra pela Assíria, através da vida piedosa daquele rei que se levantaria no futuro em Judá, e que revelaria qual era o modo que os reis de Israel, seus sacerdotes, príncipes e o próprio povo deveriam ter vivido na presença de Deus, conforme a obrigação que tinham para com Ele, em razão da aliança que havia feito com os israelitas desde os dias de Moisés.

Nesta altura do nosso comentário nós lembramos das palavras proferidas pelo profeta Samuel ao rei Saul quanto este desobedecendo a ordem do Senhor poupou o rei Agague dos amalequitas, e os animais do seu rebanho sob o pretexto de que pretendia oferecê-los como sacrifício a Deus:

“Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua Palavra?” (I Sm 15.22 a).

Realmente este é o único modo de se servir e agradar ao Senhor, a saber, honrar e cumprir a Sua Palavra.

E foi isto que o rei Josias se dispôs a fazer quando o livro da lei foi achado no templo pelo sacerdote Hilquias, conforme se vê no capítulo seguinte a este 22º de II reis, que estamos comentando.

Por que havia tantos altares espalhados em todas as nações, como também em Israel e Judá?

Por que eram oferecidos tantos sacrifícios e tanto incenso era queimado nestes altares?

Não era porque eles queriam alcançar o favor dos seus deuses?

Sim, não há dúvida. Eram dias de muitas guerras, muitas enfermidades e poucos recursos médicos, e não eram raras as mortes por simples infecções.

Então tudo isto chamava a necessidade da proteção de um ser superior, de uma divindade à qual se pudesse recorrer, não somente na hora da necessidade, mas em todo o tempo para se prevenir do mal.

Mas por que os israelitas faziam isto sabendo que o Senhor o havia proibido expressamente na Lei de Moisés e mostrava o Seu desagrado pelas palavras dos profetas e de todos os juízos que trazia sobre eles?

Simplesmente porque lhes era mais cômodo seguir os costumes das nações pagãs e continuarem fazendo a própria vontade pecaminosa e supersticiosa deles, do que se submeterem aos mandamentos e à vontade do Senhor.

Quando lemos os textos bíblicos sobre a necessidade de se guardar a Palavra de Deus, é que nós podemos entender melhor de que espírito estava imbuído o rei Josias.

Ele queria agradar ao Senhor completamente, e percebeu que havia somente um modo de fazê-lo: por uma estrita obediência aos Seus mandamentos.

Por um desejo intenso de guardá-los em todas as suas minúcias, sabendo que eles expressam a vontade do Deus Altíssimo para todos os Seus filhos.

Não faz justiça à piedade de Josias pensar que ele se dispôs a guardar a Palavra de Deus somente porque temeu os juízos que estavam proferidos na Lei de Moisés sobre o pecado que Deus traria sobre os judeus por terem transgredido os Seus mandamentos, e em razão das ameaças dos castigos previstos na Lei.
Obviamente que tais juízos encheram de temor o Seu coração, mas foi por um genuíno amor à vontade do Senhor revelada na Sua Palavra, que ele se dispôs completamente a praticá-la.
Pelo testemunho das Escrituras, Deus demonstrou a impossibilidade de ser o Deus de uma aliança eterna com todas as pessoas, sem exceção, de um povo formado pelo processo da descendência natural como era o caso de Israel, levando-se em conta a necessidade de santificação pela Sua Palavra e por o amor à Sua Palavra, porque ficou mais do que comprovado que a maioria dos israelitas não amavam ao Senhor.
Então aquela antiga dispensação deveria ser substituída por uma nova, e aquela antiga aliança também deveria ser substituída por uma outra aliança, através da qual Deus não aceitaria a ninguém mais como sendo parte do Seu povo, que não tivesse nascido de novo do Espírito Santo.
E esta é a diferença da palavra de salvação do evangelho em relação à antiga dispensação.
Isto é algo maravilhoso e realmente extraordinário porque apesar de qualquer pessoa ignorante ou não, pobre ou não, muito pecadora ou não, enfim estando ela em qualquer condição pode ter a esperança de vir a fazer parte do povo de Deus pela fé em Jesus, que lhe justificará e trará a regeneração e santificação do Espírito Santo.
Este é o único modo de Deus poder formar um povo com o qual possa estar aliançado numa aliança eterna na condição de Pai com Seus filhos.
Mas isto não exclui a necessidade de se guardar os Seus mandamentos, porque apesar de estarem seguros agora na

aliança que têm com Ele, por meio da fé em Cristo, no entanto necessitam ser purificados pela Palavra na preparação para aquela vida de completa santidade que terão no céu.
É por isso que nós vemos que tendo sido atestada a necessidade desta Nova Aliança em Cristo para a formação do povo de Deus, que especialmente nos dias em que tanto Israel quanto Judá estavam prestes para serem expulsos da terra da promessa, que as profecias apontavam muito mais para o Messias e para o futuro do seu reino glorioso do que propriamente para uma chamada dos israelitas a abandonarem os seus pecados e se converterem a Deus.
Na verdade, o Senhor sabia que estas chamadas ao arrependimento não encontrariam eco na maior parte deles, mas seriam muito necessárias para preservar um remanescente fiel quando do retorno do cativeiro em Babilônia, para que pudesse reorganizar a vida religiosa de Israel, de maneira a poder trazer o Messias ao mundo, para a inauguração de uma Nova Aliança.
Então a Palavra do evangelho tem esta característica de se chamar a todos em toda parte a se converterem de seus pecados, para serem transformados em filhos de Deus, de modo que possam ser contados como integrantes do Seu povo.
Para o cumprimento deste propósito, todas as barreiras de separação impostas pela Antiga Aliança que faziam distinção entre Israel e as nações pagãs caíram por terra, para que todos possam se aproximar de Deus, em inteira certeza de fé, sabendo que serão aceitos como Seus filhos, por causa da obra que Jesus realizou em favor deles, pagando o preço de todos os seus pecados na cruz, e derramando o Espírito Santo em seus corações, para que possam conhecer a Deus em espírito.
Assim faz sentido completamente o fato de o Senhor ter determinado o cativeiro de Judá, mesmo nos dias em que Josias empreendia suas reformas religiosas, e de estar se agradando tanto da vida deste rei piedoso.

Isto se entende porque importava intensificar as ações para se trazer Jesus ao mundo, para ser o Salvador de todas as nações.

Na Antiga Aliança, em razão do seu caráter, sempre se levantariam pessoas como Acaz, Manassés, Amom, todos os reis ímpios do Reino do Norte, e o povo não seria muito diferente deles, então como sempre foi do propósito do Senhor, desde antes da criação do mundo, o Seu coração ardia para inaugurar a Nova Aliança, da qual Ele deu testemunho pelos profetas.

Assim, é muito instrutivo ver que a determinação de que Judá seria levado em cativeiro não foi pronunciada enquanto reinava um rei ímpio, mas justamente o piedoso Josias, para que se visse que para se ter filhos como este rei, e somente filhos como ele, que amassem o Senhor de todo o coração e alma, isto seria possível senão por uma obra de transformação nos corações dos pecadores, operada pelo Espírito Santo.

“26 Todavia o Senhor não se demoveu do ardor da sua grande ira, com que ardia contra Judá por causa de todas as provocações com que Manassés o provocara.

27 E disse o Senhor: Também a Judá hei de remover de diante da minha face, como removi a Israel, e rejeitarei esta cidade de Jerusalém que elegi, como também a casa da qual eu disse: Estará ali o meu nome.” (II Rs 23.26,27).

E quando Josias se humilhou perante o Senhor, por ter visto todos os juízos que Ele traria também sobre Judá, como já havia trazido sobre o Reino do Norte (Israel), conforme havia lido no livro da lei, ele pediu que o Senhor fosse consultado, e para isto foi convocada a profetiza Hulda, e vale a pena ler a resposta que o Senhor lhe deu através dela, conforme lemos na parte final deste capítulo, em II Reis 22.15-20.

“1 Josias tinha oito anos quando começou a reinar, e reinou trinta e um anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Jedida, filha de Adaías, de Bozcate.

2 Ele fez o que era reto aos olhos do Senhor; e andou em todo o caminho de Davi, seu pai, não se apartando dele nem para a direita nem para a esquerda.
3 No ano décimo oitavo do rei Josias, o rei mandou o escrivão Safã, filho de Azalias, filho de Mesulão, à casa do Senhor, dizendo-lhe:
4 Sobe a Hilquias, o sumo sacerdote, para que faça a soma do dinheiro que se tem trazido para a casa do Senhor, o qual os guardas da entrada têm recebido do povo;
5 e que só entreguem na mão dos mestres de obra que estão encarregados da casa do Senhor; e que estes o dêem aos que fazem a obra, aos que estão na casa do Senhor para repararem os estragos da casa,
6 aos carpinteiros, aos edificadores, e aos pedreiros. e que comprem madeira e pedras lavradas, a fim de repararem a casa.
7 Contudo não se tomava conta a eles do dinheiro que se lhes entregava nas mãos, porquanto se haviam com fidelidade.
8 Então disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o livro da lei na casa do Senhor. E Hilquias entregou o livro a Safã, e ele o leu.
9 Depois o escrivão Safã veio ter com o rei e, dando ao rei o relatório, disse: Teus servos despejaram o dinheiro que se achou na casa, e o entregaram na mão dos mestres de obra que estão encarregados da casa do Senhor.
10 Safã, o escrivão, falou ainda ao rei, dizendo: O sacerdote Hilquias me entregou um livro. E Safã o leu diante do rei.
11 E sucedeu que, tendo o rei ouvido as palavras do livro da lei, rasgou as suas vestes.
12 Então o rei deu ordem a Hilquias, o sacerdote, a Aicão, filho de Safã, a Acbor, filho de Micaías, a Safã, o escrivão, e Asaías, servo do rei, dizendo:
13 Ide, consultai ao Senhor por mim, e pelo povo, e por todo o Judá, acerca das palavras deste livro que se achou; porque grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós, porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste

livro, para fazerem conforme tudo quanto acerca de nós está escrito.
14 Então o sacerdote Hilquias, e Aicão, e Acbor, e Safã, e Asaías foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Salum, filho de Ticvá, filho de Harás, o guarda das vestiduras (ela habitava então em Jerusalém, na segunda parte), e lhe falaram.
15 E ela lhes respondeu: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim:
16 Assim diz o Senhor: Eis que trarei males sobre este lugar e sobre os seus habitantes, conforme todas as palavras do livro que o rei de Judá leu.
17 Porquanto me deixaram, e queimaram incenso a outros deuses, para me provocarem à ira por todas as obras das suas mãos, o meu furor se acendeu contra este lugar, e não se apagará.
18 Todavia ao rei de Judá, que vos enviou para consultar ao Senhor, assim lhe direis: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Quanto às palavras que ouviste,
19 porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante o Senhor, quando ouviste o que falei contra este lugar, e contra os seus habitantes, isto é, que se haviam de tornar em assolação e em maldição, e rasgaste as tuas vestes, e choraste perante mim, também eu te ouvi, diz o Senhor.
20 Pelo que eu te recolherei a teus pais, e tu serás recolhido em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão todo o mal que hei de trazer sobre este lugar. Então voltaram, levando a resposta ao rei." (II Rs 22.1-20).

II Reis 23

A Reforma Religiosa de Josias

Nós podemos ver neste capítulo 23º de II Reis quantas abominações havia em Judá, quando o rei Josias começou a destruí-las; e ao mesmo tempo, o quanto os judeus estavam negligenciando as ordenanças da Lei de Moisés, como por exemplo o terem deixado de celebrar a páscoa; da qual se diz no verso 22 que não vinha sendo celebrada desde os dias dos Juízes.

O fato de Deus ter suportado por tanto tempo as transgressões da sua Lei pelos israelitas, a par dos juízos que trouxe sobre eles por causa destas transgressões, demonstra quão grandes são realmente a Sua misericórdia e longanimidade, pois não estamos falando de dias, mas de séculos, porque desde Moisés até Josias, nós temos cerca de 800 anos.

E deve ser considerado que, a par de que eles seriam levados para o cativeiro, e até mesmo de terem ficado sem profetas durante os 400 anos do período interbíblico, e ainda, depois de terem sido espalhados pelo mundo após 70 d. C., Deus não havia rejeitado definitivamente os judeus, conforme é afirmado pelo apóstolo Paulo no 11º capítulo da epístola aos Romanos (v. 1 a 6); e nos versículos 11 e 12 deste mesmo capitulo, ele expõe que o motivo de os israelitas terem tropeçado já havia sido previsto por Deus, de maneira a poder se voltar também para os gentios, mas não deixando a Israel de lado, porque foi este povo que Ele havia plantado para trazer através dele a salvação a todo o mundo.

Como poderia então o Senhor rejeitar definitivamente a quem havia formado e elegido para tão grande vocação de ser bênção para o mundo?

E sem qualquer outra consideração somente o fato de termos recebido através deles as Escrituras já justifica a importância desta nação para Deus.
Por isso, a salvação em Cristo sempre permanecerá aberta para eles, e até mesmo com prioridade, conforme o próprio Deus estabeleceu no princípio da pregação do evangelho, porque o mundo tem uma dívida para com os judeus, e não admira portanto que esta porta para a salvação esteja aberta para eles para serem enxertados de novo na oliveira santa e na videira verdadeira que é o Senhor Jesus (Rom 11.23), da qual, na verdade, eles nunca teriam sido cortados se permanecessem na fidelidade que é devida ao Senhor.
Eles foram cortados porque eles próprios ficaram endurecidos a tão grande salvação que foi oferecida a eles em primeiro lugar, tanto pelo Senhor Jesus quanto pelos Seus apóstolos, e não por qualquer prazer da parte de Deus em cortá-los.
Então nós só podemos entender que o brasume da ira do Senhor, demonstrado contra os judeus nos dias de Josias, mesmo em meio às reformas que aquele rei estava empreendendo, tinha a ver com a visitação dos pecados deles para serem purificados da sua idolatria, como efetivamente o foram depois de terem sido levados cativos para Babilônia, porque os que retornaram de Babilônia para Jerusalém 70 anos depois do cativeiro, podem ser chamados de fato de judeus novos, porque demonstravam agora um grande apreço pela Palavra do Senhor e haviam sido curados definitivamente do pecado da idolatria, que era tão comum nos dias dos Juízes e dos Reis de Israel.
Como nós veremos no final deste mesmo capitulo 23º, e nos capítulos seguintes, apesar de todo o grande esforço do rei Josias para fazer cumprir a Lei de Moisés em Judá, a ponto de se dizer no verso 25 que não houve antes nem depois dele nenhum rei em Judá, que se dispusesse a guardar toda a Lei como ele o fizera, os reis que se levantariam depois dele

voltariam a desviar o povo da prática da Lei e reintroduziriam a adoração a outros deuses em Judá.
De sorte que a afirmação que se lê nos versos 26 e 27 de que o Senhor, apesar de toda a fidelidade de Josias, não se demoveu do ardor da Sua grande ira, com que ardia contra Judá, e que o levara a decidir por expulsá-los da terra, tanto como fizera ao reino de Israel, não significava que não estivesse se agradando das coisas que Josias, e muitos do povo estavam fazendo para obedecer a Sua Palavra, mas que não seria isto que suspenderia os juízos previstos na Lei, quanto a serem expulsos da terra, porque na Sua presciência o Senhor sabia que sempre continuariam idolatrando, e somente seriam convencidos de que foi a idolatria deles a causa do Seu desagrado e juízos, quando fossem conduzidos para o cativeiro, onde aprenderiam definitivamente que é uma vida reta com Deus que livra do mal, e não altares, templos etc, porque Ele permitiria que o próprio templo de Jerusalém fosse totalmente destruído e saqueado pelos babilônios.
E foi por isso que antes de fazê-lo, Ele lhos anunciou pelos profetas, dizendo que não somente rejeitaria ao Seu povo como ao Seu próprio templo, que ele mandara edificar nos dias de Salomão.
Cabe destacar que Josias deu cabal cumprimento à profecia que fora dada a Jeroboão I em seus dias, do que ele viria a fazer contra o altar do bezerro de ouro que se encontrava em Betel (v. 15, 16).
E nós lemos no verso 24 que tudo o que Josias estava fazendo em Judá, especialmente na purificação das abominações que eram praticadas pelos judeus, ele o fizera para dar cumprimento ao que estava contido na Lei de Moisés.
Ele estava agindo então pelo motivo certo, isto é, para honrar a Palavra do Senhor.
E ele somente não o fizera antes, porque o original do texto que havia sido escrito pelo próprio Moisés foi achado pelo sacerdote Hilquias, quando estavam sendo realizadas obras

de restauração do templo, no 18º ano do seu reinado (22.3), e tal foi a impressão que a leitura do livro causou a Josias, especialmente os juízos que Deus havia prometido trazer sobre Israel no caso da transgressão dos mandamentos contidos no livro, que Josias rasgou as suas vestes (22.11).

Foi nos dias de Josias que o Senhor começaria a enfraquecer o poder da Assíria, e apesar de ter separado Babilônia para ser a espada do Seu juízo sobre as nações, e especialmente sobre a própria Assíria, outros reinos foram despertados para guerrearem contra os assírios, como por exemplo o Egito, com Faraó-Neco.

Não sabendo dos planos do Senhor, Josias subiu contra Faraó-Neco, quando este subia contra o rei da Assíria, e este veio a matar Josias em Megido (v.29).

Umas poucas coisas devem ser consideradas nesta morte de Josias:

Primeiramente, ela não foi motivada por um juízo de Deus devido a uma possível apostasia deste rei, porque o próprio Senhor disse dele como promessa que ele desceria em paz à sua sepultura, fazendo com que não provasse o mal que Ele traria sobre Judá, para visitar os pecados deles (22.20).

Assim o Senhor estaria livrando Josias de ser submetido a um tratamento desonroso juntamente com a maior parte das pessoas da sua geração, que seria levada em cativeiro, não depois de passados muitos anos.

Em segundo lugar deve ser considerado que Faraó-Neco estava sendo usado pelo Senhor não somente para enfraquecer a Assíria, como também fora o seu instrumento escolhido para trazer juízos sobre o Seu próprio povo em Judá, antes de que estes fossem levados ao cativeiro da Babilônia. Assim, Josias errou em guerrear contra ele sem ter antes consultado ao Senhor.

E finalmente, a morte do próprio Josias seria um sinal da parte de Deus para os judeus do mal que viria sobre eles, porque se Ele não havia poupado o melhor deles o que não sucederia aos demais?

Certamente, Josias não teria o mesmo fim dos ímpios porque foi para um lugar de descanso na presença de Deus, mas para aqueles que pensavam que poderiam prosperar por causa de tudo aquilo que Josias havia feito em Judá, deveriam começar a mudar seus pensamentos e começarem a dar crédito às Palavras que Deus estava dirigindo a eles através dos Seus profetas como Jeremias, Habacuque, Miqueias, Sofonias, Oseias e Isaías de que não deveriam confiar que poderiam estar seguros, porque Deus não permitiria o desterro de Judá, porque o Seu templo estava em Jerusalém.

A medida da iniquidade do povo estava transbordando e o dia do juízo já havia sido determinado, e deveriam então dar crédito à mensagem dos profetas, porque o próprio rei Josias foi morto pelas mãos do rei do Egito, que seria o instrumento de juízos de Deus sobre Judá até que viesse o rei de Babilônia.

E isto começou a suceder ao próprio filho de Josias, Jeoacaz que tendo assumido o trono em seu lugar, reinou somente 3 meses, porque ele havia feito o que era mau perante o Senhor e Faraó-Neco mandou prendê-lo em Ribla e o levou consigo para o Egito, onde veio a morrer, e além de impor tributos a Judá, ele próprio constituiu o irmão de Jeocaz, Eliaquim como rei em seu lugar, e mudou o seu nome para Jeoaquim (v. 32 a 34).

E o povo começou a sentir o peso da servidão, porque, para poder pagar o tributo exigido pelo Egito, Jeoaquim cobrava de todos eles uma certa taxa para que pudesse pagar a quantia que lhe foi imposta por Faraó-Neco (v. 35).

Como isto sucederia a Judá se o Senhor não lhos entregasse nas mãos do inimigo?

Os juízos previstos na Lei de Moisés que Josias tentou evitar estavam sendo literalmente cumpridos, porque o Senhor havia prometido que o faria, e estava fazendo o que prometeu.

E como nós havíamos dito anteriormente, que Deus sabia em Sua presciência que Judá não se emendaria dos seus maus

caminhos enquanto estivesse na sua própria terra, Jeoaquim fez o que era mau aos olhos do Senhor durante os onze anos do seu reinado (v. 36, 37).

"1 Então o rei deu ordem, e todos os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram a ele.
2 Subiu o rei à casa do Senhor, e com ele todos os homens de Judá, todos os habitantes de Jerusalém, os sacerdotes, os profetas, e todo o povo, desde o menor até o maior; e leu aos ouvidos deles todas as palavras do livro do pacto, que fora encontrado na casa do Senhor.
3 Então o rei, pondo-se em pé junto à coluna, fez um pacto perante o Senhor, de andar com o Senhor, e guardar os seus mandamentos, os seus testemunhos e os seus estatutos, de todo o coração e de toda a alma, confirmando as palavras deste pacto, que estavam escritas naquele livro; e todo o povo esteve por este pacto.
4 Também o rei mandou ao sumo sacerdote Hilquias, e aos sacerdotes da segunda ordem, e aos guardas da entrada, que tirassem do templo do Senhor todos os vasos que tinham sido feitos para Baal, e para a Asera, e para todo o exército do céu; e os queimou fora de Jerusalém, nos campos de Cedrom, e levou as cinzas deles para Betel.
5 Destituiu os sacerdotes idólatras que os reis de Judá haviam constituído para queimarem incenso sobre os altos nas cidades de Judá, e ao redor de Jerusalém, como também os que queimavam incenso a Baal, ao sol, à lua, aos planetas, e a todo o exército do céu.
6 Tirou da casa do Senhor a Asera e, levando-a para fora de Jerusalém até o ribeiro de Cedrom, ali a queimou e a reduziu a pó, e lançou o pó sobre as sepulturas dos filhos do povo.
7 Derrubou as casas dos sodomitas que estavam na casa do Senhor, em que as mulheres teciam cortinas para a Asera.
8 Tirou das cidades de Judá todos os sacerdotes, e profanou os altos em que os sacerdotes queimavam incenso desde Geba até Berseba; e derrubou os altos que estavam às portas

junto à entrada da porta de Josué, o chefe da cidade, à esquerda daquele que entrava pela porta da cidade.
9 Todavia os sacerdotes dos altos não sacrificavam sobre o altar do Senhor em Jerusalém, porém comiam pães ázimos no meio de seus irmãos.
10 Profanou a Tofete, que está no vale dos filhos de Hinom, para que ninguém fosse passar seu filho ou sua filha pelo fogo a Moloque.
11 Tirou os cavalos que os reis de Judá tinham consagrado ao sol, à entrada da casa do Senhor, perto da câmara do camareiro Natã-Meleque, a qual estava no recinto; e os carros do sol queimou a fogo.
12 Também o rei derrubou os altares que estavam sobre o terraço do cenáculo de Acaz, os quais os reis de Judá tinham feito, como também os altares que Manassés fizera nos dois átrios da casa do
Senhor; e, tendo-os esmigalhado, os tirou dali e lançou o pó deles no ribeiro de Cedrom.
13 O rei profanou também os altos que estavam ao oriente de Jerusalém, à direita do Monte de Corrupção, os quais Salomão, rei de Israel, edificara a Astarote, abominação dos sidônios, a Quemós, abominação dos moabitas, e a Milcom, abominação dos filhos de Amom.
14 Semelhantemente quebrou as colunas, e cortou os aserins, e encheu os seus lugares de ossos de homens.
15 Igualmente o altar que estava em Betel, e o alto feito por Jeroboão, filho de Nebate, que fizera Israel pecar, esse altar e o alto ele os derrubou; queimando o alto, reduziu-o a pó, e queimou a Asera.
16 E, virando-se Josias, viu as sepulturas que estavam ali no monte, e mandou tirar os ossos das sepulturas e os queimou sobre aquele altar, e assim o profanou, conforme a palavra do Senhor proclamada pelo homem de Deus que predissera estas coisas.
17 Então perguntou: Que monumento é este que vejo? Responderam-lhe os homens da cidade: É a sepultura do

homem de Deus que veio de Judá e predisse estas coisas que acabas de fazer contra este altar de Betel.
18 Ao que disse Josias: Deixai-o estar; ninguém mexa nos seus ossos. Deixaram estar, pois, os seus ossos juntamente com os do profeta que viera de Samaria.
19 Josias tirou também todas as casas dos altos que havia nas cidades de Samaria, e que os reis de Israel tinham feito para provocarem o Senhor à ira, e lhes fez conforme tudo o que havia feito em Betel.
20 E a todos os sacerdotes dos altos que encontrou ali, ele os matou sobre os respectivos altares, onde também queimou ossos de homens; depois voltou a Jerusalém.
21 Então o rei deu ordem a todo o povo dizendo: Celebrai a páscoa ao Senhor vosso Deus, como está escrito neste livro do pacto.
22 Pois não se celebrara tal páscoa desde os dias dos juízes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco nos dias dos reis de Judá.
23 Foi no décimo oitavo ano do rei Josias que esta páscoa foi celebrada ao Senhor em Jerusalém.
24 Além disso, os adivinhos, os feiticeiros, os terafins, os ídolos e todas abominações que se viam na terra de Judá e em Jerusalém, Josias os extirpou, para confirmar as palavras da lei, que estavam escritas no livro que o sacerdote Hilquias achara na casa do Senhor.
25 Ora, antes dele não houve rei que lhe fosse semelhante, que se convertesse ao Senhor de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés; e depois dele nunca se levantou outro semelhante.
26 Todavia o Senhor não se demoveu do ardor da sua grande ira, com que ardia contra Judá por causa de todas as provocações com que Manassés o provocara.
27 E disse o Senhor: Também a Judá hei de remover de diante da minha face, como removi a Israel, e rejeitarei esta cidade

de Jerusalém que elegi, como também a casa da qual eu disse: Estará ali o meu nome.
28 Ora, o restante dos atos de Josias, e tudo quanto fez, por ventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
29 Nos seus dias subiu Faraó-Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria, ao rio Eufrates. E o rei Josias lhe foi ao encontro; e Faraó-Neco o matou em Megido, logo que o viu.
30 De Megido os seus servos o levaram morto num carro, e o trouxeram a Jerusalém, onde o sepultaram no seu sepulcro. E o povo da terra tomou a Jeoacaz, filho de Josias, ungiram-no, e o fizeram rei em lugar de seu pai.
31 Jeoacaz tinha vinte e três anos quando começou a reinar, e reinou três meses em Jerusalém. O nome de sua mãe era Hamutal, filha de Jeremias, de Libna.
32 Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme tudo o que seus pais haviam feito.
33 Ora, Faraó-Neco mandou prendê-lo em Ribla, na terra de Hamate, para que não reinasse em Jerusalém; e à terra impôs o tributo de cem talentos de prata e um talento de ouro.
34 Também Faraó-Neco constituiu rei a Eliaquim, filho de Josias, em lugar de Josias, seu pai, e lhe mudou o nome em Jeoiaquim; porém levou consigo a Jeoacaz, que conduzido ao Egito, ali morreu.
35 E Jeoiaquim deu a Faraó a prata e o ouro; porém impôs à terra uma taxa, para fornecer esse dinheiro conforme o mandado de Faraó. Exigiu do povo da terra, de cada um segundo a sua avaliação, prata e ouro, para o dar a Faraó-Neco.
36 Jeoiaquim tinha vinte e cinco ano quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Zebida, filha de Pedaías, de Ruma.
37 Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme tudo o que seus pais haviam feito." (II Rs 23.1-37).

II Reis 24

Nabucodonosor Leva os Judeus para o Cativeiro

Nós vemos, logo no primeiro versículo deste capítulo 24º de II Reis, que Babilônia passou a ser o poder dominante nos dias do rei Jeoaquim (v. 7), que havia sido conduzido ao trono por Faraó-Neco, e que Jeoaquim havia se tornado tributário de Babilônia, somente durante três anos, porque se recusou continuar lhes pagando tributos, e isto veio a dar ocasião a que Deus despertasse contra ele e Judá não somente as tropas dos babilônios, como também dos sírios, dos moabitas e dos amonitas, que se encontravam sob o jugo de Babilônia, e certamente devem ter sido convocados por Nabucodonosor, rei de Babilônia, a subirem com ele contra Judá.

E nos versos 2 e 3 é dito expressamente que isto sucedeu por ordem do Senhor, para visitar os pecados de Judá.

Foi no terceiro ano do reinado de Jeoaquim que alguns príncipes de Judá, e parte da sua nobreza foram levados em cativeiro para Babilônia, e entre eles, encontrava-se o profeta Daniel (Dn 1.1-6), e isto sucedeu em 605 a. C.

Quando o rei Jeoaquim morreu, o seu filho Joaquim o sucedeu no trono (v. 6), e reinou apenas três meses, porque tanto como seu pai fez o que era mau aos olhos do Senhor (v.8, 9) e foi nos seus dias que Nabucodonor sitiou Jerusalém (v. 10, 11) e além de ter despojado os tesouro do templo e do palácio real, ele levou em cativeiro os demais príncipes de Judá, e todos os seus valentes de guerra, e todos os artífices e ferreiros, totalizando dez mil cativos, e foram deixados em Judá apenas os pobres.

Foi nesta segunda leva de cativos que o profeta Ezequiel foi para Babilônia, e isto ocorreu em 597 a. C. E foi no quinto ano

do cativeiro do rei Joaquim em Babilônia que ele começou a ter as visões de Deus (Ez 1.2).
No lugar do rei Joaquim Nabucodonosor colocou Zedequias, que era tio paterno de Joaquim (v. 17), e este viria a ser o último rei de Judá, porque foi em seus dias, depois de ter reinado 11 anos, que o restante de Judá foi levado em cativeiro para Babilônia, e isto ocorreu em 586 a . C.

"1 Nos seus dias subiu Nabucodonosor, rei de Babilônia, e Jeoiaquim ficou sendo seu servo por três anos; mas depois se rebelou contra ele.
2 Então o Senhor enviou contra Jeoiaquim tropas dos caldeus, tropas dos sírios, tropas dos moabitas e tropas dos filhos de Amom; e as enviou contra Judá, para o destruírem, conforme a palavra que o Senhor falara por intermédio de seus servos os profetas.
3 Foi, na verdade, por ordem do Senhor que isto veio sobre Judá para removê-lo de diante da sua face, por causa de todos os pecados cometidos por Manassés,
4 bem como por causa do sangue inocente que ele derramou; pois encheu Jerusalém de sangue inocente; e por isso o Senhor não quis perdoar.
5 Ora, o restante dos atos de Jeoiaquim, e tudo quanto fez, porventura não estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá?
6 Jeoiaquim dormiu com seus pais. E Joaquim, seu filho, reinou em seu lugar.
7 O rei do Egito nunca mais saiu da sua terra, porque o rei de Babilônia tinha tomado tudo quanto era do rei do Egito desde o rio do Egito até o rio Eufrates.
8 Tinha Joaquim dezoito anos quando começou a reinar e reinou três meses em Jerusalém. O nome de sua mãe era Neústa, filha de Elnatã, de Jerusalém.
9 Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme tudo o que seu pai tinha feito.

10 Naquele tempo os servos de Nabucodonosor, rei de Babilônia, subiram contra Jerusalém, e a cidade foi sitiada.
11 E Nabucodonosor, rei de Babilônia, chegou diante da cidade quando já os seus servos a estavam sitiando.
12 Então saiu Joaquim, rei de Judá, ao rei da Babilônia, ele, e sua mãe, e seus servos, e seus príncipes, e seus oficiais; e, no ano oitavo do seu reinado, o rei de Babilônia o levou preso.
13 E tirou dali todos os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei; e despedaçou todos os vasos de ouro que Salomão, rei de Israel, fizera no templo do Senhor, como o Senhor havia dito.
14 E transportou toda a Jerusalém, como também todos os príncipes e todos os homens valentes, dez mil cativos, e todos os artífices e ferreiros; ninguém ficou senão o povo pobre da terra.
15 Assim transportou Joaquim para Babilônia; como também a mãe do rei, as mulheres do rei, os seus oficiais, e os poderosos da terra, ele os levou cativos de Jerusalém para Babilônia.
16 Todos os homens valentes, em número de sete mil, e artífices e ferreiros em número de mil, todos eles robustos e destros na guerra, a estes o rei de Babilônia levou cativos para Babilônia.
17 E o rei de Babilônia constituiu rei em lugar de Joaquim a Matanias, seu tio paterno, e lhe mudou o nome em Zedequias.
18 Zedequias tinha vinte e um anos quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Ha
19 Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme tudo quanto fizera Jeoiaquim.
20 Por causa da ira do Senhor, assim sucedeu em Jerusalém, e em Judá, até que ele as lançou da sua presença. E Zedequias se rebelou contra o rei de Babilônia." (II Rs 24.1-20).

II Reis 25

Destruição de Judá pelos Babilônios

No início deste 25º capítulo de II Reis são descritas as ações que foram empreendidas por Nabucodonosor, para conquistar Jerusalém, depois de tê-la sitiado por dois anos (v. 1, 2), e este estado de sítio foi tão rigoroso que a fome foi muito grande dentro dos muros de Jerusalém, e no 9º dia do 4º mês do 11º ano do reinado de Zedequias, a cidade foi arrombada pelos babilônios e todos os homens do exército de Israel fugiram e com eles o rei, mas tendo o exército de Babilônia perseguido o rei Zedequias, este foi alcançado nas Campinas de Jericó e todo o exército de Judá se dispersou (v. 3 a 5).

Preso Zedequias, foi conduzido à presença de Nabucodonosor que sentenciou que seus filhos fossem degolados na sua presença, e que seus olhos fossem vazados, e que fosse conduzido para Babilônia preso em cadeias de bronze (v. 6, 7).

Um mês depois, Nabucodonor enviou Nebuzaradão, capitão da sua guarda, a Jerusalém para queimar a cidade, derrubar os seus muros, queimar o templo e o palácio do rei, e todas as casas imponentes de Jerusalém, e para levar cativo todo o restante do povo que havia na terra, sendo deixados apenas alguns entre os mais pobres para serem vinhateiros e agricultores (v. 8 a 12).

Nos versos 13 a 21 são descritos os detalhes das ações empreendidas por Nebuzaradão contra o templo e contra alguns oficiais da cidade que foram mortos pelos seus homens.

E sobre os pobres que haviam sido deixados em Judá, Nabucodonosor nomeou um governador sobre eles chamado

Gedalias (v. 22) mas no sétimo ano do seu governo alguns homens de Judá, liderados por Ismael, que era da descendência real mataram Gedalias e os judeus e babilônios que o apoiavam em seu governo (v. 23 a 25).
E temendo uma represália dos babilônios todo o povo que havia sido deixado em Judá fugiu para o Egito (v. 26).
Nos versos 27 a 30 é descrita a bondade que o novo rei de Babilônia, Evil-Merodaque tivera para com o rei Joaquim, que se encontrava no cativeiro há 37 anos, sendo libertado por este da sua prisão domiciliar e sendo conduzido a uma posição de honra no reino de Babilônia, recebeu um trono que estava acima de todos os demais tronos dos reis vassalos das demais nações, que se encontravam em Babilônia, e é dito que ele se sentou à mesa da corte real até o último dia da sua vida.
O cativeiro duraria setenta anos, e isto indica o favor que Deus fez com que Judá encontrasse da parte dos babilônios no cativeiro.
E muito do que estava sendo feito por Ele através dos profetas Daniel e Ezequiel certamente veio a contribuir muito para isto.

"1 E sucedeu que, ao nono ano do seu reinado, no décimo dia do décimo mês, Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio contra Jerusalém com todo o seu exército, e se acampou contra ela; levantaram contra ela tranqueiras em redor.
2 E a cidade ficou sitiada até o décimo primeiro ano do rei Zedequias.
3 Aos nove do quarto mês, a cidade se via tão apertada pela fome que não havia mais pão para o povo da terra.
4 Então a cidade foi arrombada, e todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho da porta entre os dois muros, a qual estava junto ao jardim do rei (porque os caldeus estavam contra a cidade em redor), e o rei se foi pelo caminho da Arabá.

5 Mas o exército dos caldeus perseguiu o rei, e o alcançou nas campinas de Jericó; e todo o seu exército se dispersou.
6 Então prenderam o rei, e o fizeram subir a Ribla ao rei de Babilônia, o qual pronunciou sentença contra ele.
7 Degolaram os filhos de Zedequias à vista dele, vasaram-lhe os olhos, ataram-no com cadeias de bronze e o levaram para Babilônia.
8 Ora, no quinto mês, no sétimo dia do mês, no ano décimo nono de Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio a Jerusalém Nebuzaradão, capitão da guarda, servo do rei de Babilônia;
9 e queimou a casa do Senhor e a casa do rei, como também todas as casas de Jerusalém; todas as casas de importância, ele as queimou.
10 E todo o exército dos caldeus, que estava com o capitão da guarda, derrubou os muros em redor de Jerusalém.
11 Então o resto do povo que havia ficado na cidade, e os que já se haviam rendido ao rei de babilônia, e o resto da multidão, Nebuzaradão, capitão da guarda, levou cativos.
12 Mas dos mais pobres da terra deixou o capitão da guarda ficar alguns para vinheiros e para lavradores.
13 Ademais os caldeus despedaçaram as colunas de bronze que estavam na casa do Senhor, como também as bases e o mar de bronze que estavam na casa do senhor e levaram esse bronze para Babilônia. ,
14 Também tomaram as caldeiras, as pás, as espevitadeiras, as colheres, e todos os utensílios de bronze, com que se ministrava,
15 como também os braseiros e as bacias; tudo o que era de ouro, o capitão da guarda levou em ouro, e tudo o que era de prata, em prata.
16 As duas colunas, o mar, e as bases, que Salomão fizera para a casa do Senhor, o bronze de todos esses utensílios era de peso imensurável.
17 A altura duma coluna era de dezoito côvados, e sobre ela havia um capitel de bronze, cuja altura era de três côvados;

em redor do capitel havia uma rede e romãs, tudo de bronze; e semelhante a esta era a outra coluna com a rede.
18 O capitão da guarda tomou também Seraías, primeiro sacerdote, Sofonias, segundo sacerdote, e os três guardas da entrada.
19 Da cidade tomou um oficial, que tinha cargo da gente de guerra, e cinco homens dos que viam a face do rei e que se achavam na cidade, como também o escrivão-mor do exército, que registrava o povo da terra, e sessenta homens do povo da terra, que se achavam na cidade.
20 Tomando-os Nebuzaradão, capitão da guarda, levou-os ao rei de Babilônia, a Ribla.
21 Então o rei de Babilônia os feriu e matou em Ribla, na terra de Hamate. Assim Judá foi levado cativo para fora da sua terra.
22 Quanto ao povo que tinha ficado, na terra de Judá, Nabucodonosor, rei de Babilônia, que o deixara ficar, pôs por governador sobre ele Gedalias, filho de Aicão, filho de Safã.
23 Ouvindo, pois, os chefes das forças, eles e os seus homens, que o rei de Babilônia pusera Gedalias por governador, vieram ter com Gedalias, a Mizpá, a saber: Ismael, filho de Netanias, Joanã, filho de Careá, Seraías, filho de Tanumete netofatita, e Jaazanias, filho do maacatita, eles e os seus homens.
24 E Gedalias lhe jurou, a eles e aos seus homens, e lhes disse: Não temais ser servos dos caldeus; ficai na terra, e servi ao rei de Babilônia, e bem vos irá.
25 Mas no sétimo mês Ismael, filho de Netanias, filho de Elisama, da descendência real, veio com dez homens, e feriram e mataram Gedalias, como também os judeus e os caldeus que estavam com ele em Mizpá.
26 Então todo o povo, tanto pequenos como grandes, e os chefes das forças, levantando-se, foram para o Egito, porque temiam os caldeus.
27 Depois disso sucedeu que, no ano trinta e sete do cativeiro de Joaquim, rei de Judá, no dia vinte e sete do décimo

segundo mês, Evil-Merodaque, rei de Babilônia, no ano em que começou a reinar, levantou a cabeça de Joaquim, rei de Judá, tirando-o da casa da prisão;
28 e lhe falou benignamente, e pôs o seu trono acima do trono dos reis que estavam com ele em Babilônia.
29 Também lhe fez mudar as vestes de prisão; e ele comeu da mesa real todos os dias da sua vida.
30 E, quanto à sua subsistência, esta lhe foi dada de contínuo pelo rei, a porção de cada dia no seu dia, todos os dias da sua vida." (II Rs 25.1-30).